



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E ECONÔMICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

MARCELO CALDERARI MIGUEL

**Formação e preservação do acervo fotográfico do Instituto Histórico e Geográfico de
Vila Velha (IHGVV): memórias, testemunhos e o patrimônio canela-verde**

VITÓRIA
2024

MARCELO CALDERARI MIGUEL

**Formação e preservação do acervo fotográfico do Instituto Histórico e Geográfico de
Vila Velha (IHGVV): memórias, testemunhos e o patrimônio canela-verde**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação. Linha de pesquisa: Memória, Representação e Informação.

Orientadora: Professora Dra. Rosa da Penha Ferreira da Costa.

VITÓRIA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Federal do Espírito Santo - UFES

Sistema Integrado de Bibliotecas - SIB/Ufes (campus de Goiabeiras)

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M577f

Miguel, Marcelo Calderari.

—Formação e preservação do acervo fotográfico do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV) : memórias, testemunhos e o patrimônio canela-verde / Marcelo Calderari Miguel. – 2024. 147 f. : il. color.

—Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Ciência da Informação, Vitória, 2024.

—Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Rosa da Penha Ferreira da Costa.

1. Fotografia. 2. Memória coletiva. 3. Patrimônio. 4. Preservação documental. I. Título.

CDU 001



ATA DA 40ª SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

Em 23 de julho de 2024, às 15 horas, reuniu-se a banca examinadora composta pelos Profs. Drs. Rosa da Penha Ferreira da Costa (orientadora - PPGCI/UFES), Lucileide Andrade de Lima do Nascimento (membro interno - PPGCI/UFES) e Gillian Leandro de Queiroga Lima (membro externo - Universidade Federal da Bahia) para a defesa de dissertação de **Marcelo Calderari Miguel**, com o título: FORMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE VILA VELHA (IHGVV): MEMÓRIAS, TESTEMUNHOS E O PATRIMÔNIO CANELA-VERDE. Todos os participantes da banca estavam remotos e de forma voluntária, por meio de videoconferência. Estando presentes os examinadores e o mestrando, a presidente da banca deu início à sessão passando a palavra ao discente, que procedeu com a exposição de sua pesquisa por aproximadamente 30 minutos. Após, os examinadores formularam as arguições, as quais foram respondidas pelo discente. Em seguida, os membros da banca se reuniram reservadamente para discussão e deliberação do resultado. Novamente com todos presentes, a presidente da sessão leu a decisão da banca examinadora que resultou na **APROVAÇÃO** do examinando. Por fim, informou que o aprovado fará jus ao diploma de Mestre em Ciência da Informação depois de cumpridos todos os requisitos para a conclusão do curso, a saber: entrega da versão final da dissertação com os ajustes indicados pela banca examinadora e os demais requisitos estabelecidos nas Orientações pós-defesa do PPGCI/UFES. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão da qual se lavra a presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora e pelo mestrando.

[assinatura digital]

Profa. Dra. Rosa da Penha Ferreira da Costa
Orientadora

[assinatura digital]

Profa. Dra. Lucileide Andrade de Lima do Nascimento
PPGCI/UFES

[assinatura digital]

Prof. Dr. Gillian Leandro de Queiroga Lima
Universidade Federal da Bahia

[assinatura digital]

Marcelo Calderari Miguel
Mestrando

Campus Universitário Almor de Queiroz Araújo – Av. Fernando Ferrari, 514, Vitória/ES. CEP: 29.075-910.
Tel.:4009-2794 - E-mail: ppgci.ufes@gmail.com – www.cienciadainformacao.ufes.br





Ata de defesa - Marcelo.docx

Data e Hora de Criação: 23/07/2024 às 18:24:02

Documentos que originaram esse envelope:

- Ata de defesa - Marcelo.docx (1).pdf (Arquivo PDF) - 1 página(s)



Hashs únicas referente à esse envelope de documentos

[SHA256]: 7d7f0367d36afaa9e33970e66fe17e748fd500868a13cebc5e4db5b0c65e9233

[SHA512]: f9e78b2526a751d992f9a059d488dad5782bfc18f404100d7f6e4e0233f599b98dbc199cdc44a7933e5c68f4c793f44db70a8d05ac3f014cd40a86d389eff

Lista de assinaturas solicitadas e associadas à esse envelope



ASSINADO - Rosa da Penha Ferreira da Costa (rosapenha2012@gmail.com)

Data/Hora: 23/07/2024 - 18:29:44, IP: 179.95.98.75, Geolocalização: [-20.324971, -40.367688]

[SHA256]: fb3f5d6284e3edba561a3d76ae34cdf3b11a16f834deee80563ca11cc2030af2



ASSINADO - Lucileide Andrade de Lima do Nascimento (lucileide.nascimento@ufes.br)

Data/Hora: 23/07/2024 - 20:55:30, IP: 177.137.224.203, Geolocalização: [-20.288588, -40.296245]

[SHA256]: f05d251ee0a1af1ad8702fc6b28e7f42d7d7b87cb28e843329b1219277782f7f



ASSINADO - Gillian Leandro de Queiroga Lima (gillianqueiroga@ufba.br)

Data/Hora: 26/07/2024 - 09:38:21, IP: 200.128.60.143, Geolocalização: [-12.994679, -38.521685]

[SHA256]: a057c7541c6bcea69ca5f22c38e6e599694b06eca0849d055691793328a959c1



ASSINADO - Marcelo Calderari Miguel (marcelocalderari@yahoo.com.br)

Data/Hora: 26/07/2024 - 10:30:54, IP: 191.57.21.123, Geolocalização: [-20.320759, -40.337764]

[SHA256]: ed2c2685f25d1379484332d662f79b232ad72998194d83e3f87e7beaa726eb07

Histórico de eventos registrados neste envelope

26/07/2024 10:30:54 - Envelope finalizado por marcelocalderari@yahoo.com.br, IP 191.57.21.123

26/07/2024 10:30:54 - Assinatura realizada por marcelocalderari@yahoo.com.br, IP 191.57.21.123

26/07/2024 09:38:21 - Assinatura realizada por gillianqueiroga@ufba.br, IP 200.128.60.143

25/07/2024 13:59:15 - Envelope visualizado por gillianqueiroga@ufba.br, IP 200.128.60.143

23/07/2024 20:55:30 - Assinatura realizada por lucileide.nascimento@ufes.br, IP 177.137.224.203

23/07/2024 20:55:22 - Envelope visualizado por lucileide.nascimento@ufes.br, IP 177.137.224.203

23/07/2024 18:29:44 - Assinatura realizada por rosapenha2012@gmail.com, IP 179.95.98.75

23/07/2024 18:29:16 - Envelope visualizado por rosapenha2012@gmail.com, IP 179.95.98.75

23/07/2024 18:26:18 - Envelope registrado na Blockchain por edma.jantorno@ufes.br, IP 131.255.20.10

23/07/2024 18:26:17 - Envelope encaminhado para assinaturas por edma.jantorno@ufes.br, IP 131.255.20.10

23/07/2024 18:24:03 - Envelope criado por edma.jantorno@ufes.br, IP 131.255.20.10

AGRADECIMENTOS

Nesses anos iniciais da década de 2020, um período marcado por turbulências globais, como as tensões entre os Estados Unidos e o Irã, a pandemia de Covid-19, a guerra do Tigré na Etiópia, a queda de Cabul com a retomada do Talibã no Afeganistão, a invasão russa na Ucrânia em 2022 e o fim do reinado de Elizabeth II, minha jornada de mestrado e a descoberta do Transtorno do Espectro Autista (TEA) constituíram uma montanha-russa de sensações que culminaram no despertar da minha consciência imediata e a refletida. Em meio a essas tempestades, muitas pessoas foram meus companheiros e companheiras fiéis, compartilhando sua intimidade material e sensitiva com um completo desconhecido. Sem a generosidade e o apoio delas, eu nada teria alcançado.

Expresso minha imensa gratidão aos profs. Drs. Anna Carla Almeida Mariz, Daniela Lucas da Silva Lemos, Gillian Leandro de Queiroga Lima, Gleice Pereira, Henrique Monteiro Cristovão, Lucileide Andrade de Lima do Nascimento, Luiz Carlos da Silva, Maira Cristina Grigoletto, Margarete Farias de Moraes, Marta Leandro da Mata, Meri Nadia Marques Gerlin, Rosa da Penha Ferreira da Costa (orientadora) e Taiguara Villela Aldabalde. Agradeço igualmente o apoio da diretoria 2023-2026 do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV), composta por Elder Ferreira Marques Nunes, Lauro Antônio Souza Rodrigues, Luiz Paulo Siqueira Rangel (Presidente), Luiza Celina Negrelli Valdetaro Rangel, Marco Antônio Rodrigues Feitosa, Maria Cristina Valdetaro Rangel, Murilo Gonçalves Coelho, Paulo Roberto Segatto Simões, Ricardo Coelho dos Santos, Roberto Brochado Abreu, Rogério Binda Constantino e Walter de Aguiar Filho, entre outros confrades.

Meu reconhecimento e agradecimento são direcionados às amizades que, numa troca afetuosa de experiências e incentivos, me animaram ao longo dessa trajetória. De forma particular, agradeço a Alzinete Maria Rocon Biancardi, André Malverdes, Breno Emanuel Sundehus, Celso Adolfo Sales, Dulcinea Sarmiento Rosemberg, Jonatan Lappa de Lima, Dra. Lara Giovanka Menezes, Maycon Douglas dos Santos da Silva, Philippe Peterle Modolo, Regina Maria Calderari Miguel, Rogério Zanon da Silveira, Sátia Marini e Sandra Maria Souza Carvalho. Minha profunda gratidão pela receptividade, incentivo e colaboração durante meus estudos, na privilegiada companhia de sua afetuosa, inteligente e bem-humorada humanidade.

– Carlos, e se você pintasse essa árvore?
[...] Ele começou a pintar navios e eu continuei na atitude
que tinha escolhido tomar naquele dia:
– Carlos, onde é que você está vendo navios às 10 horas
da manhã, aqui nesse morro?
Ele olhou para mim com estranheza e disse:
– Ora, ora, são navios navegando entre as estrelas!
[Nise da Silveira narra diálogo com Carlos Pertuis,
artista, paciente interno do Engenho de Dentro]

“É necessário se espantar, se indignar e se contagiar.
Só assim é possível mudar a realidade”.
(Silveira, 2007)

RESUMO

Investiga-se como o processo de formação e preservação do acervo fotográfico do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV) contribui para a preservação da memória coletiva de Vila Velha (ES). O objetivo geral deste estudo é analisar o processo de formação e preservação do acervo fotográfico do IHGVV para a preservação da memória coletiva do município. Especificamente, a pesquisa explora as relações entre memória coletiva e preservação de acervos fotográficos no campo da ciência da informação, descreve o processo de formação e consolidação desse acervo, diagnostica as estratégias de preservação utilizadas e avalia a atuação do IHGVV na preservação da memória coletiva, desde sua emergência até suas finalidades atuais. Fundamentado em teorias de memória coletiva e lugar de memória, como as de Maurice Halbwachs e Pierre Nora, que tratam a memória como um fenômeno social e coletivo, o estudo adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório-descritivo, centrada no estudo de caso do IHGVV. A metodologia combina revisão bibliográfica, análise documental de atas de reuniões, observação das diretrizes operacionais dos colaboradores e entrevistas para compreender as práticas de gestão do acervo iconográfico dessa instituição de utilidade pública. Os resultados revelam que o acervo imagético do IHGVV é crucial para preservar a memória coletiva e afetiva de Vila Velha (ES), de forma a fortalecer os laços culturais da comunidade e garantir que a população tenha acesso a um patrimônio que preserve a história e conecte diferentes gerações. A pesquisa destaca práticas eficazes de conservação que podem ser aplicadas em outras instituições museológicas e arquivísticas, e propõe ações concretas para a ampliação, difusão e mediação desse acervo. Para maximizar a preservação e o alcance do acervo imagético, recomenda-se a implementação de Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística e Repositórios Arquivísticos Digitais Confiáveis (RDC-Arq), que não apenas asseguram autenticidade (identidade e integridade), confidencialidade, disponibilidade e preservação desses documentos, mas também ampliam o acesso à memória coletiva da cidade. Essa pesquisa sublinha a importância de estratégias integradas de gestão arquivística e políticas públicas que valorizem a história de instituições como o IHGVV, contribuindo para a continuidade da preservação cultural.

Palavras-chave: Fotografia; Memória coletiva; Patrimônio; Preservação documental.

ABSTRACT

Our research focuses on how the development and maintenance of the photo archive at the Historical and Geographical Institute of Vila Velha (IHGVV) help safeguard the shared history of Vila Velha (ES). The main goal of this research is to examine how the IHGVV's photo collection was created and maintained to safeguard the town's shared history. The study focuses on how collective memory influences the maintenance of photo collections in information Science, describes the process of formation and consolidation of this collection, diagnoses the preservation strategies used and evaluates the IHGVV's performance in preserving collective memory, from their early stages to their current objectives. The foundation of this concept lies in the social and collective aspects of memory, as discussed by Maurice Halbwachs and Pierre Nora. The research utilizes a qualitative method, focusing on exploring and describing the IHGVV case study. The methodology involves examining the bibliographic review, making a documentary analysis of meeting minutes, observing employees' operational guidelines and interviews to understand the management practices of the iconographic collection of this public utility institution. It has been found that the IHGVV's visual repository is essential for protecting the shared and emotional memories of Vila Velha, with the intention of reinforcing the cultural ties within the society and securing intergenerational availability to a tradition that respects the past and unifies various age groups. The research highlights successful conservation methods that can be employed in other museum and archival organizations, and suggests specific actions for the expansion, dissemination and mediation of this collection. For optimal preservation and accessibility of the image collection, it is advised to introduce Computerized Archival Management Systems and Reliable Digital Archival Repositories (RDC-Arq). Their responsibility is to ensure the legitimacy, confidentiality, availability, and perpetuation of these documents, while also improving the public's access to the city's collective past. This research highlights the importance of integrated archival management strategies and public policies that value the history of institutions such as IHGVV, which aid in the ongoing effort of cultural preservation.

Keywords: Photography; Collective Memory; Heritage; Documentary Preservation.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação
APEES	Arquivo Público do Estado do Espírito Santo
BDA	Base de Dados em Arquivística
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
BRAPCI	Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação
CAAE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
CEP/UFES	Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo
CI	Ciência da Informação
CNAE	Classificação Nacional de Atividades Econômicas
Conarq	Conselho Nacional de Arquivos
CRFB	Constituição da República Federativa do Brasil
CT&I	Ciência, Tecnologia e Inovação
DBTA	Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística
ENANCIB	Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
ES	Espírito Santo
Ibram	Instituto Brasileiro de Museus
IGHs	Institutos Históricos e Geográficos
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGTV	Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGPD	Lei Geral de Proteção de Dados
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PMVV	Prefeitura Municipal de Vila Velha
PPGCI	Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação
RNL	Revisão Narrativa de Literatura
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO: BALUARTE DAS ORIGENS E O OÁSIS DE RECORDAÇÕES	12
2	PELO JARDIM DAS HESPÉRIDES DA LITERATURA ACADÊMICA: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA –RNL	20
2.1	LENTE DO TEMPO: FOTOGRAFIAS COMO SUSTENTÁCULOS DA MEMÓRIA COLETIVA.....	22
2.2	A MAGIA DO PATRIMÔNIO: COMO A FOTOGRAFIA REVIVE E RECREIA NOSSAS RAÍZES CULTURAIS	28
2.3	LUGARES DE MEMÓRIA: O LABIRINTO DAS RECORDAÇÕES E A FORÇA DA IDENTIDADE	33
2.4	PRESERVAÇÃO OU PERDA? O FUTURO DOS ACERVOS FOTOGRÁFICOS EM JOGO	36
2.5	ENTRE ECOS E RELÍQUIAS: O GARIMPO DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS PELOS INSTITUTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS	39
3	TECENDO MEMÓRIAS VIVAS: A FOTOGRAFIA E O IHGVV NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA E PATRIMÔNIO COLETIVO	42
3.1	A MEMÓRIA COLETIVA NA FORMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA CULTURA LOCAL	42
3.2	GUARDIÃO DAS MEMÓRIAS: A FOTOGRAFIA COMO PILAR DO PATRIMÔNIO CULTURAL E DOS LEGADOS HISTÓRICOS	44
3.3	O IHGVV SOB O PRISMA E A INCUMBÊNCIA DE SE PRESERVAR O BEM CULTURAL	46
4	TESSITURAS E MOSAICOS: A TRAMA METODOLÓGICA DA PESQUISA CIENTÍFICA	49
4.1	DA NATUREZA E DA CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	49
4.2	DA ESTRATÉGIA QUE SITUA A REVISÃO DE LITERATURA	51
4.3	DO OLHAR SOBRE O CASO, SOBRE O CAMPO DE AÇÃO	51
4.4	DA PRODUÇÃO, OBTENÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS	53
4.5	DOS PROCEDIMENTOS ÉTICOS DE PESQUISA	56
4.6	DAS DIRETRIZES DE RISCOS E BENEFÍCIOS	58

5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	59
5.1	MEMÓRIAS IMORTAIS: JORNADA E INTERVENÇÃO EM PROL DA AQUISIÇÃO E PRODUÇÃO	61
5.2	GUARDIÃS DO TEMPO: AVALIAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E CONSERVAÇÃO AO ENCONTRO DO LEGADO IMAGÉTICO	68
5.3	EXPLORAÇÃO DO PATRIMÔNIO VISUAL: A DESCRIÇÃO E O ACESSO ÀS MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS DO IHGVV	78
6	DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	88
6.1	PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO IHGVV.....	93
6.2	PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO IHGVV.....	98
6.3	O PRISMA DA PRESERVAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO ACERVO NO IHGVV	104
6.4	AÇÕES ADIMPLIDAS QUE CONTRIBUEM PARA A PRESERVAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DE VILA VELHA - ES	115
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	121
	REFERÊNCIAS	129
	ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	142
	APÊNDICE – ROTEIRO DE ABORDAGENS E TÓPICOS SEMIESTRUTURADOS PARA A PESQUISA (RATS-P)	145

1 INTRODUÇÃO: BALUARTE DAS ORIGENS E O OÁSIS DE RECORDAÇÕES

O interesse nesta pesquisa emergiu durante o estágio supervisionado em 2022, no curso de bacharelado em Arquivologia na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Essa experiência prática e profissional despertou o desejo de investigar mais a fundo o Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV), conduzindo o estudo com uma base teórica fundamentada na Ciência da Informação (CI). Estruturada para desenvolver, em uma fase subsequente, estratégias de preservação fotográfica, esta pesquisa considera as particularidades da patrimonialização cultural de arquivos no Brasil e revisita princípios arquivísticos. As reflexões e contribuições deste trabalho mostram a importância dos documentos fotográficos na preservação da história e da memória coletiva, evidenciando como esses registros visuais são essenciais para a compreensão do passado e a construção das identidades de comunidades, cidades e indivíduos.

O início deste estudo está vinculado à formação acadêmica e profissional na área da arquivologia, expandindo-se com o convite para integrar o conselho/diretoria do IHGVV, a partir de outubro de 2022. Com base nesse contato inicial e nas interações subsequentes ao longo deste percurso, espera-se que este projeto de mestrado contribua significativamente para a valorização da salvaguarda do patrimônio cultural do IHGVV. Ademais, apreender e registrar a memória, a fotografia¹ revela elementos indizíveis que podem gerar um impacto emocional comum entre seus observadores.

Este trabalho tem ainda relevância científica ao ampliar o campo de pesquisa a um instituto histórico e geográfico regionalizado e, assim, expandir olhares acadêmicos sobre a temática: o patrimônio cultural, a preservação e a memória coletiva. Ao mesmo tempo, o estudo contribui para a construção de novos saberes na área da CI, ao alargar o debate sobre as maneiras de se preservar o patrimônio e o acervo fotográfico a partir da perspectiva memorialista aplicada a certa realidade e processo de urbanização.

Segundo Rueda, Freitas e Valls (2011), foi a partir da década de 1970 que se intensificou no

¹ Paul Otlet, em seu tratado de 1934, ressalta a importância da fotografia no campo da documentação. Ele observa que a fotografia não apenas replica documentos existentes, mas também possibilita a criação de novos registros documentais (Otlet, 2018). A fotografia pode capturar imagens em contextos inacessíveis por outros meios, como em fotografias aéreas ou submarinas, e permite ampliar detalhes que seriam imperceptíveis ao olho humano. Essas características tornam a fotografia indispensável para enriquecer e expandir o acervo documental, mostrando fenômenos, paisagens e detalhes que, de outra forma, não poderiam ser registrados.

Brasil um movimento memorialista, que rapidamente se estendeu às organizações e instituições, tanto privadas quanto públicas. Nesse contexto, destaca-se que as ações da CI, com sua natureza interdisciplinar, facilitaram a comunicação e a disseminação de documentos – que integram informação e memória – entre os diversos tipos de instituições e usuários da informação, e promoveram uma integração mais efetiva e significativa no campo da preservação documental (Moreira; Valentim; Sant’Ana, 2018).

Pensar a fotografia como um artefato de apreensão de memória nos parece natural, uma vez que a cristalização, ainda que parcial, de determinado evento, nela se concretiza. Essa possibilidade de nomeá-la lugar de memória atravessa uma discussão bem maior acerca da intrínseca relação entre memória e história. Essa reflexão, levantada por Nora (1993), aponta a ‘aceleração da história’ como a responsável por estabelecer lugares ‘arquivos’ para que os seres humanos não esqueçam os eventos históricos individuais ou coletivos.

Por conseguinte, a relevância desta pesquisa se justifica ainda por ser um tema contemporâneo, de interesse social, por incluir diversas indagações abrangendo conservação e restauração, reconstrução e preservação de locais históricos, artísticos e culturais. Isso reproduz a dimensão e complexidade informacional, institucional e histórica que vem comprometendo a preservação da memória e do acervo fotográfico. No entanto, a função da fotográfica, como elemento intrínseco e arraigado na tradição, sofre uma transformação, deixa de ser a única responsável por situar tanto a narrativa comum quanto a narrativa histórica. Em contrapartida, o acervo fotográfico passa a estabelecer e incorporar o papel de veicular o discurso da memória coletiva. Destarte, as coleções de fotografias expressam um artefato de valor (informacional) para pesquisadores e memorialistas, e colaboram para a compreensão de eventos históricos fundamentais e para a construção da identidade cultural de uma sociedade em acelerada transformação.

Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (DBTA), o acesso documental é definido como uma função arquivística destinada a tornar os documentos acessíveis e promover a sua utilização (Brasil, 2005, p. 14). Persiste na análise uma esfera atinente a falta de políticas², incentivos e investimentos voltados para o enfoque da preservação de acervos fotográficos. Compreende-se que a ausência de elementos de

² A Resolução nº 41 do Conarq, datada de 9 de dezembro de 2014, recomenda a necessidade de instituir políticas de preservação da produção dos documentos, e ações tanto preventivas quanto curativas. O objetivo da resolução é garantir a preservação nas vias preventivas e curativas e reforçar a necessidade do zelo que abarca diferentes formas de expressão cultural, como áudio, imagem e música (Brasil, 2014).

salvaguarda em um sistema de gestão de acervos, a ausência de investimentos públicos, o pífio arcabouço legal e a fluidez das políticas públicas afetam a constituição de acervos fotográficos, no qual se reconhecem muitos pontos cruciais a serem abordados e corrigidos – visando assegurar o acesso e a difusão de recursos culturais e históricos valiosos.

Visto assim, ao buscar informações e ampliar o conhecimento sobre patrimônio cultural, inclusive as categorias ‘memória coletiva’ e ‘preservação de acervos fotográficos’, demonstra-se sua relevância tanto para o âmbito acadêmico quanto para a sociedade em geral. Isso favorece o resgate da memória, promove a valorização do patrimônio cultural brasileiro e disponibiliza informações para as futuras gerações. Além disso, essas ações contribuem para a formação de uma identidade cultural mais robusta e consciente, promovendo o entendimento e a apreciação da diversidade cultural do Brasil.

Entende-se que o acesso ao conhecimento gerado por essas iniciativas em prol da averiguação do patrimônio memorial, que soma artefatos iconográficos e audiovisuais, pode influenciar políticas públicas voltadas para a preservação do patrimônio, de forma a incentivar investimentos em infraestrutura e programas educacionais que visem a conservação e difusão dos acervos culturais. O estudo e a preservação do patrimônio cultural não apenas guardam a história de um povo, mas também fortalecem o vínculo das pessoas com o exercício da cidadania, cultura e tradições, criando um legado duradouro e significativo para todos.

O município dos canela-verde³ dispõe de amplos caminhos para a preservação de uma memória capixaba e congrega um rico patrimônio cultural que entrecruza a história e a formação do Brasil e não deve cair no esquecimento. Pollak (1989) argumenta que os lugares de memória remetem aos indicadores empíricos da memória coletiva de um grupo, fundamentando e reforçando os sentimentos de pertencimento e coesão social. Portanto, ao lançar olhares para a cidade de Vila Velha (ES)⁴, segundo município mais populoso do estado

³ Canela-verde, subtítulo e manifesto termo deste estudo, refere-se em especial aos moradores de Vila Velha – município localizado no litoral do estado do Espírito Santo, região Sudeste do Brasil. Repare que canela-verde (a alga marinha que gruda na perna) é o habitante do lugar e representa a entrada no território (desbravadores dos mares), a permanência no litoral (pesca nômade, indígenas), a tibia que fixa pecúlios (patrimônio, divícia). Não obstante, o famoso apelido ‘canela-verde’ pode ter origem “[...] no costume dos portugueses de usar meias longas verdes” (Anafisco, 2022, p. 1).

⁴ Vila Velha, situada no litoral do Espírito Santo, é a maior e mais antiga cidade do estado, pertencente às regiões geográficas intermediária e imediata de Vitória. Conhecida por suas praias encantadoras e pontos históricos, como o Convento da Penha (séc. XVI), o Forte de São Francisco Xavier (séc. XVII) e o Farol de Santa Luzia (séc. XIX), a cidade é popularmente chamada de “Veneza Capixaba”. Fundada em 23 de maio de 1535 pelo português Vasco Fernandes Coutinho como Vila do Espírito Santo, Vila Velha foi a sede da capitania até 1549, quando a capital foi transferida para Vitória e a cidade recebeu seu nome atual. No século XVI, os primeiros colonizadores portugueses encontraram a área disputada por três grupos indígenas: goitacás, aimorés e

do Espírito Santo, buscou-se compreender, em parte, como a instituição privada, sem fins lucrativos, contribui para a preservação e construção da memória coletiva na região.

No passado, o patrimônio cultural de Vila Velha foi palco de importantes movimentos históricos, políticos e sociais dos pioneiros colonizadores do Espírito Santo, com diversas ações sendo documentadas, preservadas e guardadas. A memória registrada e conservada constituiu e ainda constitui, como afirma Lodolini (1990, p. 157), a base “[...] de toda atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória”.

Diversos artefatos culturais vêm mobilizando memórias coletivas e articulam um sentimento de pertencimento local e, servem de “[...] apoio à salvaguarda da materialidade simbólica concebida como elemento de representação coletiva” (Silveira, 2007, p. 44). Dessa forma, o patrimônio cultural, em especial o fotográfico, exerce uma função social e simbólica – traz relações entre o passado e o presente de um grupo, enquanto sua função informacional e disseminativa da memória individual e coletiva – que se estabelece por meio de seus bens considerados patrimônio histórico-cultural.

Desse modo, cada pessoa é parte de um todo e constrói, com as demais, a história dessa sociedade, legando às gerações futuras o conhecimento que carrega múltiplas possibilidades de visibilidades e significações. Em vista disso, Pistorello (2018) aponta que preservar o patrimônio cultural é uma forma de manter viva toda a história e o desenvolvimento de um povo, sua cultura e arquitetura, seus costumes e crenças. Entende-se, então, o patrimônio cultural como uma “[...] forma impositiva de legitimação das representações, por intermédio das fotografias, serve como um meio importante para a constituição da identidade, tanto individual quanto coletiva” (Canabarro, 2005, p. 32).

Neste estudo, o IHGVV foi selecionado como o ambiente empírico para diagnosticar as estratégias de preservação de seu acervo fotográfico e analisar a atuação da instituição na preservação da memória coletiva de Vila Velha (ES), desde sua fundação até as suas atuais finalidades. A escolha do IHGVV considera sua localização de fácil acesso e ressalta Vila Velha como o berço da colonização do solo espírito-santense, devido ao seu valor histórico, arquitetônico, artístico e cultural.

O IHGVV, como baluarte da história do estado do Espírito Santo, é uma parte integral da

história da cidade e atua na preservação do patrimônio cultural material e imaterial da localidade.

A partir do aporte teórico desta pesquisa, busca-se suprir a lacuna existente sobre a formação e preservação do acervo fotográfico em entidades de utilidade pública (municipal, estadual ou federal). A investigação visa identificar elementos relevantes para a defesa da memória coletiva, do patrimônio cultural e da preservação fotográfica de acervos no âmbito da CI. Destaca-se a importância do patrimônio fotográfico do IHGVV, o que demanda a contextualização da criação do instituto e das ações adotadas para a preservação e construção da memória e do patrimônio da região. A pesquisa examina as políticas, normas e procedimentos institucionais do IHGVV para verificar quais ações relacionadas ao acervo fotográfico contribuem para a preservação e a disseminação da memória coletiva de Vila Velha.

Nessa via, o desenvolvimento econômico da região de Vila Velha⁵ abrange núcleos de atividades agropecuárias, artesanato e exploração turística (Effgen; Mozine, 2022). O turismo, em particular, é de grande importância por explorar bens naturais e culturais, e se beneficia de um rico patrimônio material e imaterial do período colonial do Brasil.

Preservar o patrimônio cultural material dessa região histórica e secular, por meio das ações empregadas pelo IHGVV, pode significar manter viva a memória coletiva – e assim, desenvolver um processo de (re)construção de pertencimento desses sujeitos envolvidos, pois “[...] o passado só permanece vivo através de trabalhos de síntese da memória, que nos dão a oportunidade de revivê-lo a partir do momento em que o indivíduo passa a compartilhar suas experiências, tornando com isso a memória viva” (Alberti, 2004, p. 15).

Considerando a contextualização de uma região com um rico patrimônio cultural material e os desdobramentos da importância do acervo fotográfico para a memória coletiva, é essencial indicar os aspectos cruciais que evidenciam a relevância histórica, cultural e social desses registros. Esses acervos fotográficos tanto preservam a história e a cultura local, quanto são fundamentais para a valorização da identidade de um povo e de sua região. Além disso, é vital na divulgação das tradições locais e no fomento ao turismo cultural, contribuindo para o desenvolvimento econômico ao gerar empregos e renda, e fortalecer as comunidades locais.

⁵ A Capixapédia esclarece que antes mesmo da ilha de Vitória ser a capital de todos os capixabas, Vila Velha foi sede do governo durante 14 anos (Zagoto, 2022). Hodiernamente o município de Vila Velha é formado por cinco distritos: Centro, Argolas, Ibes, São Torquato e Jucu (Carvalho, 2014).

Ao zelar pela preservação desses registros fotográficos, o IHGVV contribui para a proteção do ecossistema — ambiental, social, cultural e informacional —, uma vez que muitos desses registros estão associados às paisagens e à natureza da região. Portanto, deve-se desenvolver políticas públicas e ações que visem a proteção e a difusão desse acervo, promovendo o interesse e a curiosidade, e aumentando o engajamento da população local na preservação e valorização do patrimônio cultural material e imaterial da região. A divulgação desses registros pode estimular a pesquisa e a produção de novos conhecimentos sobre a história e a cultura local, contribuindo para o desenvolvimento cultural, educacional e turístico da região.

Visto assim, o acervo fotográfico do IHGVV, como lugar de memória, desempenha uma “[...] função informacional, no sentido de lembrar os acontecimentos, pessoas e lugares que realmente existiram e cujas provas podemos encontrar nesses lugares” (Murguia, 2010, p. 8). Ao traçar o processo de busca de informações sobre um passado histórico avalia como as ações de resgate da memória, por meio do acervo fotográfico do IHGVV, têm contribuído para a valorização e a preservação do patrimônio fotográfico tanto para as atuais quanto para as futuras gerações.

Nosso objeto de estudo fundamenta-se na premissa de que as ações propostas e executadas pelo IHGVV, relacionadas ao seu acervo fotográfico, representam uma alternativa significativa para a preservação da cultura material e imaterial de Vila Velha e contribuem para a projeção da memória coletiva para as futuras gerações. Nessa perspectiva, destaca-se que patrimônio cultura está ligado à memória coletiva, ao passado e à cultura, sendo necessária sua preservação de forma ampla a fim de reconhecer um passado como representativo da cidadania (Prado; Carvalho; Armelin, 2006, p. 1).

Percebe-se a relevância do patrimônio cultural na vida da sociedade, pois serve de lembrança à memória coletiva que com ele se identifica. Sua perda acarreta a perda desta identidade às futuras gerações. A destruição do patrimônio cultural priva a geração presente e as futuras de dados importantes para sua própria compreensão e constitui um empobrecimento do patrimônio dos povos (Prado; Carvalho; Armelin, 2006, p. 1).

À luz dessa conjectura, levanta-se o seguinte problema de pesquisa: como o processo de formação e preservação do acervo fotográfico do IHGVV tem contribuído para a preservação da memória coletiva do município de Vila Velha? A partir desse problema, foram delineados os objetivos geral e específicos que guiaram a investigação, direcionando o foco para a compreensão das ações de constituição do acervo fotográfico do IHGVV, com destaque para potenciais lacunas e desafios. Este estudo tem como objetivo geral analisar o processo de

formação e cuidado do acervo fotográfico do IHGVV para a preservação da memória coletiva do município de Vila Velha.

Especificamente, busca-se discutir as relações entre memória coletiva e preservação de acervos fotográficos no campo da CI⁶. Pretende-se descrever o processo de formação e consolidação do acervo fotográfico do IHGVV. Outro objetivo é diagnosticar as estratégias de preservação utilizadas no acervo fotográfico do IHGVV e analisar sua atuação na preservação da memória coletiva de Vila Velha, desde sua emergência até suas finalidades atuais.

Essa abordagem permite uma análise aprofundada e estruturada. Ela proporciona uma compreensão ampla do papel do acervo fotográfico do IHGVV na construção e preservação da identidade histórica e cultural de Vila Velha. Ao reconhecer os desafios e oportunidades no processo de formação e preservação do acervo, este estudo contribui para o aprimoramento das estratégias de gestão documental e preservação da memória coletiva, fortalecendo a importância do IHGVV como guardião da história e cultura do município.

Delimitada a premissa, o problema de pesquisa, o objetivo geral e os objetivos específicos, o capítulo seguinte apresenta a Revisão Narrativa de Literatura (RNL), que fundamenta a redação científica. Segundo Rother (2007) e Brum *et al.* (2015), a RNL é caracterizada por seu escopo amplo e busca descrever o desenvolvimento de um assunto sob a perspectiva teórica ou contextual, por meio da análise e interpretação da produção científica existente. Essa abordagem, conforme os autores mencionados, visa identificar lacunas de conhecimento pela abrangência temática, sem a necessidade de esgotar todas as fontes de informação ou aplicar estratégias de busca exaustivas. A seleção e a interpretação dos estudos podem refletir a subjetividade do contexto informacional dinâmico.

Em seguida, o referencial teórico e a caracterização do campo de ação serão desenvolvidos com o objetivo de contextualizar brevemente a identidade sócio-existencial e constitutiva do IHGVV, uma entidade privada de fins não lucrativos, reconhecida como de utilidade pública e interesse social pelas autoridades municipais e estaduais do Espírito Santo (Miguel; Furtado;

⁶ Esta pesquisa está integrada ao campo da CI no PPGCI/Ufes, considerando as particularidades no tratamento das fotografias como documentos arquivísticos. No contexto da linha de pesquisa 'Memória, Representação e Informação', este estudo aborda a memória coletiva, gestão do patrimônio cultural e informacional. Como abordagem interdisciplinar da CI, incorpora a seara patrimonial, as linguagens artísticas e a tecnologia – ampliam o escopo acadêmico da arquivologia. A conexão da pesquisa com a CI no PPGCI/Ufes fortalece a base ao ofertar perspectivas enriquecedoras sobre o papel da fotografia em acervos e a valorização da memória institucional e coletiva – o que torna o patrimônio documental fotográfico crucial para as Casas e Centros de Memória no Brasil.

Silva, 2022).

Assim sendo, esta pesquisa está alinhada com o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGCI/UFES), na área de concentração Informação, Sociedade e Cultura, e em conformidade com a Linha 2 – Memória, Representação e Informação. Essa linha promove o desenvolvimento de estudos que exploram aspectos como cultura, preservação, memória, patrimônio e documento, considerando diversas abordagens teóricas e epistemológicas nas ciências sociais aplicadas. Destaca-se que a preservação da memória e do patrimônio está intrinsecamente ligada à ciência da informação, que enfatiza a importância da formação e preservação do documento fotográfico para a construção do patrimônio e da memória coletiva.

A relevância do acervo fotográfico se reflete na crescente arquitetura da preservação e na gestão arquivística do processo de organização de documentos e informações. A pesquisa vai ao encontro de uma concepção de compreensão e valorização do patrimônio e da memória coletiva. Além disso, ela contribui para a criação de políticas públicas e estratégias institucionais que asseguram a preservação e o acesso aos bens culturais, promovendo a educação patrimonial e o fortalecimento da identidade comunitária.

Em síntese, a fotografia é culturalmente significativa devido à sua capacidade de informar e desinformar, emocionar e transformar, bem como denunciar e manipular. Esse artefato complexo e ambíguo fascina continuamente a humanidade, pois preserva referências e lembranças individuais e documenta os feitos cotidianos das pessoas e sociedades em suas diversas ações. Ao fixar a memória histórica, a fotografia também pode ser utilizada para fins ideológicos e direcionados. As imagens têm um papel cultural e se equiparam às palavras na comunicação e na formação de percepções.

2 PELO JARDIM DAS HESPÉRIDES DA LITERATURA ACADÊMICA: UMA REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA – RNL

A Revisão Narrativa de Literatura (RNL), essa etapa reúne as fontes de pesquisa, fornece o embasamento teórico necessário para esta investigação. Nesse contexto, conceitos como memória coletiva, patrimônio cultural e acervo fotográfico são categorias essenciais para atingir os objetivos propostos, que envolvem preservação, formação e papel social e institucional desempenhados pelo IHGVV no Espírito Santo. Assim, a fundamentação teórica é alicerçada na análise da configuração memorialista e patrimonialista, e explora a interrelação dessas categorias dentro da dinâmica das ciências sociais aplicadas.

Em linhas gerais, a RNL representa um procedimento essencial que integra a pesquisa qualitativa com a avaliação da produção e o uso de literatura acadêmica voltada para uma temática específica. Seu propósito é construir um corpo robusto de conhecimento sobre os principais aspectos que orientam a análise do tema. Em vez de esgotar todo o material relevante, a RNL visa identificar referências significativas em uma variedade de fontes, como livros, artigos de revistas, jornais, teses e dissertações, entre outros.

Rother (2007) reporta que a RNL é uma ferramenta ampla que permite descrever e discutir o desenvolvimento ou o estado da arte de um tópico específico, sob uma perspectiva teórica ou conceitual. Por meio da RNL examinam-se os textos que representam as análises críticas, confiantes à integridade de saberes e confabulações, embora a força de evidência científica não siga um formato rigorosamente quantitativo. A RNL pode ser conduzida de maneira sistemática e rigorosa em termos metodológicos, como sugerido por Brum *et al.* (2015).

Segundo Rother (2007) e Brum *et al.* (2015), a RNL oferece a capacidade de construir, em um curto espaço de tempo, uma narrativa fluente e uma análise crítica e precisa dos itens documentais recuperados. Isso possibilita ao pesquisador contextualizar o problema e identificar tendências, divergências, lacunas e desenvolvimentos emergentes no campo de estudo, estabelecendo uma progressão gradual e lógica de ideias. No entanto, é salutar expor que o centro da RNL reside em uma análise da literatura apresentada em bases de dados nacionais e internacionais, bem como em bancos, catálogos e repositórios de teses e dissertações. A austeridade na realização da RNL tem suas raízes na definição explícita do escopo temático.

A seleção das bases de dados está associada ao fato de essas se constituírem em instrumentos referenciais na área da CI e que contemplam um conjunto de publicações nacionais e internacionais (além de normas correlatas e acordos internacionais, a depender do assunto). Estabelecido o núcleo temático para a RNL (II) recorre-se a cinco sítios:

- i) Base de Dados em Arquivística (BDA);
- ii) Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci);
- iii) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD);
- iv) Encontros do Grupo de Trabalho GT 09 (Museu, Patrimônio e Informação) e GT 10 (Informação e Memória) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (ANCIB); e,
- v) *Web of Science (WoS)*, Coleção Principal (*Clarivate Analytics*, categoria *Information Science, Library Science*).

A busca, localização e recuperação de informações compreende a etapa de estratégia de busca (III). Todavia, a estratégia consiste na combinação dos descritores “acervo fotográfico” e “memória” nos campos ‘busca’ e/ou ‘pesquisar’ (todos os campos), tomando os termos em português e a sua equivalente tradução nos idiomas espanhol e inglês. O recorte temporal prioriza o período de 1º de janeiro de 2010 a 31 de dezembro de 2022, e engloba toda a década de 2010 além dos três primeiros anos da década subsequente, a de 2020.

Além dos itens acima, mais intrínsecos às especificidades de delimitar a RNL, agrega-se ao processo de seleção das fontes a aplicação de critérios de inclusão e exclusão de itens documentais. Os critérios de inclusão englobam: 1) a presença de descritores nos campos: título, resumo e/ou palavras-chave e; 2) a disponibilidade do texto completo. Por outro lado, os critérios de exclusão são os seguintes: 3) artigos com entradas duplicadas; 4) artigos que não abordavam o contexto da formação e preservação de acervos fotográficos e; 5) a indisponibilidade do texto completo. Ao seguir esses critérios, foi possível identificar 80 itens documentais indexados nas plataformas da WoS, BRAPCI, BDTD, BDA e do Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (Enancib). Esses itens são eleitos de acordo com os critérios apontados e, a composição contou com 40 artigos, 13 livros, 10 teses e 17 dissertações.

A pesquisa nessas cinco plataformas concentra-se nas publicações que surgiram a partir da de 2020. Os resultados das 80 publicações derivam da associação dos descritores e exploram a discussão da comunicação científica vinculada a formação e preservação do acervo fotográfico, levando em consideração a intersecção com a memória coletiva.

Na etapa final de seleção, os títulos e resumos de todos os artigos obtidos na busca eletrônica foram examinados, escolhendo-se os itens documentais que cumpriram os critérios de inclusão e exclusão, com a verificação da consistência temática (IV). Ao final, alinhados na proposta de Braun e Clarke (2006), esses itens documentais foram lidos integralmente, classificados e aprovados sob a ótica da análise temática (V).

A seguir, tratamos da base teórica que sustenta a RNL.

2.1 LENTES DO TEMPO: FOTOGRAFIAS COMO SUSTENTÁCULOS DA MEMÓRIA COLETIVA

Segundo Pollak (1989, 1992), a memória pode ser considerada um fenômeno construído, resultante de diversos fatores. O pesquisador esclarece que a memória é fortemente influenciada pelo contexto em que é articulada, e essa dinâmica se aplica à memória individual, e se estende à memória coletiva. Apesar da maior organização da memória coletiva, essa estrutura não está imune a flutuações e influências contextuais (do ponto de vista político), pois são moldadas no âmbito em que são evocadas, disputadas ou imbricadas (Pollak, 1992).

Sob a perspectiva da valorização dos acervos fotográficos, observa-se que eventos históricos e sua emergência oferecem uma oportunidade valiosa para o registro e resgate da memória coletiva. Nesse contexto, Pollak (1989, p. 8) destaca que “o trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história”. Isso sugere que a memória tem um papel fundamental na formação da identidade individual e grupal. Segundo Pollak (1989), a memória pode ser compreendida como uma estrutura que oferece ao sujeito ou ao grupo um sentimento de pertencimento, fortalecendo suas fronteiras socioculturais.

Halbwachs (*apud* Pollak, 1989, p. 3) contribui para essa perspectiva ao afirmar que a memória coletiva não deve ser vista como uma imposição ou uma forma de dominação simbólica. Em vez disso, ele evidencia as funções positivas da memória comum, que fortalece a coesão social não pela coerção, mas pelo envolvimento emocional e adesão afetiva ao grupo. Esse

conceito é encapsulado pelo termo ‘comunidade afetiva’, que ilustra como a memória compartilhada promove a união e o sentimento de pertencimento entre os membros do grupo, sustentando a coesão social por meio de uma conexão emocional.

Pollak (1992) inicialmente destacou que a memória tende a ser vista como um fenômeno individual, intrinsecamente ligado à pessoa. Em contraste, Halbwachs (2013) argumenta que a memória deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, construído em conjunto e sujeito a flutuações, transformações e mudanças constantes. Esse autor afirma que, embora a memória seja construída coletivamente, ela é um trabalho individual. No entanto, os sujeitos só se lembram na medida em que são reconhecidos pela sociedade, o que transforma eventos passados em memórias coletivas. Ademais, reconhece-se que a memória humana tem limitações, e a materialidade dos lugares previne a entropia negativa da reminiscência coletiva, reforçando a importância da preservação dos contextos físicos relacionados às memórias. Segundo Halbwachs (2013), depoimentos não são suficientes para que uma memória ajude a de outros, pois é preciso confirmar a memória e suas conexões e relações sem comum; não é necessária uma reconstrução total para que ocorra uma lembrança.

É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele, e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade (Halbwachs, 2013, p. 34).

Esses apontamentos (processo de reverter o esquecimento) garantem as suficiências íntimas⁷ (forma de resistência que inclui re-existência) que “[...] são um conjunto de recursos intrínsecos que se encontram na memória coletiva”, ou seja, expressam uma “reserva de sentidos [acumulados] a que se pode recorrer em momentos críticos para a construção de estratégias de vida” argui Arboleda (2002, p. 417, tradução nossa). O retorno à memória não requer uma volta ao passado, mas promove a libertação de pensamentos, ações e denominações com vista a desbastar, sulcar e, por fim, abrir caminhos alternativos aos das instituições oficiais, o que é uma forma válida de repensar o relançamento e o movimento social (Arboleda, 2002).

⁷ A noção de “suficiências íntimas” implica que as comunidades detêm conhecimentos e práticas transmitidas entre gerações, fundamentais para sua identidade cultural, constituindo um patrimônio imaterial valioso (Arboleda, 2002). Ao se conceder voz e autonomia às comunidades na gestão de seus acervos, respeitando e valorizando essas ‘suficiências íntimas’, consiste em preservar a memória coletiva e a identidade cultural. Nessa via, a tradição sólida das comunidades é eloquentemente expressa por Santiago Arboleda, que, em seu estudo dos povos afrodescendentes da Colômbia, utiliza a expressão “suficiências íntimas” para explicar como as comunidades afrocolombianas na costa do Pacífico persistem em fortalecer a resistência e mobilizar para a ação coletiva da memória (Arboleda, 2002; Santos, 2019).

Em suma, as memórias funcionam “[...] como esteio [de] um grupo ao qual elas se relacionam” (Nascimento, 2004, p. 26), são um dos principais elementos constituintes do sentimento de identidade, tanto individual quanto coletiva, pois possibilitam a noção de perpetuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1989). Portanto, sobre a memória coletiva compreende-se que uma lembrança de alguém sobre um grupo é um patrimônio dessa comunidade. Segundo Miranda (2019), o que é relevante é passado adiante e fica preservado na história oral do local ou comunidade; com isso, idealiza-se o passado e pode estar relacionado a algo pontual, mas muito saliente.

[...] a memória coletiva é formada por fatos e aspectos julgados importantes e que são guardados como a memória oficial da sociedade mais ampla. Se expressa no que chamamos de lugares de memória. Eles são os memoriais, os monumentos mais importantes, os hinos oficiais, quadros célebres, obras literárias e artísticas que expressam a versão consolidada de um passado coletivo de uma dada sociedade (Von Simson, 2003) [...]. Dessa maneira, compreendemos que há uma memória coletiva. Ela representa um repositório abstrato de informações referentes a uma comunidade, se constitui a partir de memórias individuais, se expressa materialmente, ancora-se nos lugares de memória e tem como caminho espontâneo o seu desaparecimento (Miranda, 2019, p. 1).

Com a revisão de literatura se objetivou recuperar dados sobre os principais teóricos que fazem conexão entre memória coletiva e a questão da preservação, e as citações localizadas nos artigos de periódicos e eventos científicos situam principalmente as seguintes autoridades:

- Aleida Assmann, antropóloga alemã, alega que a memória coletiva é moldada por vários níveis de memória, incluindo memória individual, memória cultural e memória histórica, e que cada nível influencia os outros.
- Alejandro Baer Miseses, defende a memória coletiva como uma construção social e que é influenciada por vários fatores, incluindo poder, conflito e interesses políticos.
- Barbara Misztal, realça a importância da memória coletiva para a construção da solidariedade social e para a preservação da história cultural e política.
- Jan e Aleida Assmann compreenderam que a memória coletiva é moldada por diferentes formas de comunicação, incluindo meios culturais, políticos e tecnológicos, e que pode ser usada para reforçar ou desafiar a hegemonia política e cultural.
- Maurice Halbwachs, sociólogo francês, pioneiro ao desenvolver o conceito de memória coletiva, argumenta que a memória é moldada pelo contexto social e que a memória coletiva é aquela compartilhada por um grupo social.
- Michael Pollak, historiador austríaco, apontou que a memória coletiva expressa uma fonte de conforto e consolo para as pessoas sendo uma construção coletiva, organizada

a partir do presente, e em parte herdada.

- Paul James Connerton, antropólogo britânico destacou a importância da preservação dos materiais culturais e da memória para a perpetuação de uma cultura e de uma sociedade.
- Paul Ricœur, filósofo francês, expõe que a memória é válida para a compreensão da identidade pessoal e coletiva, sendo que a memória coletiva é uma forma de transmitir valores, crenças e histórias de geração em geração.
- Pierre Nora, historiador francês, desenvolveu a noção de *lieux de mémoire*, ou lugares de memória que, em síntese, são os símbolos, monumentos⁸ e acervos que representam (como vértices) e perpetuam a memória coletiva.
- Le Goff, historiador francês, apontou que as relações entre memória e história são intrínsecas e, a história encontra seu significado na materialidade dos documentos. Em concordância com as ideias de Nora, Le Goff (2012, p. 111) enfatiza que “[...] devemos fazer o inventário dos arquivos do silêncio e construir a história a partir dos documentos e da ausência de documentos”.

Esses teóricos contribuem para a compreensão da memória coletiva e auxiliam na produção de novos discursos científicos sobre a memória coletiva na atualidade, e enriquecem a compreensão de uma natureza histórica e social para a memória coletiva. Além desses teóricos, outros autores na área da memória coletiva incluem:

- Alastair Pennycook, professor de estudos da linguagem e da cultura que tem estudado a memória coletiva e sua relação com a globalização e a diversidade cultural.
- Luciano Floridi, filósofo e professor de ética da informação que tem estudado a memória coletiva e sua relação com a informação e a tecnologia.
- Michael Rothberg, professor de literatura comparada e estudos culturais que tem estudado a multidirecionalidade da memória e sua relação com a história, a cultura e a identidade coletiva.
- Walter Benjamin, que descreveu a importância da tecnologia e da modernidade para a memória coletiva e a preservação do passado, defendeu que a fotografia é intrinsecamente reproduzível.
- Yvonne Spielmann, que examinou a relação entre memória e tecnologia, incluindo a fotografia e a preservação de acervos fotográficos.

⁸ Destaca-se que “[...] Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa” (Le Goff, 2013, não paginado).

Esses teóricos contribuíram para a compreensão da memória coletiva e sua relação com a informação e a tecnologia. Outros expoentes também surgiram para aprofundar o debate com o pilar da preservação, estabelecendo perspectivas e abordagens na esfera social e digital para a memória coletiva. Elementos que envolvem a inovação e a tecnologia estão presentes em: Carl Rothenberg, Danah Boyd, Fionnuala Dillane, Jean Burgess, Jeffrey Pomerantz, John Tagg, Jöel Candau, Julie Cohen, Katherine Hayles, Lev Manovich, Lorcan Dempsey, Lucia Ruedenberg, Marcy Brossard, Mary Carruther, Michael Buckland, Richard D. Johnson, Richard Grusin, Stuart Cunningham, Susan Leigh Star, Susan Sontag, Tarleton Gillespie, Thomas Robb, Tim O'Reilly, Virginia Dignum.

A compor esse panorama de análise, igualmente cabe destacar os expoentes da língua espanhola que adquirem destaque no debate atual sobre a memória coletiva. Citações localizadas em obras da RNL revelam autores como: Ana Maria Díaz-Stevens, Enrique Valdés, Guillermo Orozco Gómez, Javier Sanjines, Jorge Luís Borges, José Luís González Sánchez, Leopoldo Gascón, Manuel Castells, María Teresa Rivas, Néstor García Canclini, Pablo Calderón, Rafael Capurro, Raúl Rojas, Santiago Castro-Gómez. Cada um desses teóricos trouxe uma perspectiva valiosa, singular ou multiplicadora para o campo da CI e continua a influenciar a teoria e a prática informacional contemporâneas.

Argumenta-se, ainda, nessa RNL, que a memória coletiva pode ser influenciada positiva ou negativamente por eventos e por aqueles que detêm o poder de controlar o relato da história. Outro ponto a ser levantado na literatura, em chave interdisciplinar, parte dos discursos teóricos dos pesquisadores brasileiros que vêm contribuindo para o estudo da memória coletiva, dentre os quais se destacam:

- Anne Knowles: historiadora e professora de arquivologia que estuda a memória coletiva e sua preservação em arquivos e museus.
- Erica Avrami: historiadora e professora de conservação que estuda a memória coletiva e sua preservação em monumentos históricos e patrimônios culturais.
- Flora Sussekind: socióloga que estuda a memória coletiva e sua relação com a cultura e a política no Brasil.
- Keir Reeves: historiador e professor de museologia que estuda a memória coletiva e sua preservação em museus e patrimônios culturais.
- Marcos Napolitano: sociólogo brasileiro que estuda a memória coletiva e sua relação com a cultura e a política no Brasil.

- Nise da Silveira: psiquiatra e artista brasileira, fundadora do Museu do Inconsciente, estudou a memória coletiva e sua relação com a cultura e a arte no Brasil, sob a égide de apoio ao campo da saúde mental.
- Paulo Venâncio Filho: curador, crítico de arte contemporânea e professor de história da arte, o qual atua em diferentes frentes da produção de conhecimento sobre artes visuais, observando a fotografia como documento e memória coletiva.

Esses teóricos e outros continuam a contribuir para a compreensão da memória coletiva e da sua importância para a cultura e a sociedade global. Levando-se em conta que a memória coletiva é estudada por uma série de teóricos e disciplinas, infere-se que a preservação de acervos serve para a manutenção da memória coletiva e para a valorização da história e da cultura de uma sociedade. Considerando-se a proposta apresentada, entende-se que, a memória coletiva é moldada por vários vértices e sentidos, incluindo história, política, mídia e tecnologias.

Por último, compreende-se que a discussão sobre a preservação da memória, sobretudo da memória social como patrimônio dos grupos sociais, é própria do final do século XX, dado o caráter caótico e instável da contemporaneidade (Dodebei; Gouveia, 2008; França, 2020).

Nessa linha de pesquisa, a memória coletiva pode ser entendida como a memória compartilhada por uma sociedade, grupo ou comunidade, e é formada por eventos, tradições, crenças, mitos e representações simbólicas. Prontamente, Kossoy (2007) sublinha que, enquanto o evento histórico já aconteceu (foi), o documento permanece vivo (é), mantendo sua relevância e presença ao longo do tempo. Alega ainda que a imagem, que comprova a memória, e revela o tempo é uma máquina que se mantém funcionando na existência. A história passou, o documento, tanto escrito quanto visual, permanece vivo. “Estes esforços continuados, investigativos e reflexivos em desvendar o que foi, e compreender o que é a imagem fotográfica naquilo que ela tem de aparente e oculto, no que ela revela e silencia, segue sendo um dos intrigantes desafios do nosso ofício (Kossoy, 2007, p. 158).

As fotografias do acervo do IHGVV não são meros registros estáticos; elas são produtos da “máquina do tempo que perpetuam a memória de Vila Velha. Cada imagem é um documento vivo, carregando consigo o poder de manter ativa a história e a identidade cultural da comunidade. Nesse contexto, Silveira (2015, p. 208) afirma que “[...] ser cariaciquense, canela-verde, como são chamados os nascidos em Cariacica ou Vila Velha, ou serrano, na Serra, é sentimento forte nos habitantes dessas cidades”.

Cabe destacar que a memória coletiva vai além de registros arquivados, sendo um processo dinâmico no qual o passado é constantemente moldado pelos valores do presente, conforme indicado por Baer (2010). Essa perspectiva contribui para a formação da identidade coletiva e

na elaboração de políticas públicas e, contundentemente, reforça os parâmetros de preservação e salvaguarda do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Além disso, o passado se atualiza a partir do presente, e nele encontra seus princípios de seleção, descrição e interpretação (*ibid.*). Passamos, portanto, de um modelo de memória como arquivo – no qual o passado é inalterável – para um modelo de construção ativa em que o passado está sendo permanentemente modificado por valores, crenças e as restrições do Presente (*ibid.*).

2.2 A MAGIA DO PATRIMÔNIO: COMO A FOTOGRAFIA REVIVE E RECREIA NOSSAS RAÍZES CULTURAIS

O termo patrimônio, segundo Choay (2006, p. 11), direciona olhares em volta de um grupo social e seus antepassados e, argumenta que o patrimônio é ancestral, admirável palavra que tem a origem vinculada às composições “[...] familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. Requalificada por diversos adjetivos (genético, natural, históricos, etc.) que fizeram dela um conceito ‘nômade’, ela segue hoje uma trajetória diferente e retumbante”.

Para Dodebei (2008, p. 2), o conceito de patrimônio refere-se “[...] às ideias de: herança, tradição, conhecimento, experiência, legado, vivência, entre outras expressões que denotam a ideia de transmissão natural da cultura, de uma geração à outra”.

De acordo com Gonçalves (2003), patrimônio é uma das palavras mais usadas no dia a dia para se referir a economia, finanças, imóveis, seja em relação a um país, a uma família ou a uma única pessoa, bem como à ideia de “patrimônios culturais, arquitetônicos, históricos, artísticos, etnográficos, ecológicos, genéticos; sem falar nos chamados patrimônios intangíveis, de recente e oportuna formulação no Brasil. Parece não haver limite para o processo de qualificação dessa palavra” (Gonçalves, 2003, p. 22).

Devido a essa trajetória ao longo dos séculos, a palavra patrimônio foi sendo requalificada, e passou a possuir diversos significados na literatura. Admitindo que é preciso ponderar sobre o que é ou não patrimônio cultural, argumenta-se que tal ponderação vai depender da forma de ser de cada sociedade. Nesse sentido, pode-se afirmar:

Nós preservamos o patrimônio a fim de preservarmos a memória, a “faculdade pela qual as coisas são lembradas” e a partir da qual a história pode ser registrada. Memória é processo e os documentos são seus produtos. Dito de outra maneira, a memória habita os documentos escritos, as artes, as construções e todas as formas de patrimônio (Cloonan, 2016, p. 111).

Candau (2021, p. 16) reflete que “[...] o patrimônio é uma dimensão da memória” e que “[...] é menos um conteúdo que uma prática da memória obedecendo a um projeto de afirmação de si mesma” (*ibid.* p. 163). Dessa forma, o patrimônio se torna um meio pelo qual as comunidades reafirmam suas identidades, valores e histórias. Essa visão holística e dinâmica da preservação do patrimônio nos desafia a compensar nossas estratégias de conservação, enfatizando a necessidade de incluir e valorizar as práticas culturais vivas que dão significado aos objetos e locais históricos.

Diante disso, busca-se contemplar o conceito peculiar de patrimônio cultural, que sofre variações conforme o contexto em que é empregado. Entretanto, reconhece-se que a cultura é uma memória não genética, entendida como um conjunto de informações acumuladas e transmitidas pelos grupos sociais (Velho, 2009). As pessoas, enquanto seres históricos, continuamente geram novos elementos e valores culturais, estabelecendo um processo contínuo de transmissão. Essa transmissão, como alega Velho (*ibid.*), ocorre por meio de várias manifestações, tais como as artísticas, religiosas, educativas, morais, entre outras, que compõem um *continuum* semiótico. A cultura, descrita como inteligência coletiva, engloba não apenas aspectos sociais, mas todos os fenômenos que permeiam o cotidiano, conforme apontam os semioticistas da Escola de Tártu-Moscú (ETM). A cultura é um mecanismo dinâmico de organização, conservação e transmissão de informações, e não um mero depósito (Velho, 2009).

Por esse motivo, o significado de patrimônio depende do contexto dado à simbolização que é realizada, como também às influências territoriais e temporais, sendo uma construção histórica e culturalmente determinada. Quando se classifica esses objetos materiais em patrimônio cultural, eles criam teias de significações — vista de forma individual ou coletiva, ou seja, o patrimônio cultural — refere-se “[...] ao conjunto de tudo que tem significação, aquilo que tem sentido social, não importando se esse patrimônio é algo materializado ou simplesmente manifestações da cultura” (Nativa; Reis, 2017, p. 5).

Souza (2008) descreve que a concepção de patrimônio, ao longo da história, adquiriu novos elementos e vinculou-se à ideia de nação e cultura. Segundo a autora, esse vínculo ocorreu a partir do momento em que “[...] se passou a trabalhar com a noção de herança nacional, com a formação de grupos mais organizados social e politicamente e, efetivamente, com o surgimento dos Estados nações” (Souza, 2008, p. 38).

Para Souza (2008), o conceito de patrimônio cultural evolui ao longo do tempo, incorporando novos valores e dimensões que vão além das históricas e artísticas. A ideia de patrimônio não é estática, mas reflete as interações dinâmicas e a diversidade cultural dos grupos sociais. Em vez de ser um conceito fixo, o patrimônio é um processo contínuo de construção e transformação. A modernidade reconheceu que o patrimônio cultural é variado e está em constante mudança, incorporando todas as manifestações da vida humana, como criações artísticas, objetos históricos, edificações, crenças, costumes, entre outros.

Na conjuntura da memória coletiva, como destaca Baer (2010), o passado assume uma relação dinâmica com o presente, superando a visão de um mero arquivo estático. Nesse contexto, Portella (2012, p. 20) explicita que o “elo entre o passado e o presente de um grupo ou de uma nação permite a identificação e a continuidade de sua história”. Essa interconexão entre memória e patrimônio, bem como o constante redesenho do passado pelos valores, crenças e circunstâncias atuais, ressalta a importância de entender a herança cultural como um processo vivo. Esse entendimento é fundamental tanto para a construção da identidade coletiva quanto para a formulação de políticas públicas voltadas à preservação patrimonial.

De acordo com Martins (2011), o patrimônio cultural consiste no conjunto de bens, tanto materiais quanto imateriais, que são considerados de interesse coletivo, notavelmente proeminentes para a sua preservação ao longo do tempo. O patrimônio faz lembrar o passado, é uma manifestação, um testemunho, uma invocação, ou melhor, um chamamento de memória. O patrimônio, possui uma função de presença de (re)memorar os acontecimentos mais relevantes, estabelecendo uma relação intrínseca com a memória social (*idib.*).

A perspectiva de que o patrimônio cultural atue como um elo entre o passado e o presente, lembrando eventos e estabelecendo uma conexão intrínseca com a memória social, observa a sua dinâmica na preservação da história e no contexto da CI. Isso implica que o patrimônio transcende a mera estática, revelando-se como um mecanismo ativo que resgata e conserva momentos históricos. Ao fazer isso, ele promove a construção da identidade coletiva e na extensão da compreensão do passado no contexto presente. A relação entre patrimônio e memória não se restringe a elementos físicos, mas inclui a dimensão social e coletiva, que confere à memória a condição de “elemento da identidade de um lugar”, bem como a função de preservar a memória urbana (Jayo; Vargas, 2019).

De acordo com Flores e Santos (2017, p. 3), o patrimônio cultural é definido como “[...] o

conjunto de bens materiais e imateriais, que representam a memória, a identidade e a história dos costumes de uma sociedade”. Oliveira (2016, p. 2), por sua vez, defende que:

O patrimônio cultural procura se basear na construção cultural e social idealizada em determinado espaço de tempo presente, no seu legado deixado como fonte de informação a ser parte considerável para gerações futuras, representadas através de características peculiares que formarão a identidade cultural de um povo garantindo a sua legitimação social e indenitária.

Dentro dessa perspectiva, os estudos de Choay (2006, p. 11), constata que a expressão patrimônio cultural é um bem “[...] que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos produtos de todos”. Diante dessa acepção, a autora alerta para o fato de que qualquer objeto do passado pode ser transformado em um testemunho histórico, mesmo que não tenha sido inicialmente criado com essa finalidade, o que gera o fenômeno da “inflação patrimonial” (Choay, 2006). Além disso, acrescenta-se que a função de memória é um aspecto intrínseco do patrimônio, sendo central para a sua compreensão e preservação. No contexto contemporâneo, a fotografia assume uma presença impreterível como dispositivo participante na promoção da memória, especialmente na disseminação da arte e da cultura. Isso realçar a dimensão da memória, do patrimônio e da fotografia como elementos interconectados que enriquecem a herança histórica e a identidade cultural.

Outra esfera a ser mencionada remete à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 2017, não paginado) que conceitua o patrimônio como um “[...] legado que recebemos do passado, vivemos no presente e transmitimos às futuras gerações. Nosso patrimônio cultural e natural é fonte insubstituível de vida e inspiração, nossa pedra de toque, nosso ponto de referência, nossa identidade”. Dessa forma, a Unesco ampliou e enriqueceu o conceito entendendo patrimônio cultural como algo intrinsecamente relacionado ao conjunto de bens que possuem significado com sentido social, podendo ser materializado ou ser representado por representações culturais.

Araripe (2004, p. 114-122) argumenta que o patrimônio vai além dos bens materiais, pois está profundamente integrado nas práticas diárias⁹ e necessita de preservação e valorização social.

⁹ Um exemplo dessa relevância é a miniatura em balata de Monte Alegre (PA), que destaca a importância do patrimônio imaterial nas práticas diárias da comunidade (Carvalho; Souza; Cunha, 2018). Esse ofício tradicional, que abrange desde a extração do látex da balateira até a confecção de peças, evidencia a conexão entre o passado e o presente, sendo necessárias para a identidade local. A miniatura em balata atua como um meio de evocação e memória, moldando as percepções sobre a cidade, o povo e a cultura.

A transição do conceito de “patrimônio histórico e artístico” para “patrimônio cultural” reflete sua crescente importância na construção da identidade nacional e na interpretação histórica. De acordo com a pesquisadora, o patrimônio atua como um elo entre o passado e o presente, moldando nossa percepção da cidade, do povo e da cultura. Araripe (2004) destaca que o patrimônio cultural, como memória coletiva, é uma fonte valiosa para pesquisa e educação, e contribui para a formação de indivíduos mais conscientes e engajados na preservação e valorização de sua herança cultural.

Nesse contexto, a fotografia assume um papel na preservação e interpretação do patrimônio cultural (Lima; Melhem; Cunha, 2008). Ao documentar a realidade de uma época ou local específico, a fotografia torna-se uma ferramenta indispensável para a conservação da memória coletiva, oferecendo uma visão concreta das práticas e tradições que moldam a identidade cultural. Assim, a fotografia não apenas preserva a memória visual, mas sua valorização e conservação promovem o ensino e a reflexão sobre o passado, aprofundando a compreensão da herança cultural (Lima; Melhem; Cunha, 2008).

A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB) ampliou o conceito de patrimônio ao substituir a denominação “Patrimônio Histórico e Artístico” por “Patrimônio Cultural Brasileiro”. De acordo com a CRFB, “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (Brasil, 1988, p. 1). A Constituição, conhecida como Constituição Cidadã, estabelece a colaboração entre o poder público e as comunidades para a promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro, somando acervos fotográficos essenciais para a preservação da memória e da história visual do país.

Para este estudo, adotam-se as definições de patrimônio cultural material conforme estabelecido pela Constituição e pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A pesquisa também se fundamenta em teóricos como Pollak (1989, 1992), Nora (1993), Kossoy (2001), Fillipi, Lima e Carvalho (2002), Cerávolo (2010), Le Goff (2012), Halbwachs (2013), Biondo (2016), Barros (2022), Chaves (2023) e Moura (2023), entre outros.

2.3 LUGARES DE MEMÓRIA: O LABIRINTO DAS RECORDAÇÕES E A FORÇA DA IDENTIDADE

Segundo Pollak (1989), existe uma crítica às fontes que defendem que a memória e a história são, por si só, a “identidade de um povo”. Esse sociólogo e historiador austríaco argumenta que a memória é, em parte, herdada de um fenômeno construído que está sujeito a mudanças que surgem das circunstâncias em que ela é expressa e articulada. Entende-se que as preocupações do momento expressam um constitutivo respeitável na estruturação da memória e há distintos “[...] elementos da memória, bem como os fenômenos de projeção e transferência que podem ocorrer dentro da organização da memória individual ou coletiva” (Pollak, 1989, p. 4).

Os acervos, em especial, são coleções de objetos, documentos e registros que foram reunidos ao longo do tempo com a finalidade de preservar a memória de um lugar, uma instituição ou uma pessoa. Esses acervos são importantes porque permitem a pesquisa e a investigação histórica, além de servirem como fonte de informação para as futuras gerações (Filippi; Lima; Carvalho, 2002).

Soares e Quinalha (2010) fazem referência à noção dos lugares de memória que, por sua vez, são espaços físicos que remetem a determinados eventos históricos, como museus, memoriais, monumentos, sítios arqueológicos, entre outros. Os pesquisadores entendem que esses lugares funcionam como pontos de encontro entre a memória e a história, e são capazes de despertar o sentimento de pertencimento e identidade. Sem perder a respectiva identidade, a fotografia-em-diálogo ganha novos elementos e, sugere que ela tem ‘rastros memoriais’ que retratam um evento para ser recordado, carregando o simbolismo de lembrar e ensinar:

[...] a fotografia nesta relação entre história-memória-lugar de memória, contém nela mesma, rastros memoriais que cristalizam um evento histórico e constitui a sobredeterminação de recordar e estimular o não esquecimento. Na fotografia “o jogo de interação recíproca” entre história e memória também acontece. Primeiro porque há “vontade de memória”, quando nela é depositada a intencionalidade de servir como testemunho para o futuro. E por último, a fotografia carrega em si seu próprio sentido simbólico (Sarmiento-Pantoja; Silva, 2022, p. 142).

No Brasil, temos diversas expectativas de lugares de memória e acervos que merecem destaque. O Museu Nacional do Rio de Janeiro (MNRJ) é um dos mais egrégios acervos do país, com mais de 20 milhões de itens, que vão desde registros arqueológicos até obras de arte (Museu Nacional, 2024). Já o Memorial da América Latina, em São Paulo, é um lugar que representa a diversidade cultural e a identidade latino-americana. Além desses, há lugares de memória que representam momentos da história do país, como o Memorial dos Direitos

Humanos – Casa da Liberdade, localizado em Belo Horizonte – cujo objetivo é homenagear e relembrar as vítimas da ditadura militar no Brasil, em especial aquelas que foram perseguidas e presas pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops). Esses lugares de memória têm como propósito manter viva a memória desses acontecimentos históricos e contribuem para a reflexão sobre a importância dos direitos humanos e a democracia no Brasil.

Nessa via, esses lugares são capazes de despertar nos visitantes sentimentos de pertencimento e identidade, e de fortalecer a memória coletiva de uma sociedade. Além disso, entende-se que os acervos fotográficos são essenciais para a preservação da história e da cultura de um povo ao reunir documentos, registros e objetos que contam a história de uma época, e que permitem a pesquisa e a investigação histórica (Soares; Quinalha, 2010).

O conceito de lugares de memória se destaca como testemunho do patrimônio cultural, material e imaterial, na construção da identidade coletiva, valorizando a diversidade e fomentando a educação patrimonial e o turismo cultural. Conforme Nora (1993), a noção de lugares de memória surge nas sociedades contemporâneas como um mecanismo para prevenir a perda de identidade de grupos sociais e a falta de rituais mnemônicos. Esses lugares de memória são portadores de uma memória duradoura, graças à preservação de seus elementos materiais. Essa característica é a razão subjacente para a frequente institucionalização desses lugares de memória. Nora (1993, p. 13), acrescenta que “eles nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, de que é preciso criar arquivos, de que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”. Para esta autora, as minorias defendem suas memórias para mostrar a sua verdade que, sem essas memórias seriam suplantadas pela história.

Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória. É esse vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva [...] (Nora, 1993, p. 13).

Para Nora (1993), a percepção de uma ruptura no equilíbrio entre o passado e o presente evidencia a importância de acessar registros acumulados ao longo do tempo, o que levou à criação dos lugares de memória. Esses espaços preservam e organizam o conhecimento histórico, servindo como pontos de referência para a compreensão das transformações sociais e culturais. Ao permitir que as gerações futuras tenham acesso a essas referências, os lugares de memória conservam a identidade cultural, e fornecem o contexto necessário para

interpretar e construir novos entendimentos sobre o passado, influenciando diretamente a continuidade e a renovação da herança cultural.

Nora (1993, p. 21) ressalta que “[...] não existe mais um homem memória, em si mesmo, mas um lugar de memória”. Além disso, a memória “[...] tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através dela” (Nora, 1993, p. 14). Portanto, a urgência de transmitir o acesso aos registros acumulados ao longo do tempo torna imperativa a criação de lugares de memória (Soares; Quinalha, 2010). Esses locais desservem para preservar o conhecimento humano, bem como para assegurar a memória e a identidade de um povo para as gerações vindouras.

Murguia (2010, p. 8-9) alega que a identidade também se associa aos espaços onde está fixada a lembrança de lugares e objetos (referenciais identitários) presentes nas memórias. Esses lugares de memória assumem funções simbólicas, pois são dedicados a uma recordação social, ou físicas, por terem essa característica informacional de armazenar provas de acontecimentos, lugares, pessoas.

Félix (2004, p. 39) revela que a “[...] identidade associa-se também aos espaços, onde está fixada a lembrança de lugares e objetos presentes nas memórias, como organizadores de referenciais identitários”. Esses arquivos, bibliotecas e museus são lugares de memória “mas consideramos também que o entendimento de cada um deles a respeito da memória deve ser aproximado, num encontro no qual, múltiplos olhares sobre o tema fossem apresentados” (Murguia, 2010, p. 8-9).

No contexto do acervo fotográfico do IHGVV, entende-se que a expressão ‘espaços da memória’ se associa ao seu acervo fotográfico e não se limita a aspectos físicos, mas assume uma dimensão corporal. Todavia, deve-se frisar que esses locais são vulneráveis perante os aspectos conjunturais da sociedade moderna, especialmente após a globalização, cujos avanços tecnológicos e fluidez do tempo atual muitas vezes ameaçam sua própria preservação (Oliveira; Rodrigues, 2011; Franco, 2016).

Dentro da perspectiva de coordenar o Museu Casa da Memória (Vila Velha), o instituto atua como um sustentáculo, e multiplica abordagens que enriquecem a compreensão coletiva do tema da memória. Por meio de uma abordagem estratégica, Miguel, Silva e Aldabalde (2022) arguem que o IHGVV vem potencializando ininterruptamente o acervo documental, em consonância com sua missão fundamental de promover a disseminação da mediação

informacional e patrimonial, bem como a instituição é atuante em preservar e transmitir a história e a identidade cultural da comunidade canela-verde.

2.4 PRESERVAÇÃO OU PERDA? O FUTURO DOS ACERVOS FOTOGRÁFICOS EM JOGO

A fotografia faz parte do patrimônio documental e cultural. Com a transformação digital e a ascensão das novas mídias, a fotografia se consolidou como um elemento da comunicação social, conforme afirmam Lima (2007), Palacin (2012), Malverdes (2015), Silva (2021), Ward (2021), entre outros. No contexto digital, a fotografia envolve a seleção de formatos de armazenamento que sejam estáveis e duráveis, a organização de acervos para garantir sua acessibilidade ao público, e a implementação de técnicas de conservação para protegê-las contra danos e deterioração. Além disso, a digitalização dos acervos fotográficos é amplia a acessibilidade e assegura a preservação a longo prazo (The British Library, 2014).

A fotografia exerce um impacto profundo e multifacetado, sendo um tema de grande relevância e complexidade na sociedade contemporânea. Ela integra esforços acadêmicos e práticos para garantir a preservação e acessibilidade da identidade sociocultural. Conforme alerta Cunha (2016), “preservar é preciso”, e essa necessidade é urgente. A preservação vai além da manutenção física dos documentos; deve-se assegurar que as informações e conhecimentos neles contidos permaneçam acessíveis e relevantes. Dado o rápido avanço da transformação digital, as técnicas de preservação devem evoluir continuamente, incorporando novos métodos e recursos para proteger esses valiosos acervos documentais.

Nesse âmbito, a CI preserva acervos fotográficos, pois aborda de maneira larga as questões relativas ao armazenamento, gestão e conservação de informações, conforme destaca a obra de Cassares e Moi (2000). Observa-se que, para Araújo e Santos (2007, p. 99), a “[...] construção de arquivos, notação de dados, organização de eventos e celebrações são atividades da memória que cumprem papéis sociais fundamentais na sociedade em que vivemos”. Essas duas abordagens enfatizam que memória, história e esquecimento são experiências essenciais, cada qual singular, sem confundir-se ou completar-se. Então, cabe observar que, nos tempos atuais, afastamo-nos consideravelmente da ideia de história como um registro exato do passado, bem como da redução da memória a uma mera reconstrução seletiva desse passado (Araújo; Santos, 2007).

Não obstante, verifica-se que o Estado brasileiro demonstra uma certa sensibilidade em

relação às questões que abrangem a necessidade de guarda, tratamento e disponibilização dos acervos fotográficos, o que permite prenciar que “[...] três instituições podem ser vistas como referência para o trato dos acervos fotográficos, pois contribuíram e ainda contribuem para pensar as políticas de guarda, preservação e difusão: a Funarte, a Biblioteca Nacional e o Instituto Moreira Salles” apontam Arruda e Gandum (2020, p. 2).

Mas, em que sentido pretende-se utilizar o termo ‘acervos fotográficos’? Aqui nos referimos ao conjunto de coleções de fotografias com valor histórico, artístico, cultural ou científico, representando um legado imagético que documenta momentos passados. Por isso, o verbete ‘fotografia’ é utilizado para tratá-la no amplo documental, bem como no contexto do seu caráter técnico híbrido que combina arte e documentação. Como observa Grieco (2015, p. 50), a coleção fotográfica situa um “[...] eficaz instrumento para o campo da preservação cultural, devido às suas características de fornecer registros, de servir como fonte histórica e como documento visual, e de ser ela própria um bem cultural, imbuído de memória, identidade, e valores individuais e coletivos”. Assim, a fotografia se estabelece como um bem cultural coletivo e assume uma importância multifacetada na preservação sob a ótica histórico-documental. Logo, frisa-se que o termo ‘acervo fotográfico’ se refere a documentos que vão desde textuais a materiais fotográficos, partes de arquivos dos quais restam apenas fotografias, pequenos grupos de fotografias, entre outros.

Os acervos fotográficos fazem parte do patrimônio documental sob a custódia de arquivos, museus, bibliotecas e centros de documentação e em todas essas instituições de guarda serão aplicados a esses acervos o tratamento técnico de organização de acordo com as teorias e métodos relativos a cada campo disciplinar representado pela instituição custodiadora, visando ao amplo acesso, pelo público, das informações contidas nos documentos (Lacerda, 2013, p. 240).

A importância do documento fotográfico é amplamente reconhecida pela Ciência, Tecnologia e Inovação (CT&I) e a preservação de acervos fotográficos situa-se em um rol de contributos da formação para o desenvolvimento de competências necessárias à atuação dos profissionais da informação nas instituições públicas e privadas. A CI, da mesma forma, ao estar envolvida na digitalização de acervos fotográficos, atua para ampliar a acessibilidade e a preservação a longo prazo, oferecendo novas oportunidades para se apresentar e compartilhar informações, o que inclui a criação de exposições virtuais, a disponibilização de fotografias *on-line* e a integração de informações em pesquisas e projetos educacionais.

A CI colabora para a preservação de acervos fotográficos, ao direcionar olhares para as questões relacionadas ao armazenamento, à gestão e à conservação de informações. Isso

requer a seleção de formatos de armazenamento estáveis e duráveis, a organização de acervos de forma a torná-los acessíveis ao público e a implementação de técnicas de conservação para proteger as fotografias contra danos e deterioração. Embora sejam relativamente novos os trabalhos de fotografia no Brasil, ele se iniciou há mais de um século e meio, e conta com produções tanto qualitativas quanto quantitativas:

Os inúmeros acervos de imagens espalhados por todo o Brasil são capazes de revelar situações inéditas da cultura brasileira. Pode-se afirmar que parte significativa da história do Brasil ainda permanece revelada apenas na bidimensionalidade das fotografias. Alguns historiadores afirmam que, em termos de utilização da fotografia, há praticamente tudo para fazer, visto ter muitas imagens, porém poucos trabalhos (Canabarro, 2005, p. 24).

A preservação de acervos fotográficos contribui para manter e construir a memória coletiva, pois as fotografias são documentos visuais valiosos que capturam momentos, lugares e pessoas importantes para a sociedade. Eles são fontes históricas e culturais que fornecem informações sobre o passado e ajudam a moldar a compreensão da sociedade sobre o seu próprio desenvolvimento e, conforme apontam Karpinski; Kressin e Vieira (2022, p. 33), “[...] com técnicas cada vez mais avançadas de digitalização e da melhoria na qualidade de visualização dos dados na internet, o patrimônio cultural ganhou o ciberespaço e trouxe questões ainda mais complexas à categoria ‘patrimônio’ [...]”.

Em resumo, a preservação de acervos fotográficos mantém e constrói a memória coletiva, e a CI participa desse processo, ajudando a preservar as fotografias para as gerações futuras e torná-las acessíveis e significativas para a sociedade. Já, os expoentes teóricos brasileiros que tratam do enfoque da memória e fotografia incluem:

- José Luiz Goldfarb: professor emérito da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, conhecido por suas contribuições à teoria da cultura visual e da fotografia. Ele destaca a importância da fotografia como um mecanismo de registro e preservação da memória individual e coletiva.
- Lúcia Santaella: renomada filósofa e teórica da comunicação, que tem se dedicado a estudar as relações entre arte, tecnologia e linguagem. Ela destaca a importância da fotografia como um mecanismo de construção da memória coletiva, e argumenta que as fotografias podem ser vistas como uma forma de documentação histórica e cultural.
- Nilce Martins: professora titular da Universidade Estadual de Campinas que tem se dedicado a estudar a fotografia como um instrumento de representação da memória coletiva. Ela enfatiza a importância de se considerar as dimensões políticas, sociais e

culturais da fotografia na construção da memória coletiva.

Esses teóricos brasileiros lembram da importância da fotografia como um mecanismo para a preservação e construção da memória coletiva, e argumentam que é necessário considerar as dimensões políticas, sociais e culturais da fotografia para compreender sua relevância e significado. A preservação de acervos fotográficos mantém e constrói a memória coletiva. Elas são fontes históricas e culturais, estão fortemente imbricadas na ascensão da modernidade (Gordon; Kurzwelly, 2018) e, ao fornecer informações sobre o passado, ajudam a moldar a compreensão da sociedade sobre o seu próprio desenvolvimento.

Ao contribuir para preservar acervos fotográficos, a CI auxilia sistematicamente na construção e manutenção da memória coletiva, permitindo que as informações e valores da sociedade sejam transmitidos às gerações futuras. Portanto, a preservação de acervos fotográficos é uma parte importante da missão da CI, que visa a organização, descrição, preservação e difusão do conhecimento.

2.5 ENTRE ECOS E RELÍQUIAS: O GARIMPO DAS NARRATIVAS HISTÓRICAS PELOS INSTITUTOS HISTÓRICOS E GEOGRÁFICOS

Os Institutos Históricos e Geográficos (IHGs) surgiram na Europa no século XVIII como organizações que buscavam preservar e difundir a história, a geografia e a cultura de um país ou região (Silva, 2020a). O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)¹⁰ foi fundado em 1838, tornando-se o primeiro instituto cultural do país e um dos mais antigos da América Latina. O instituto tem como objetivo preservar e difundir a memória histórica e cultural do país, bem como fomentar a pesquisa e o estudo dessas áreas (Meira, 2015). Por meio de suas atividades, o IHGB tem contribuído significativamente para a formação da identidade cultural brasileira e para a preservação do patrimônio histórico e cultural do país. O IHGB estava ligado à Corte Portuguesa, com isso:

[...] os IHGs procuram construir a memória oficial desde sua gênese, sendo preservados os documentos que representam a história dos vultos e da elite, configurando o que se convencionou chamar de história tradicional. [...] Os IHGs buscavam se estabelecer como guardiões da memória oficial local. O papel dos IHGs para os seus sócios é o de colaborar para resgatar e preservar a memória da nação brasileira, dos estados e municípios (Meira, 2015, p. 35-41).

¹⁰ O IHGB destaca-se pela custódia de arquivos, diferenciando-se do Arquivo Nacional por não ser um órgão estatal. Ao contrário desse, o IHGB não tinha a responsabilidade de servir como depositário oficial do patrimônio cultural arquivístico da nação, mas seu objetivo inicial era reunir arquivos privados que pudessem, de alguma maneira, contribuir para a história do país (Cougo Junior, 2023).

A tratar de questões da memória coletiva, os IHGs estabelecem relações para a preservação da memória (ao coletar, preservar e compartilhar informações), para a pesquisa (ao conduzir estudos sobre a história e a geografia de uma região ou comunidade), para a educação (ao ofertar programas educacionais e a mediação informacional), para valorização do patrimônio (ao fortalecer e viabilizar ações aos artefatos culturais). Essas são apenas algumas das relações entre IHGs e a memória coletiva, mas existem muitas outras formas pelas quais eles podem trabalhar junto com a CI para preservar e compreender a memória coletiva (Meira, 2015).

Além das mencionadas anteriormente, outras possíveis relações entre IHGs e a memória coletiva incluem: documentação de eventos históricos e culturais; exibição de objetos históricos e culturais; compilação de fontes primárias (como diários, cartas e fotografias, para documentar a história e fortalecer a memória coletiva); preservação de monumentos e lugares históricos; desenvolvimento de programas de estudo e compilação de bibliografia para a promoção da história e da cultura local. Esses são apenas alguns exemplos de como os IHGs podem atuar para preservar a memória coletiva.

Possibilidades relacionais entre IHGs e memória coletiva são aproximadas com: as exposições e exposições (que apresentam informações sobre a história e a geografia); a preservação do patrimônio arquitetônico (a busca de preservar edifícios e outras estruturas históricas); a publicação de livros, artigos, documentário e produções audiovisuais (que auxilia a compreender os artefatos da memória coletiva); a estruturação de bibliotecas e arquivos (útil à preservação e acesso às informações, viabilizado em instrumentos de pesquisa); e a colaboração com outras organizações e com eventos comunitários (que prospecta oportunidades e diálogos).

Outra questão funcional a ser abordada diz respeito à preservação de informações precisas e atualizadas sobre o número exato de IHGs regionais presentes no Brasil, como observa Meira (2015). Contudo, é recorrente encontrar IHGs de natureza diversa em diferentes regiões do país, cada um com sua área de atuação e objetivos específicos. Alguns IHGs estaduais mais conhecidos incluem o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambucano (IAHGP), o IHG de São Paulo, o IHG de Minas Gerais, o IHG Paraibano, o IHG do Rio Grande do Sul, o IHG de Alagoas e o IHG do Espírito Santo. Cada um desses IHGs tem sua própria área de atuação e pode ser especializado em um tema ou região. Juntos, preservam e divulgam a história e a cultura de sua macrorregião. Além disso, existem diferentes tipos de

IHG's no país, como em nível nacional, estadual, municipal (que contribuem para a identidade e a consciência histórica dos habitantes do município) e até mesmo em zonas, como o Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá (IHBAJA).

Como uma instituição sem fins lucrativos, o IHGVV foi criado com o objetivo de preservar e divulgar a memória histórica e geográfica de Vila Velha e região. Ele é formado por uma equipe de pesquisadores, engenheiros, artistas visuais, bibliotecários, arquivistas e outros profissionais da área, que se dedicam à coleta, catalogação e conservação de documentos, fotos, objetos e demais materiais relacionados à memória histórica, cultural e artística que compõem a vida da sociedade canela-verde.

Rangel e Furtado (2021); Miguel, Furtado e Silva (2022); Miguel, Silva e Aldabalde (2022); Miguel, Costa e Aldabalde (2023) alegam que o instituto promove pesquisas, exposições, palestras, publicações e outras atividades que visam a valorizar e difundir a história da cidade. Nessa via, o significado e a utilidade pública do IHGVV vai além da conservação passiva de documentos e demais artefatos documentais que contenha atributo informacional e inerente aos vértices da memória (histórica, literária, social, artística entre outras).

A conexão entre o IHGVV e a CI reside na missão do IHGVV de preservar e disseminar a memória coletiva. A CI fornece métodos para coletar, organizar e compartilhar informações, ampliando o alcance e a acessibilidade do acervo do IHGVV. A interconexão entre produção, avaliação, aquisição, conservação, classificação, descrição e difusão do acervo fotográfico é essencial para a preservação e salvaguarda do patrimônio. Essa interface não só facilita a mediação e a divulgação da memória coletiva, mas também possibilita a multiplicação de abordagens para apresentar e resgatar a cultura, enriquecendo a compreensão e a valorização da identidade regional.

3 TECENDO MEMÓRIAS VIVAS: A FOTOGRAFIA E O IHGVV NA PRESERVAÇÃO DA CULTURA E PATRIMÔNIO COLETIVO

Nesse contexto histórico atual, observa-se que algumas instituições brasileiras têm sido recentemente certificadas com o Registro Memória do Mundo. Esses certificados expressam o compromisso¹¹ das instituições detentoras dos acervos selecionados em preservá-los e garantir o acesso a eles, conforme as normativas estabelecidas pelo Programa Memória do Mundo da Unesco (Silva; Miguel; Costa, 2021; Cougo Júnior, 2023).

À luz dessas considerações, as subseções a seguir são apresentadas da seguinte forma: A memória coletiva na formação e preservação da cultura local explora a importância da memória coletiva para a identidade cultural, abordando como ela contribui para a formação e preservação da cultura local. O texto Guardiã das Memórias: a fotografia como pilar do patrimônio cultural e dos legados históricos destaca práticas e metodologias de gestão de acervos fotográficos. O texto O IHGVV sob o prisma e a incumbência de preservar o bem cultural examina o papel do instituto na proteção e preservação do patrimônio cultural regional, detalhando suas responsabilidades e atuação nesse contexto.

3.1 A MEMÓRIA COLETIVA NA FORMAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA CULTURA LOCAL

Ao se explanar sobre a RNL, indicou-se que a memória coletiva se refere ao conjunto de lembranças, conhecimentos e informações compartilhados por uma comunidade ou sociedade. Contudo, a dimensão política da memória coletiva pode mudar ao longo do tempo, à medida que novas informações e perspectivas adicionadas podem ser afetadas pela evolução da sociedade e pelas transformações linguísticas e culturais como alegam Bakhtin (1986) e Wertsch (2010).

Entende-se que a memória coletiva, por sua vez, é construída a partir da interação dos indivíduos com os documentos, com os registros de histórias e narrativas que são passadas de geração em geração. Evidencia-se que a formação e conservação de acervos fotográficos revela-se imprescindível para a preservação da memória local. Todavia, sob a ótica dos

¹¹ Cougo Júnior (2023) aborda a patrimonialização cultural dos arquivos como um processo guiado por atos performativos que definem o que é considerado patrimônio cultural arquivístico, e considera compreender os processos que formam esse patrimônio mais relevante do que entender seu conceito e usos. Ele destaca que o tombamento e o reconhecimento pelo programa Memória do Mundo da Unesco revelam os desafios e contradições das políticas públicas brasileiras de preservação arquivística (Cougo Júnior, 2023).

direitos humanos, a imagem fotográfica (como representação e documento) deveria fornecer aos sujeitos o acesso a informações visuais e tangíveis sobre eventos e momentos marcantes da memória e história. Autores como Lima, Melhem e Cunha (2008), Amaral (2009), Guran (2012), Souza (2014), Costa (2016) e Santiago (2021) e outros, sustentam essa perspectiva.

A relação entre a memória coletiva e a formação e preservação de acervos fotográficos é crucial para a CI, conforme abordado por Silva (2000b). Nesse contexto, a definição de uma “política de desenvolvimento do acervo de imagens” em uma instituição evidencia que as fotografias são documentos essenciais para a perspectiva histórico-cultural de uma comunidade, e se revela fundamental na preservação da memória coletiva e na transmissão de informações visuais sobre o passado e sua reconstrução. Além disso, o relato de Silva (2000b) alinha-se com a discussão sobre o papel das instituições de memória, realçando a importância de estabelecer uma política clara para a seleção e aquisição de fotografias, bem como para a supervisão da produção e destinação final de documentos fotográficos, quando uma instituição, seja pública ou privada, opta por incorporá-los ao seu acervo.

Nesse contexto, a concepção do prisma memorial evidencia que Halbwachs (2013), Nora (1993) e Ricoeur (2007) investigaram a memória coletiva e sua interconexão com a formação da identidade social e cultural. Ricoeur (2007, p. 48) argumenta que uma das principais finalidades do ato de lembrar é “combater o esquecimento”. Seguindo essa linha, Susan Sontag e John Tagg destacam o papel da fotografia como documento histórico e sua capacidade de evocar memórias coletivas, conforme reportam os estudos de Sonego (2010) e Guerra e Marques Júnior (2020).

As pesquisas de Silveira (1992) e de Guran (2012) demonstram que o documento fotográfico convém para a elaboração de conhecimento sobre a vida e saúde social e, há um pertinente argumento de que a fotografia carrega essa marca da visualidade, resultante de diálogo direto com o mundo visível e essa memória que é ‘coletiva’. Esses pesquisadores destacam a importância da preservação de acervos fotográficos para a construção da memória e para a valorização da história e da cultura global, com especial destaque para a reconstrução de identidade e a evocação da memória viva.

No entanto, a questão da preservação de acervos fotográficos é um desafio, pois esses materiais são suscetíveis a danos causados por fatores ambientais, como luz, umidade e temperatura, bem como por danos físicos, como rasgos e desbotamento e, não se pode deixar

de mencionar a extensa categoria que são os ataques biológicos. Filippi, Lima e Carvalho (2002, p. 50) alegam que as especificidades exigidas por um acervo fotográfico são inúmeras, pois esses demandam “[...] conhecimento técnico e políticas muito bem estabelecidas de preservação e acesso”. Por isso, observar as questões políticas e práticas adequadas à conservação e preservação de acervos ratifica a preocupação em se garantir que os documentos fotográficos em arquivos privados (como do IHGVV) possam ser acessados e utilizados — o que contribui para a salvaguarda da memória coletiva.

De acordo com Durso (2023), a memória não se estabelece como um processo de reconstituição ou resgate, mas como uma reconstrução do presente para o passado. A partir disso, evidencia-se que, no mundo moderno, a memória carece ser coligada a lugares, há a necessidade da materialidade para não cair no esquecimento. A seguir serão estabelecidas algumas possíveis conexões na interfaces com a CI.

3.2 GUARDIÃO DAS MEMÓRIAS: A FOTOGRAFIA COMO PILAR DO PATRIMÔNIO CULTURAL E DOS LEGADOS HISTÓRICOS

O lugar de memória, o patrimônio e os preceitos culturais trazem em seu bojo um conjunto de conteúdos simbólicos, capazes de representar o social e provas da existência de determinados acontecimentos do passado. Nessa via, questiona-se em que sentido se pretende usar o termo patrimônio cultural? Diante da variabilidade de definições, deve-se determinar a definição que melhor expresse o que se expõe na pesquisa, perscrutando-se, entre as palavras, que o patrimônio cultural está relacionado com a memória coletiva conforme delineiam as obras de Prado, Carvalho e Armelin (2006) e de Pereira (2017).

Dentro de perspectiva similar, observa-se na obra de Choay (2006) que, ao se explorar esse universo de materialidade, o patrimônio cultural faz parte da construção desses lugares de memória. Quando se indica que a memória coletiva situa uma gama de legados significa enunciar que os lugares de memória podem representar uma recordação social e, para Choay (2006), o patrimônio cultural faz parte da construção desses lugares de memória ao ser explorado nesse universo de materialidades. Em relação a esse painel, frisa-se que:

A importância de conservar e preservar um objeto que consideramos parte de um patrimônio está no fato deste se constituir registro material da cultura, da expressão artística, da forma de pensar e sentir de uma comunidade de uma determinada época e lugar, um registro de sua história, dos saberes, das técnicas e instrumentos que utilizava (Medeiros, 2005, p. 1).

De fato, a fotografia é uma forma de documentação “[...] por ser considerada uma

representação da realidade e, também, fonte de informação sobre a realidade. Um conjunto de fotografias conta histórias relacionadas aos contextos em que foram produzidas” (Forechi, 2019, p. 129). Na conjectura do IHGVV, é possível perceber que a história pode ser contada (e lida) a partir das imagens.

Para Filippi, Lima e Carvalho (2002), a fotografia enquanto documento arquivístico, envolve um conjunto de atividades sistemáticas para que as informações contidas nela possam ser descritas e disponibilizadas aos usuários. Segundo as pesquisadoras, a representação do conteúdo fotográfico envolve a eficiente e eficaz utilização dos instrumentos arquivísticos imprescindíveis à representação do conteúdo informacional.

Nas palavras de Sousa e Zafalon (2014, p. 94-97), a fotografia reflete fatos reais ou irreais, e é um desafio representar esse patrimônio cultural, pois deve

[...] representar os documentos em si, não os fatos retratados, apesar de possuírem ligações indissociáveis com os fatos: têm-se então uma dupla representação. A representação (temática e descritiva) da representação imagética deve ser capaz de ligar os documentos aos fatos e aos usuários. [...] As fotografias representam a história imagética de nossa sociedade; são, portanto, documentos dotados de valores intrínsecos e extrínsecos, tão importantes para a memória quanto os documentos verbais Sousa e Zafalon (2014, p. 94-97).

A importância da preservação de acervos fotográficos é amplamente reconhecida, dado que o documento fotográfico captura momentos da história, da cultura e da sociedade, fornecendo informações valiosas para futuras gerações. Isso não revela apenas o que mostra, mas, pensada como discurso e preservada, compõe importante segmento de bens culturais. Por isso, o processo organizacional deve ter suas funções e atividades de forma organizada e acessível a todos que dele necessitam.

Le Goff (2012, p. 366) incute o entendimento de que a memória, “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas”. O historiador francês argumenta que a memória — na sua dimensão coletiva — é uma conquista, mas pode ser também instrumento de poder. Ela é “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar de identidade, seja ela individual ou coletiva” (Le Goff, 2012, p. 476).

Inicialmente se denominam ‘coleções fotográficas’ do IHGVV como ‘acervo fotográfico’. Essa denominação engloba os documentos de natureza iconográfica, expressos na técnica

fotografia, que independentemente do tipo, suporte ou gênero, são únicos e podem conviver com outros de natureza diferente, como documentos textuais, tridimensionais e outras formas de iconografia, como pintura a óleo, aquarelas, gravuras, desenhos, entre outros (Filippi; Lima; Carvalho, 2002). Essa diversidade de suportes e gêneros reforça a singularidade dos documentos de arquivo originais e reflete a importância do termo ‘acervo fotográfico’ como uma categoria inicial para esses documentos do IHGVV.

A construção do acervo fotográfico do IHGVV se desenvolveu ao longo de um período significativo, a partir de contribuições, iniciativas e doações que se intensificaram a partir de outubro de 1997. Naquele momento, a Casa da Memória de Vila Velha passou a integrar as instituições municipais vinculadas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sendo formalmente denominada IHGVV – Casa da Memória. Desde essa integração, a formação e o crescimento do acervo têm ocorrido de maneira ampla e diversificada, e incorporou uma série de temas que incluem paisagens naturais e urbanas, aspectos culturais e sociais, registros históricos e retratos de personalidades locais. Essa diversidade temática, centrada no contexto local, preserva a memória coletiva vilavelhense, mantendo viva a história, as tradições e a identidade da região, e garantindo a continuidade da transmissão desses elementos culturais e históricos para o futuro.

3.3 O IHGVV SOB O PRISMA E A INCUMBÊNCIA DE SE PRESERVAR O BEM CULTURAL

Ao direcionar seus esforços para a formação de um acervo fotográfico, o IHGVV¹² coopera com a preservação do patrimônio cultural e histórico da região. Suas iniciativas vão além da simples agregação de coleções e álbuns de imagens. A instituição promove e viabiliza ações concretas para custodiar, resguardar e reconstruir o patrimônio canela-verde. De acordo com Rangel e Furtado (2021), Miguel, Silva e Aldabalde (2022), e Miguel, Costa e Aldabalde (2023), o IHGVV é uma entidade de grande relevância para a comunidade local, sendo reconhecida pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) por sua contribuição para a formação de uma identidade regional forte e coletiva, preservando e divulgando a história e as tradições da cidade e da região.

O IHGVV foi fundado em 27 de outubro de 1997 com o propósito de incentivar o estudo histórico, geográfico e sociocultural de Vila Velha. Sua principal função é direcionar

¹² O IHGVV é uma instituição dedicada à preservação da história e cultura de Vila Velha, Espírito Santo. Instagram: @ihgvv_oficial.

atividades voltadas para associações de defesa dos direitos sociais e, posteriormente, atuar em agendas relacionadas a cultura, arte e outras áreas, como educação, pesquisa e promoção do patrimônio histórico-cultural. Para alcançar seus objetivos, o IHGVV mantém um arquivo, uma biblioteca e um patrimônio museológico especializados em temas capixabas e vilavelhenses. Além disso, edita publicações para divulgar suas atividades e os trabalhos de seus associados, por meio de diversas ações voltadas ao resgate histórico e cultural do estado do Espírito Santo e do município de Vila Velha.

Dentro dessa caracterização, a entidade é sediada na ambiência da Casa da Memória, no Sítio Histórico da Prainha, em Vila Velha. O instituto recebe cerca de 50 mil visitantes por ano. O IHGVV é registrado sob o CNPJ: 02.321.356/0001-52, como citam Miguel, Furtado e Silva (2022). Os autores, explicam que a atividade econômica principal na Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE) situa-se no ordenamento 9430-8/00 direcionada a atividades de associações de defesa de direitos sociais.

Nesse sentido, a história da cultura capixaba é enriquecida pela constituição do IHGVV, a efetivação do Museu Casa da Memória e a atuação do grupo de voluntários do Sítio Histórico da Prainha. Inicialmente, esses voluntários se preocuparam com a preservação da história canela-verde; posteriormente, passaram a se dedicar à história do estado, como apontam Miguel, Furtado e Silva (2022). Rangel e Furtado (2021) relatam que, com o passar dos anos, a instituição, liderada pelo seu presidente, Luiz Paulo Rangel, cresceu tanto em massa documental quanto em número de associados, sendo hoje reconhecida como um dos mais atuantes IHGs municipais do país.

Foi assim que em 23 de maio de 2013, após assembleia deliberativa dos associados, passamos a integrar o modelo de instituição dos IHG [estadual], com o novo estatuto e denominação de Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha - Casa da Memória, mantendo o propósito inicial de sua formação como Casa da Memória em 1997 (Rangel; Furtado, 2021, p. 9).

O IHGVV é considerado utilidade pública municipal e estadual, pela Lei municipal nº 3.512, de 1998 e pela Lei estadual nº 10.341, de 2015. Agora busca junto às casas de leis vir a ser declarada instituição pública municipal, reportam Rangel e Furtado (2021); Miguel; Furtado e Silva (2022) e Miguel; Costa, Aldabalde (2023). Ademais, ao longo de seus mais de 25 anos de existência o IHGVV vem contribuindo com o desenvolvimento da cultura e o fortalecimento da identidade capixaba, sempre com visão empreendedora da sua diretoria e dos mais de 150 associados.

O Instituto detém total curadoria cultural e artística da Casa da Memória, em parceria com a Prefeitura de Vila Velha (PMVV), na promoção de suas ações e na aplicação das políticas públicas inerentes a essa missão preservacionista. A relação entre o IHGVV e o Museu Casa da Memória é de complementaridade, pois ambas as instituições buscam preservar e valorizar a memória local. A Casa da Memória, como o nome sugere, tem como objetivo preservar a memória histórica e cultural da região. Por sua vez, o IHGVV visa preservar a história, a geografia e as tradições de Vila Velha, por meio de pesquisas, estudos e coleta de fontes primárias e secundárias de informação.

Com vistas à divulgação de seu acervo, ao planejamento e execução de ações educativas para visitas mediadas em suas exposições, o IHGVV disponibiliza para consulta o Acervo na Casa da Toca (arquivo e reserva técnica da instituição), que se ampliou muito na última década e meia e, assim, se dispõe a atuar com projetos de preservação da história, da memória e do patrimônio histórico local. Desta forma, salienta-se que o acervo está:

[...] guardado em imóvel (por empréstimo) da Família Rangel na mesma rua Luciano das Neves (no antigo bairro da Toca¹³) [...]. O acervo do IHGVV – Casa da Memória é constituído por documentos acumulados ao longo de seus 25 anos de criação [...]. O desenvolvimento e criação da área física na Casa da Memória, destinada a contar um pouco da história da criação de nosso estado, trata-se de projeto único [...] (Rangel; Furtado, 2021, p. 9).

O IHGVV dispõe de um acervo próprio com cerca de 20 mil itens de caráter privado, todavia, dispostos de forma a serem disponibilizados para o público mais amplo possível. Por meio de pesquisas e documentação de fatos, o IHGVV busca renovar o acervo para a Casa da Memória por meio de compras, doações e permutas (Rangel; Furtado, 2021; Miguel; Furtado; Silva, 2022; Miguel; Silva; Aldabalde, 2022; Miguel; Costa; Aldabalde, 2023). Logo, entende-se que o acervo IHGVV é constituído por documentos acumulados ao longo de seus 27 anos de criação, sendo hoje um extraordinário *locus* da guarda e fiel depositória de um grande acervo documental.

¹³ A Casa da Toca, construída em 1952 por Olympio Rangel em terreno da antiga chácara de seu pai, Dr. Antônio Ferreira Coelho, recebeu esse nome devido à sua localização afastada da sede. Devido à distância e ao sobrenome do pai, a família usava a expressão “na toca” para se referir ao local onde o Dr. Antônio se encontrava. Parte do acervo do IHGVV está exposto na Casa da Memória, enquanto a maior parte dos itens documentais está armazenada e custodiada na Casa da Toca (Reserva Técnica).

4 TESSITURAS E MOSAICOS: A TRAMA METODOLÓGICA DA PESQUISA CIENTÍFICA

Neste capítulo, apresenta a abordagem metodológica adotada para alcançar os objetivos propostos por essa pesquisa. Deve-se salientar que a atividade da ciência depende do rigoroso uso de métodos científicos, conforme relatam Lakatos e Marconi (2021). Nesse panorama, a linguagem dos percursos metodológicos é esclarecida por Appolinário (2015, p. 11), que define o método como “[...] um procedimento ou conjunto organizado de passos a serem realizados para alcançar um objetivo específico e está presente em todos os aspectos da experiência humana”. A adesão aos métodos científicos destina-se a pesquisa, possibilitando um processo confiável e coerente na investigação de uma questão proposta.

Marconi e Lakatos (2021, p. 155) afirmam que “[...] a pesquisa é, portanto, um procedimento formal, com um método de reflexão, que exige um tratamento científico e representa o caminho para compreender a realidade ou descobrir verdades parciais”. Com base nisso, a análise segue um roteiro que aborda a natureza e classificação da pesquisa, a estratégia da revisão bibliográfica, a caracterização do campo de estudo, por meio de estudo de caso, e o plano de produção, obtenção e interpretação de dados e informações.

4.1 DA NATUREZA E DA CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Gil (2010, p. 17) define pesquisa como um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. O mesmo autor alega que “[...] a pesquisa se desenvolve por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados” (*ibid.*).

Lakatos e Marconi (2021) reportam que é necessário direcionar a pesquisa científica para o conhecimento da realidade. Por isso, a metodologia de pesquisa empregada para o desenvolvimento deste estudo foi a exploratório-descritiva, com uma abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos, -se a pesquisa bibliográfica para construir uma leitura e compreensão da realidade e, pesquisa documental como base empírica do trabalho de investigação.

Quanto à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa devido à natureza do problema estudado. Considerando o universo amplo e complexo de investigação sobre o tema proposto

nesta dissertação, a pesquisa qualitativa permite uma compreensão mais aprofundada da problemática delineada (Minayo, 2009). Segundo Minayo (2009, p. 22), “[...] a abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados das ações e relações humanas”. Nesse sentido, é necessária a análise da documentação institucional do IHGVV, delimitada entre os anos de 2010 e 2023, para identificar aspectos oportunos relacionados à formação e preservação do acervo da instituição.

O período aqui analisado foi de 2010 a 2022. O diagnóstico cingiu o desenvolvimento de pesquisa descritiva, a qual tem como método, descrever as características de determinadas populações ou fenômenos.

Dessa forma, aponta Gil (2010), as pesquisas exploratórias objetivam facilitar a familiaridade do pesquisador com o problema objeto da pesquisa, tornando a questão mais clara. Sendo assim, os objetivos específicos ‘i’ e ‘vi’ descritos na seção 1.3 do Capítulo I operacionaliza as intenções, a partir das pesquisas bibliográfica e documental, de discutir as relações entre memória coletiva e preservação de acervos fotográficos e, paralelamente discutir a emergência e o papel social do IHGVV na preservação da memória coletiva da cidade. Appolinário (2015) alega que o objetivo da pesquisa exploratória é reunir dados, informações, padrões, ideias ou hipóteses sobre um problema ou questão de pesquisa com pouco ou nenhum estudo anterior e, dessa forma, consegue-se aumentar a compreensão de um fenômeno ainda pouco conhecido.

No que remete à esfera descritiva, esta pesquisa esquadrinhou a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico. Essa perspectiva se alinha aos objetivos específicos descritos na introdução e resguarda-se no interesse de descrever o processo de formação/constituição do acervo fotográfico do IHGVV (operacionalizado por entrevista, observação direta, pesquisa documental) e o reconhecimento das estratégias de preservação utilizadas junto ao acervo do IHGVV (se operacionalizada por: observação direta e pesquisa documental). Com isso, uma pesquisa descritiva é bastante utilizada para abordar problemas que necessitam e merecem ser estudados sobre a ótica social, no intuito de conhecer e descrever as diversas situações e relações que ocorrem na coletividade, tanto no âmbito particular tomado isoladamente, como em entidades e comunidades mais complexas (Cervo; Bervian; Silva, 2007).

4.2 DA ESTRATÉGIA QUE SITUA A REVISÃO NARRATIVA DE LITERATURA

Como primeiro passo deste estudo, efetuou-se uma pesquisa bibliográfica, para a qual buscou-se a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a fim de visualizar dados sobre o catálogo nacional de teses e dissertações em texto integral. Também foram feitas buscas em bases de dados científicos na WoS, BDA, acervo Brapci e nos anais das edições do Enancib; e, se analisaram demais materiais (reportagem, jornais) que pudessem contribuir com o assunto da pesquisa. A busca priorizou materiais de 2010 a 2023, contudo, foram incluídas obras clássicas que antecedem esse período.

A escolha das bases de pesquisa justificou-se pelo caráter multidisciplinar do tema, além de se constituir como bases de dados referenciais em diversas áreas do conhecimento, inclusive em CI. As buscas da RNL foram feitas em português, espanhol e em inglês por meio dos descritores atinentes à expressão ‘acervo fotográfico’ e ‘memória’ considerando a ocorrência em possíveis campos (em título, resumo e palavras-chave, de forma que o material recuperado apresente aderência ao objeto da pesquisa) que indexam a busca. Foi feita filtragem de itens documentais (leitura dos resumos ou integral) para identificar a relação com a temática pesquisada, conforme orienta a possibilidade crítica da RNL.

A pesquisa bibliográfica, apontam Lakatos e Marconi (2021, p.76), “[...] não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”. A revisão bibliográfica desta dissertação é conduzida de forma narrativa, fundamentada em trabalhos mais recentes e selecionados criteriosamente. Os materiais foram examinados, filtrados e escolhidos com o propósito de proporcionar uma revisão abrangente e atualizada dos conceitos abordados. Dessa maneira, explica-se que a seleção dos materiais teve o intuito de oferecer suporte ao referencial teórico sobre a relação entre memória e fotografia. Esse enfoque busca garantir coesão e coerência as narrativas, mantendo uma linha argumentativa clara e fluida.

4.3 DO OLHAR SOBRE O CASO, SOBRE O CAMPO DE AÇÃO

O estudo de caso, de acordo com as abordagens de Yin (2015), é uma estratégia selecionada para investigar situações contemporâneas quando a manipulação de comportamentos relevantes não é viável. No entanto, o estudo de caso não se limita a isso, pois busca explorar novas aplicações, abordar problemáticas inovadoras, renovar perspectivas existentes e sugerir aprimoramentos para ambientes e processos. É factível observar que o estudo de caso

constitui uma estratégia de pesquisa que permite uma compreensão ampla e contextualizada do objeto de estudo, como uma exploração empírica que se dedica à análise de fenômenos contemporâneos em contextos da vida real, particularmente enfocando a distinção entre o fenômeno, e seu contexto carece de clareza (Yin, 2015).

Yin (2015) expõe que a escolha do estudo de caso exige algumas habilidades como: saber fazer perguntas, saber ouvir, saber interpretar (a análise profunda de uma unidade, visando um exame detalhado de seu ambiente), ser flexível olhando tudo como oportunidade, ter clara noção do que se busca e imparcialidade com as noções percebidas. Com essas habilidades expõem-se que um estudo de caso deve basear-se, no mínimo, em três fontes de evidências de pesquisa, a saber: 1) documentos; 2) registros em arquivos; 3) entrevistas; 4) observação direta; 5) observação participante; e 6) artefatos físicos. Desses, para essa pesquisa se adotou os seguintes procedimentos: documentos, entrevista e observação direta e participativa, formando a triangulação.

No contexto de um estudo de caso, uma característica notável da coleta de dados reside na “[...] oportunidade de utilizar muitas fontes diferentes para a obtenção de evidências” (Yin, 2015, p. 120). Ao optar por um estudo de caso, o pesquisador deve ser capaz de empregar uma diversidade de técnicas para coletar dados (Yin, 2015). No âmbito desta dissertação, a escolha da triangulação foi respaldada pelas considerações de Yin (2015), o qual advoga que essa abordagem permite a comparação entre as respostas a fim de verificar a existência de informações discrepantes ou até mesmo complementares. Isso não só contribui para a validação dos resultados, mas também promove uma compreensão mais completa e robusta do fenômeno em estudo.

Constata-se que o estudo de caso mantém uma abordagem científica rigorosa, o que está em consonância com a perspectiva de Lakatos e Marconi (2021). Esse rigor científico é assegurado ao fornecer uma validação transitória das informações coletadas. Ademais, a escolha por esse instituto ocorreu por se observar investimentos contínuos nos associados, em novas mídias e diversos aprendizados para a gestão da própria instituição em torno da valorização do movimento memorialista¹⁴ local. Com isso, busca-se conexão e oportunidades de se aperfeiçoar, ampliar e difundir a formação/preservação do acervo documental em torno de elementos que tendem a assistir construção das memórias coletivas

¹⁴ França (2020) salienta que a memória preserva nossas histórias, tradições e culturas ao longo das gerações, ajudando-nos a compreender nossas origens e identidade. Segundo a autora, a memória age contra a homogeneização das experiências e a perda da diversidade cultural. Tanto a memória voluntária quanto a involuntária podem ser consideradas meios de produção de conhecimentos históricos e educacionais.

e prospectar o patrimônio canela-verde.

No âmbito da caracterização do campo de ação se reforça o interesse em torno do IHGVV por esta organização se responsabilizar e se solidarizar com a guarda de bens arqueológicos da Região Geográfica Intermediária de Vitória, uma vez que a cidade de Vila Velha não fixou uma entidade custodiadora de acervos arquivísticos da administração pública Municipal (Rangel; Furtado, 2021; Miguel; Furtado; Silva, 2022).

Como observado, o universo da pesquisa é uma associação privada, localizada no Sítio Histórico da Prainha, em Vila Velha – local onde os portugueses desembarcaram pela primeira vez na Capitania do Espírito Santo. O propósito de incentivar o estudo histórico, geográfico e sociocultural dessa região (Miguel; Silva; Aldabalde, 2022; Miguel; Costa; Aldabalde, 2023), situa a trajetória ascendente e o valor da instituição na conservação da memória histórica e cultural local, bem como em seu papel cabal como um centro significativo de pesquisa e disseminação do patrimônio cultural e da memória coletiva.

Dentro desse contexto, o IHGVV como uma instituição de utilidade pública é importante para a preservação e construção da memória da cidade, pois ajuda a documentar e preservar a história e a cultura local para as gerações futuras. É, portanto, necessário prosseguir com pesquisas e observações para melhor entender e descrever o processo de formação e preservação do acervo fotográfico em Vila Velha e a atuação do IHGVV nesse processo.

4.4 DO PLANO DE PRODUÇÃO, OBTENÇÃO E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

A coleta e análise de dados representam apenas uma fase do processo de pesquisa, sendo duas etapas interconectadas que se alimentam mutuamente, como destaca Trivinõs (1987). Nesse sentido, a proposta de estudo concentrou-se em três etapas distintas.

Para estabelecer um painel preliminar, utilizou a pesquisa bibliográfica, um componente essencial para resolver uma etapa do problema por meio de referenciais teóricos publicados, permitindo a análise e discussão das diversas contribuições científicas (Bocato, 2006). O objetivo primordial foi localizar fontes úteis para a pesquisa, envolvendo livros, artigos, publicações relacionados ao tema delimitado. A pesquisa bibliográfica forneceu as informações necessárias, enriquecendo o conhecimento e fornecendo *insights* e descobertas relacionadas ao tópico em análise (Bocato, 2006).

Após a introdução da investigação situa-se um painel de pesquisa documental, com o objetivo de “[...] identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e

hipóteses de interesse” (Lüdke; André, 1986, p. 38) e promover uma reflexão aprofundada sobre a promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro. A utilização de documentos provenientes de fontes primárias fornece uma riqueza única de informações, e permite um entendimento genuíno do objeto dentro de seu contexto histórico e sociocultural, que aborda a problemática central deste estudo. A pesquisa documental oferece uma base sólida de dados que contribuem para a análise e a prospecção de cenários.

No segundo momento, a pesquisa documental busca “identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (Lüdke; André, 1986, p. 38), alinhando-se à reflexão e ao diálogo sobre a promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro. Assim, uma análise documental emerge como uma técnica de grande culto na pesquisa qualitativa, tanto na complementação de informações passadas por outras abordagens quanto na descoberta de novos aspectos relacionados ao tema ou problema investigado (Lüdke; André, 1986).

Na terceira instância, o estudo se concretiza por meio da RNL e, finalmente, das sondagens situacionais do caso estudado, desdobrando-se no sexto e último capítulo da dissertação. Nessa etapa, investigou-se de maneira efetiva como o processo de formação e preservação do acervo fotográfico do IHGVV contribui para a memória coletiva de Vila Velha. Para atingir esse objetivo, a pesquisa adotou uma abordagem metodológica que incorpora entrevistas não estruturadas e a observação direta como estratégias fundamentais para registrar as ações relacionadas à formação do patrimônio documental do IHGVV. A escolha dessas metodologias proporcionou uma visão mais holística sobre o impacto das atividades do IHGVV no processo de formação e preservação do acervo fotográfico, com foco na salvaguarda da memória coletiva de Vila Velha.

Adotou-se a entrevista não estruturada (Roteiro de Abordagens e Tópicos Para a Pesquisa - RATPP) com os diretores¹⁵ do IHGVV, inclusive o presidente, diretor/fotógrafo de acervo, diretor social, curador e coordenador de comunicação, projetos e publicações. Na abordagem RATPP, o pesquisador tem um conjunto de perguntas (três blocos de análise) previamente elaboradas, que servem como base, porém, a abordagem se redireciona com as respostas e

¹⁵ Realizar entrevistas com diretores do IHGVV é uma estratégia eficaz em uma pesquisa relacionada à gestão de acervos fotográficos, por várias razões. Primeiramente, essas entrevistas permitem identificar a *expertise* e o conhecimento especializado dos diretores sobre práticas de gestão, políticas institucionais, desafios enfrentados e estratégias de preservação, conservação e acesso aos acervos fotográficos, entre outros aspectos úteis para a pesquisa. Além disso, as entrevistas com diretores fornecem fontes primárias de informação, uma vez que esses sujeitos têm acesso direto às atividades, processos, políticas e procedimentos relacionados à gestão dos acervos fotográficos e têm acesso a informações privilegiadas sobre o tema.

insights dos entrevistados. Isso possibilita uma compreensão mais aprofundada e contextualizada da temática, e permite que os representantes do IHGVV direcionem fluidez ao testemunho de vivência específico, enriquecendo a compreensão global do processo de formação e preservação do acervo fotográfico da instituição e a expressa relação com a preservação da memória coletiva do município.

Por meio de entrevista não estruturada, buscou-se combinar um roteiro preestabelecido e a flexibilidade de adaptação – que contribuiu para a compreensão das nuances cotidianas que testemunham a formação e a preservação do acervo fotográfico, tangenciando outras esferas e complexidades situante de esforços e desafios para a dinâmica da preservação da memória coletiva canela-verde.

Os procedimentos de análise das entrevistas foram conduzidos de maneira sistemática, seguindo uma abordagem predefinida que abrange diversas etapas. Inicialmente, as entrevistas foram transcritas para garantir a precisão das respostas obtidas. Em seguida, foram codificados os dados, utilizando as sete funções arquivísticas propostas por Rousseau e Couture (1998): produção, avaliação, aquisição, conservação, classificação, descrição e difusão. Essa codificação permitiu identificar padrões e categorizar as informações emergentes de maneira estruturada.

Posteriormente, foi conduzida uma análise temática para agrupar as informações em categorias amplas, baseando-se nas funções arquivísticas propostas por Rousseau e Couture (1998). Essa abordagem permitiu identificar padrões, tendências e opiniões comuns nas entrevistas com os diretores do IHGVV. Simultaneamente, realizou-se uma análise comparativa para examinar as diversas perspectivas apresentadas, oferecendo uma visão detalhada das dinâmicas envolvidas na formação e preservação do acervo fotográfico. Essa metodologia assegurou uma análise robusta e abrangente, e contribuiu para a compreensão da preservação da memória coletiva de Vila Velha.

Por fim, a interpretação e discussão das respostas são conduzidas com base no referencial teórico adotado, situando as discussões à luz das confabulações¹⁶ expressas pelos

¹⁶ As entrevistas com diretores possibilitam reportar a visão institucional, ou seja, as diretrizes e políticas da instituição, os recursos disponíveis, os desafios enfrentados, as abordagens de preservação e acesso aos acervos, bem como as metas e objetivos de longo prazo relacionados à gestão do patrimônio fotográfico. Elas ajudam a resgatar a perspectiva histórica, pois permitem compreender a evolução das práticas de gestão de acervos fotográficos ao longo do tempo, contextualizando as mudanças ocorridas e as lições aprendidas ao longo da história da instituição. Dessa forma, são uma ferramenta valiosa para a pesquisa, fornecendo informações significativas e contribuindo para uma compreensão mais ampla e aprofundada da gestão de acervos fotográficos.

entrevistados. Essa abordagem proporciona uma análise ampla e fundamentada, promovendo uma compreensão mais profunda dos dados coletados.

Entende-se, conforme Yin (2015), que as entrevistas são uma das fontes de informação mais valiosas em um estudo de caso, complementam outras fontes e fornecem uma compreensão mais abrangente do tema. Elas aproximam o pesquisador da realidade vivenciada pelos indivíduos, capturando a espontaneidade do discurso e permitindo explorar questões, sugestões e opiniões sobre os assuntos em análise.

Dentro da perspectiva deste estudo, a abordagem da entrevista envolve uma atenção à elaboração das perguntas, visando angariar respostas para problemas de pesquisa e atender aos objetivos definidos para a investigação. Essas questões objetivam destacar práticas que podem não ser facilmente percebidas por meio da observação direta e que podem não ser completamente abordadas pela análise documental. Isso engloba a exploração das experiências pessoais dos indivíduos envolvidos e a análise de variáveis subjetivas e conhecimento tácito emergente, bem como outros aspectos essenciais para a compreensão do contexto dinâmico de informações que permeia o processo de formação e preservação do acervo fotográfico do IHGVV, o que situa as especificidades atuante em salvaguardar documentos para a memória coletiva, independente do suporte em que ele tenha sido criado ou adquirido.

4.5 DOS PROCEDIMENTOS ÉTICOS DE PESQUISA

O processo de validação ética do objeto em estudo abarcou a contemplação do comitê de ética (Parecer Consubstanciado 6.768.935 aprovado - Plataforma Brasil) e, reafirmou o compromisso de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, subscrevendo uma tendência e desenvolvimento em ciências humanas, sociais e sociais aplicadas (CHSSA) dentro de padrões éticos. Esse comitê avaliou os métodos e procedimentos que conglomeram a interação com os participantes do estudo (os diretores), incluindo o percurso das entrevistas e a coleta de dados. Na submissão ao comitê de ética se exteriorizam detalhes do projeto de pesquisa, que corresponde a objetivos, metodologia, mecanismos de coleta e análise de dados, bem como a medidas adotadas para garantir a confidencialidade, fidedignidade das respostas e o respeito aos direitos dos participantes.

Durante esta pesquisa, cumpriu-se com os requisitos éticos, práticos e legais exigidos para se conduzir a entrevista de maneira responsável e respeitosa. O aceite e a avaliação do comitê de ética foram realizados com antecedência, com a finalidade de garantir que todos os

aspectos éticos estivessem devidamente encaminhados e ratificados antes do início da investigação. Ademais, nos anexos estão os documentos que viabilizaram a condução da pesquisa: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), Anexo A, e o Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP/Ufes), Anexo B¹⁷. Esses documentos reforçam o compromisso ético da pesquisa e a preocupação em explicitar os direitos dos participantes.

Seguindo as orientações sobre a aplicação de pesquisas que envolvem seres humanos, os nomes das pessoas que participaram das entrevistas foram omitidos. Os respondentes foram abordados sobre a possibilidade de concordarem em participar e contribuir com a pesquisa, cientes de que os dados podem ser brevemente tratados para cumprir a pauta da não identificação dos interagentes.

A participação dos entrevistados foi voluntária, sem remuneração ou qualquer outro tipo de benefício. A entrevista buscou amenizar riscos à integridade moral, física e mental dos entrevistados, tendo-lhes sido garantido o direito de não responder a quaisquer perguntas. Riscos potenciais incluíram a possibilidade de desconforto emocional ao discutir assuntos sensíveis ou experiências passadas. Antes das entrevistas, os participantes assinaram o TCLE, no qual estão explicitados, entre outros, os direitos como a anonimato, confidencialidade e privacidade, e ainda, inclui a prévia autorização de uso de excerto de fala (autoriza gravação de voz).

Aos entrevistados, foi garantida a ampla liberdade de decidir sobre sua participação e de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa. Os resultados obtidos a partir da entrevista não estruturada não tem roteiro acabado, mas formaliza breves tópicos/questões entre os entrevistados e o entrevistador que são abordados no decorrer do bate-papo (sistematiza um roteiro norteador). As respostas às entrevistas ficam de posse do pesquisador principal, podendo ser descartadas cinco anos após a apresentação e publicação desta pesquisa.

Outrossim, todos os entrevistados convidados assinaram o TCLE (Anexo A), autorizado o uso de excerto de fala. Quanto aos riscos iminentes de exposição, os dados dos entrevistados foram anonimizados – considerando aspectos necessários para prover meios necessários para garantir o sigilo da informação quando solicitadas pelo participante. Nesse sentido, os nomes

¹⁷ Este estudo foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP/UFES/Campus Goiabeiras), conforme designação da Plataforma Brasil, sob o número do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética – CAAE: 77566523.4.0000.554 e Parecer: 6768935.

dos respondentes na descrição dos resultados e análise dos dados foram substituídos pelo termo “Entrevistado” e o numeral do sistema de numeração decimal utiliza os algarismos de 1 a 5. Tal procedimento é mantido, inclusive, após publicação dos resultados e indicando essa utilização para compor publicações de periódicos ou em eventos acadêmico-científicos.

4.6 DAS DIRETRIZES DE RISCOS E BENEFÍCIOS

Considerando os benefícios e resultados obtidos, propõe-se a divulgação dos resultados aos participantes da pesquisa e instituição onde os dados foram obtidos.

Além disso, em conformidade com o Código Civil (Lei nº 10.406, de 2002) e a Lei Geral de Proteção de Dados (Lei nº 13.709, de 2018), a identificação e a resposta do questionário que foram anonimizados (dados pessoais sensíveis) para garantia do anonimato; assegura-se que a descrição do ‘uso de excerto de fala’ que riscos estão em conformidade com o que foi detalhado no TCLE, garantindo a integridade e a precisão das informações fornecidas aos participantes ou às partes interessadas na pesquisa.

Sobre os benefícios da pesquisa, destaca-se que o estudo pode contribuir para reconhecer e difundir informações gerais do processo de formação e preservação do acervo fotográfico do IHGVV para divulgar e fomentar/direcionar possíveis aprimoramentos.

Os resultados do estudo visam reconhecer e disseminar informações que possam ser replicadas por outros institutos históricos e geográficos municipais em todo o país. Além disso, buscam fomentar a discussão sobre melhorias no tratamento arquivístico de documentos fotográficos (Braga; Silva, 2020), destacando sua importância como documentos de arquivo, e aumentar a visibilidade da instituição e da memória coletiva. Para estabelecer as categorias de análise, foram consideradas necessárias a frequência e a relevância das ações e práticas simbólicas observadas durante as entrevistas.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A preservação da memória coletiva é um desafio contínuo que exige estratégias eficazes e o uso de tecnologias adequadas. Ao longo deste capítulo, entende-se que a CI coopera com a gestão documental, integrando-se aos ramos da arquivologia e da documentação. Destarte, com apoio das funções essenciais arquivísticas, a CI atua na replicação das boas práticas de preservação, organização e acessibilidade dos documentos. As funções arquivísticas serviram como parâmetro para analisar as respostas dos entrevistados, atendendo aos objetivos propostos, sem explorar em profundidade as especificidades dessas funções, mas utilizando-as como um parâmetro direcionador da análise.

Neste capítulo, serão analisadas as características das funções arquivísticas com um foco específico em arquivos fotográficos. A abordagem dessas funções visa abranger os princípios, métodos e operações aplicáveis à organização e ao tratamento desses arquivos (Rousseau; Couture, 1998). As entrevistas revelam, de maneira indireta, aspectos dessas funções, que geram reflexões pois:

Repara-se que não se trata aqui de estabelecer distinções entre os arquivos correntes, os intermédios e os definitivos. Com efeito, as funções devem ser abordadas de modo a cobrir o conjunto dos princípios, dos métodos e das operações que se aplicam à organização e ao tratamento dos arquivos, independentemente da idade destes (Rousseau; Couture, 1998, p. 265).

Portanto, as sete funções arquivísticas descritas por Rousseau e Couture (1998) são fundamentais para uma gestão documental eficaz. Elas incluem a criação, avaliação, aquisição, conservação, classificação, descrição e difusão dos documentos, assegurando sua organização e acessibilidade. Nas entrevistas, essas funções aparecem muitas vezes de maneira implícita, gerando reflexões que serão aprofundadas nas próximas seções.

Na seção “Memórias Imortais: jornada em prol da aquisição e produção”, aborda-se como a aquisição de documentos e a produção de registros fotográficos são fundamentais para a construção e preservação da memória coletiva de Vila Velha. A aquisição envolve a incorporação de novos documentos ao acervo, sejam eles doações, permutas ou compras de coleções significativas. Essa função colabora para a expansão do acervo do IHGVV, e permite a trajetória de continuidade da missão institucional de preservação histórica. A produção de novos registros garante que eventos contemporâneos sejam documentados, enriquecendo o acervo com imagens atuais que dialogam com o passado.

Em “Guardiãs do Tempo: avaliação, classificação e conservação ao encontro do legado imagético”, examinam-se as práticas de avaliação, classificação e conservação dos documentos fotográficos do IHGVV. A avaliação determina o valor documental e histórico das fotografias, enquanto a classificação organiza os documentos sistematicamente. Por conseguinte, a conservação assegura que os documentos sejam mantidos em condições adequadas, para prevenir danos e deterioração. Essas práticas se coadunam para assegurar que o acervo fotográfico do IHGVV permaneça acessível e preservado para as futuras gerações.

Finalmente, em “Explorando o Legado Visual: a descrição e o acesso às memórias fotográficas do IHGVV”, destaca a importância da descrição planejada e do acesso público a esse acervo fotográfico. A descrição precisa de cada imagem deve acrescentar informações contextuais e técnicas, o que facilita a pesquisa e a consulta. O acesso, seja por meio físico ou digital, democratiza o acervo, promove a valorização da ancestralidade e da história local. Ademais, a digitalização do acervo é uma estratégia imperiosa pois possibilita vias inerente para a preservação das imagens em formatos estáveis e a disseminação ampla desse patrimônio documental.

Preservar é preciso e urgente no preceituar de Cunha (2016). E isto reflete nas ações imediatas do IHGVV para preservar documentos. A digitalização, o armazenamento adequado e os projetos de conservação são práticas essenciais que asseguram a continuidade da memória histórica e cultural, dizem¹⁸ os Entrevistados 2 e 4. Infere-se que a evolução da formação e preservação do acervo fotográfico transcende sua mera função como repositório de memória, assumindo novas dimensões que buscam angariar recursos econômicos e digitais, situando um conjunto de referências e instrumentos – considerados como tecnologia social da memória – que têm o objetivo criar, organizar e socializar memórias de pessoas, grupos, organizações e comunidades, contadas por meio de histórias de vida e desse acervo fotográfico.

Nesse sentido, é necessária a constante busca por ferramentas de gestão e técnicas de documentação que se adequem às políticas para assegurar a continuidade desse acervo. Mas qual o tamanho desse acervo fotográfico? Essa pauta, dirigida aos entrevistados, expõe que existem as coleções de fotos analógicas, as digitais e as fotográficas históricas digitalizadas (migradas do suporte papel) ou, como reporta o Entrevistado 2 “[...] digitalização é o termo usual, o marco preciso é digitizadas” e discorre sem incipiência, conforme aponta a palestra

¹⁸ Como afirmaram os entrevistados: “A digitalização dos documentos históricos é crucial para a preservação de nossa memória coletiva” (Entrevistado 2) e “Sem um armazenamento adequado e a conservação contínua, perderíamos uma parte significativa de nossa herança cultural” (Entrevistado 4).

de Transformação Digital na Gestão de Documentos (Flores, 2024).

Nessa perspectiva, o acervo fotográfico do IHGVV conta com cerca de 30.000 fotografias, divididas em 800 (2,67%) analógicas, 25.000 (83,33%) digitais e 4.200 (14,00%) analógicas digitalizadas. A importância desse acervo é refletida na crescente ênfase dada a sua preservação e gestão eficaz. A afirmação de Camargo e Goulart (2007), de que nenhum documento é uma ilha, reforça a ideia de que cada documento deve ser compreendido como parte de um conjunto integrado. Isso sublinha a necessidade de uma abordagem coesa na preservação e gestão do acervo, levando em consideração a interconexão e a complexidade de documentos fotográficos. Diversos trechos das entrevistas evidenciam como a curadoria é crucial para garantir a preservação, a organização e o acesso contínuos ao patrimônio fotográfico, beneficiando tanto pesquisadores quanto o público em geral, que busca compreender e valorizar a memória coletiva.

Com base nos fatos apresentados, é reconhecido que as coleções fotográficas mantêm um elo fundamental com as atividades e funções das pessoas e organizações que as criaram. Isso é evidenciado pela fala do Entrevistado 1, que afirmou que: “As coleções fotográficas são intrinsecamente ligadas às atividades e funções das pessoas e organizações que as produziram”. Nesse sentido, Camargo e Goulart (2007, p. 66) alegam que a tipificação documental é inevitável, e visa “[...] amalgamar o conhecimento da estrutura formal” dos documentos. Esse processo segue padrões validados sob perspectivas institucionais e legais, integra o conhecimento das atividades que originaram os documentos e explica suas funções essenciais: “[...] dispor, obrigar, conceder direitos, comunicar, provar, informar e testemunhar” (Camargo e Goulart, 2007, p. 66).

5.1 MEMÓRIAS IMORTAIS: JORNADA E INTERVENÇÃO EM PROL DA AQUISIÇÃO E PRODUÇÃO

Nesta seção, investiga-se o processo de formação e consolidação do acervo fotográfico do IHGVV. Examina-se a relação entre aquisição e produção de acervos fotográficos, destacando as ações envolvidas na constituição do acervo, suas potencialidades, lacunas e desafios. A função de aquisição para o crescimento dos arquivos refere-se à incorporação de novos documentos. Esse processo deve ser orientado por políticas claras que considerem a capacidade de preservação e os recursos disponíveis (Rousseau; Couture, 1998). Nos arquivos fotográficos, a aquisição pode somar tanto novas fotografias quanto doações ou compras de coleções significativas. Essa função constrói, compreende e expande o acervo fotográfico do

IHGVV, bem como alcança uma missão institucional.

Nesse cenário, relata-se que o acervo fotográfico do IHGVV teve início na década de 1990, quando o Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Vila Velha (PMVV) organizou um chamamento para coletar fotos das pessoas mais antigas da região do Sítio Histórico da Prainha, em Vila Velha, argui o Entrevistado 4. Desde então, o IHGVV tem se empenhado na aquisição de novas fotografias, tanto de forma ativa, por meio de visitas a famílias e pessoas, quanto de forma passiva, por meio de doações espontâneas, o que tem contribuído significativamente para a expansão e o enriquecimento do acervo.

Como Associação dos Moradores, tínhamos um Departamento de Cultura, onde trabalhei por um tempo, e naquela época, as pessoas mais antigas de Vila Velha já estavam começando a falecer. Esses acervos de fotos que eles tinham não tinham muito para quem ser entregues. O confrade decano, sempre uma pessoa muito envolvida nessa parte de captura dos acervos, começou a ir às casas das pessoas e coletar essas fotos (Entrevistado 4).

A aquisição de fontes não escritas, como fotografias, pinturas, gravuras, esculturas, plantas, mapas, desenhos e fitas videomagnéticas, é considerada um pilar para a constituição do acervo, argumenta o Entrevistado 4. No contexto do IHGVV, essa função expande e aprimora o acervo e, se alinha à luta dessa instituição. Segundo o Entrevistado 4, a aquisição possibilita resgatar percepções valiosas sobre a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial da cidade.

[...] Nós temos o ferrenho propósito [...] de caçar as fotografias. Caçar. Nós somos os hunters, vamos chamar assim, *fotohunters*. Onde tiver família antiga, fulano de tal faleceu. Somos tipo papa-defunto..., mas fulano de tal faleceu. Ih, fulano de tal, tem um monte de fotos. Confrade vai lá, vai lá, lá. Ele vai lá na casa e pede a doação de um monte de coisas, muitos trens. Aí a gente pega as fotos, pega tudo que vem. O mais importante é as fotos. Isso aqui tudo nós pegamos [aponta para uma mesa com um caixa]. [...] Junto a esses documentos aí, vieram algumas fotos. Entendeu? Então, nós somos caçadores de fotos. Não tem uma diretriz, não tem nada escrito sobre isso [aquisição]. Nada escrito sobre isso. Não precisa, seria interessante ter [...] (Entrevistado 4).

Os confrades do IHGVV reconhecem a necessidade de documentar adequadamente a aquisição de novos materiais para o acervo, incluindo a identificação dos doadores e a documentação dos direitos autorais das imagens recebidas (Entrevistado 1). Entende-se que, dentro da nova perspectiva historiográfica, a noção de documento foi ampliada, contemplando diversos artefatos documentais. Contudo, o IHGVV não tem um setor dedicado a aquisição, alega o Entrevistado 1. A instituição conta com membros engajados, como o fotógrafo e o membro decano, que atuam como ‘caçadores de fotos’, buscando ativamente novas adições ao acervo da instituição (Entrevistado 1).

[...] O acervo de fotos do instituto é fundamental na e para a construção da memória, para estar na Casa da Memória [entidade museu, ligada ao IHGVV]. Documentando visualmente o passado, as aquisições preservam genealogias, eventos comunitários e mais mudanças culturais, conectando gerações e reforçando a identidade desta localidade. A aquisição de fotos e pinturas por doação capturam efemérides, detalhes e recordações que completam os documentos escritos, tornando a memória mais acessível e relevante para todos. Mais do que ser um narro sociologicamente conciso, a aquisição desse acervo cria um senso de pertencimento e ligame comunitário; possibilita que [as] pessoas/sujeitos se identifiquem com suas origens e compreendam suas histórias compartilhadas e expansivas (Entrevistado 1).

Adicionalmente, o Entrevistado 1 destaca a diversidade do acervo do IHGVV, afirmando que “[...] o tipo de fotografias é bastante diversificado, porque teve doações de diversas famílias de Vila Velha. Então, há no acervo obras descolorizadas e colorizadas, peças raras [de câmeras de fole] que tinham alto custo e álbuns de famílias. A fotografia antiga é vista como evento significativo e esse acervo vem incorporar daguerreótipos e negativos também” (Entrevistado 1). Esse relato sugere que uma das principais formas de aquisição do acervo fotográfico do IHGVV é por meio de doações de famílias locais, que contribuem com diversos tipos de fotografias: obras colorizadas, fotografias antigas, filmes fotográficos e negativos. A diversidade de aquisições e doações enriquece o acervo, proporcionando uma ampla gama de materiais históricos e culturais, refletindo a história e a memória coletivas da comunidade de Vila Velha.

Outra contribuição para a noção de aquisição foi apresentada pelo Entrevistado 4. Ele entende que há sempre uma abordagem ativa do IHGVV na busca por novas adições ao acervo. Um exemplo concreto dessa abordagem é a iniciativa de Helder (confrade fotógrafo oficial) e Roberto (confrade fundador, generalista) de investigar famílias antigas após falecimento de algum membros, o que muitas vezes leva à descoberta e à aquisição de fotografias históricas. Nesse ínterim, a aquisição é feita por meio de doações e armazenada em envelopes e arquivos de aço, sendo esse o método de coleta e armazenamento mais convencional para aquisição de fotografias antigas. O entrevistado 5 relata que o presidente Paulinho¹⁹:

[...] fez o primeiro volume com as fotografias antigas, históricas e tal [...], e ele pagou, ele arrumou um recurso, pagou pra ser feito com código, e imprimiu um volume assim, entendeu? Agora tem ele citado só em ementa mesmo, o código do que é [como recepcionar as doações], e o resumo dele. Entendeu? Para a custódia da Casa da Memória a fotografias são dadas, são trazidas pelas famílias ou buscadas por nós mesmos em contato com essas famílias mais antigas daqui [Sítio Histórico da Prainha, em Vila Velha, no Espírito Santo].

O Entrevistado 2 ressaltou que a maioria das fotos antigas no acervo do IHGVV são

¹⁹ Luiz Paulo Siqueira Rangel, diretoria 2023-2026 do IHGVV e agente cultural inscrito no Mapa Cultural ES <https://mapa.cultura.es.gov.br/agente/5879/#info>.

provenientes de doações de famílias locais. Essa prática evidencia a relevância das doações da comunidade na preservação da história local e na ampliação do acervo da instituição. Por sua vez, o Entrevistado 5 argumenta que a aquisição de fotografias antigas visa resgatar todos os aspectos da história de Vila Velha, incluindo temas sensíveis como etnias e religiões. Ademais, o situar dessas abordagens mostram que a função de aquisição de materiais fotográficos reflete o compromisso do IHGVV em documentar e preservar a diversidade cultural da região.

[...] Como IHGVV tem estimulado, né, o pessoal [comunidade] no início trazia, e vira e mexe continua o presidente do instituto provoca para a questão da aquisição de fotos. No início, o pessoal [comunidade local] trazia mais, mas fica parecendo que esgotou a massa. Mas que ainda tem mais [fotos a doar]. É, quem procura, acha, né? Então, vira e mexe, a gente acha, a gente tá de olho no acervo. A maior parte das famílias tem lá suas fotografias e, a gente está correndo atrás de mais (Entrevistado 5).

Grosso modo, a aquisição se refere ao processo de obtenção de materiais para o acervo da instituição. Essa função contribui diretamente para o desenvolvimento de sua missão, visão e valores institucionais (Entrevistado 4). O Entrevistado 4 ainda relata que diversas abordagens são adotadas pelo IHGVV em relação à aquisição de novos materiais. Entre elas, avultam-se as doações de acervos de famílias locais e que são complementadas e somadas a outros registros existentes no Arquivo Público de Vitória e no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES).

[...] a prefeitura é uma desgraça. Eles jogam tudo fora. Entendeu? Alguma coisa nós conseguimos da prefeitura da Câmara [vereadores de Vila Velha], a gente que preserva. E... Depois, o arquivo da prefeitura [Vila Velha], descobri que foi todo destruído, não sobrou praticamente nada. Entendeu? E nós fomos, aí o presidente do instituto foi comigo, nós fotografamos um monte, dois marcos de ofício, assim, acontecimentos e fotos do final do século XIX, início do século XX, a gente têm eles fotografados, pois é! Lá no arquivo da prefeitura de Vitória tem alguma coisinha de fotos sobre Vila Velha” (Entrevistado 5).

Os entrevistados identificam desafios na aquisição de acervos, mencionando a falta de recursos, de pessoal para auxiliar a coordenação entre diferentes partes interessadas, como órgãos públicos, na cessão de materiais (Entrevistados 4 e 5). Eles demonstram preocupação com esses desafios, mostrando a importância de superá-los para expandir o acervo da instituição. Frisa-se que a aquisição ocorre por meio de reportagens e campanhas direcionadas a emissoras de rádio e televisão local, chamadas para conscientizar sobre a importância de contribuir para esse acervo do IHGVV (Entrevistado 5).

[...] A gente botar um edital na mídia pedindo acervos e aí [...] Diziam algumas pessoas que não ia funcionar e, diziam os outros que não que o instituto não teria a organização para absorver isso e tal [pausa]. Aí alguns dessa ordem política se

negaram fazer isso. E a primeira aconteceu com a campanha dos antigos prefeitos [pausa] Aí eu fui lá na Rede Gazeta [rede de telecomunicação comercial aberta estadual brasileira sediada em Vitória, Espírito Santo]. Aí o cara que era gerente lá [ênfase] apertou assim uma campanha e chamou o repórter. Dizer para um rapaz lá do jornal, faça uma reportagem para ele - isto aí: uma matéria sobre a Casa da memória, até parece meu retrato, o chefe autorizou uma campanha para angariar acervo. Tá, então vamos botar essa reportagem de pedindo Acervos sai até no Caderno 2. Uma campanha de acervo! E ficou sem mentira nenhuma, ficou mais de dois anos ou mais saindo do Caderno 2 com a lide assim: A Casa da memória de Vila Velha pede os antigos prefeitos para entregarem acervo aqui e tal, fotografias e documentos para custódia da memória (Entrevistado 5).

Por meio da coleta ativa e passiva de materiais fotográficos e da colaboração com a comunidade local, o IHGVV tem conseguido construir e expandir seu acervo, cumprindo sua missão de preservar a história e a cultura de Vila Velha. O compromisso do IHGVV é aprimorar continuamente o acervo (Figura 1), promovendo o reconhecimento de sua importância na preservação da memória.

Figura 1 – Guardados do passado e o cuidado com documentos históricos



Fonte: arquivo pessoal, documentos do acervo do IHGVV - Vila Velha/ES, maio de 2024.

A abordagem proativa adotada pelo IHGVV na busca de documentos, conforme citam os Entrevistados 4 e 5, engloba uma série de iniciativas, tais como visitas às residências, contatos com outras instituições em todo o Brasil e busca constante por famílias e indivíduos relevantes para a história local. Essas estratégias evidenciam o compromisso da instituição em enriquecer seu acervo, reconhecendo a importância da fotografia para a preservação da história e cultura dessa região. No entanto, conforme relata o Entrevistado 5, essa empreitada enfrenta desafios significativos, tais como a escassez de tempo e recursos, além da necessidade de coordenação entre as partes interessadas. Superar tais obstáculos de aquisição requer não apenas um compromisso contínuo, mas também uma estratégia colaborativa por

parte da equipe do IHGVV e de seus parceiros externos.

O Entrevistado 2 cita diversos equipamentos e acessórios de qualidade para fotografia (para registro com pouca luz, longas exposições e para evitar tremidas na câmera) utilizados em afazeres do IHGVV. Esses equipamentos garantem a autenticidade das imagens, permitindo que o acervo seja enriquecido com fotografias de alta resolução e detalhamento. Desde câmeras profissionais até equipamentos de iluminação especializada, cada componente tem um papel específico na captura e qualidade das fotografias produzidas.

Desse modo, a abordagem adotada pelo IHGVV para a aquisição e produção do acervo fotográfico deve fomentar a preservação da memória coletiva e cultural da região.

Quadro 1 – Dimensão atinente à função aquisição e produção

FALA	AQUISIÇÃO	PRODUÇÃO
Entrevistado 1	Destaca a importância da aquisição como processo essencial para a construção, compreensão e expansão do acervo fotográfico do IHGVV, além de realizar a missão institucional. Sugere a necessidade de pessoal qualificado para enfrentar desafios futuros relacionados à incorporação documental.	Destaca a produção contínua de fotografias para manter viva a memória de Vila Velha, ressaltando seu papel como fonte de inspiração para interpretações patrimoniais e criações artísticas. Utiliza aspectos das artes plásticas para destacar a importância da produção de fotografias como artefato apropriado para conectar as gerações.
Entrevistado 2	Reconhece a doação de acervos de família como uma forma significativa de adquirir novos documentos fotográficos para o Instituto. Identifica a falta de um acervo digitalizado consolidado como um desafio para a aquisição e gestão do acervo.	Enfatiza que a nova documentação detalha eventos históricos e culturais, como a primeira documentação completa do interior do Convento da Penha, e a importância dos metadados para garantir a autenticidade dos registros. Adota uma abordagem técnica e detalhada para discutir os desafios de gestão e produção do acervo digital.
Entrevistado 3	Expressa o interesse em resgatar todos os aspectos da história de Vila Velha, incluindo temas sensíveis como etnias e religiões, como parte integral da missão de documentação. Reconhece a necessidade de coordenação e recursos adequados para enfrentar desafios na aquisição de novos documentos para o acervo.	Foca na produção de conhecimento histórico por meio da coleta ativa de materiais, como fotografias e documentos, por meio de entrevistas com membros idosos da comunidade e solicitações de doações. Apresenta um discurso engajado e inclusivo, revelando a importância da representatividade no acervo.
Entrevistado 4	Nota a abordagem ativa na busca por novos acervos, destacando o papel dos “caçadores de fotos” na obtenção de novas adições ao acervo. Adverte sobre desafios como a falta de tempo, recursos e a necessidade de coordenação entre diferentes partes interessadas na busca por novos acervos.	Salienta a importância de adquirir e preservar documentos e fotografias que representam a diversidade da comunidade, como grupos históricos como os movimentos da comunidade LGBT. Demonstra uma preocupação pragmática com a sustentabilidade financeira do Instituto, mostrando que novos registros envolvem custos.

Entrevistado 5	Destaca a busca ativa por novos acervos, como visitas às casas das pessoas, contatos com outras instituições e a constante busca por famílias e pessoas relevantes para a história local. Aponta que a falta de tempo e recursos são desafios na busca por novos acervos, além disso, é necessário ter contatos.	Relata que a fotografia é uma ferramenta poderosa para valorizar a história de Vila Velha, frisando a importância de criar um acervo diversificado e inclusivo que promova uma narrativa abrangente e representativa da cidade. Adota uma perspectiva educativa e participativa, enfatizando o envolvimento da comunidade na produção da memória histórica.
-----------------------	--	---

Fonte: o autor, com base em conteúdo/discurso das entrevistas, maio de 2024.

A preservação da memória coletiva exige mais do que estratégias eficazes e o uso de tecnologias modernas; ela depende da capacidade de superar desafios logísticos e de mobilizar a comunidade local. No caso do IHGVV, a obtenção de fotografias, tanto contemporâneas quanto históricas, tem sido fundamental não só para documentar o passado, mas também para criar um senso de pertencimento entre os moradores de Vila Velha. A colaboração ativa de famílias locais e o cuidado na curadoria dessas imagens são aspectos que fortalecem a missão do IHGVV de preservar a história e promover a coesão social, conforme destacam os entrevistados 2 e 3.

A busca incessante por documentos, principalmente por meio de doações, e a superação dos desafios enfrentados para contatar os familiares das pessoas falecidas na localidade da Prainha, asseguram a celeridade na expansão e na qualidade do acervo do IHGVV. Esse esforço ratifica a importância da aquisição e produção contínua de fotografias, que são essenciais para documentar visualmente o passado e fortalecer a identidade local.

Além disso, a escolha cuidadosa dos equipamentos utilizados para fotografia de estúdio, documentação e reportagens de eventos reflete o compromisso do IHGVV em preservar a autenticidade e a qualidade da produção documental. Por meio desses recursos tecnológicos²⁰, o instituto é capturar momentos significativos da cidade (Figura 2), uma vez que as fotografias colaboram para a construção e o fortalecimento da identidade de uma população, pois não há identidade sem memória (Funari, 2001).

A produção e preservação contínuas de fotografias pelo IHGVV não só documenta o passado, mas também garante a continuidade e a vitalidade da identidade cultural de Vila Velha.

²⁰ Outro aspecto relevante para a preservação do acervo fotográfico é o armazenamento adequado. As imagens precisam ser mantidas em condições climáticas estáveis, longe de fontes de luz, umidade ou temperatura elevadas, que podem causar danos irreparáveis às imagens. É preciso ter cuidado com o manuseio das fotografias. A digitalização do acervo fotográfico pensando em conjunto com o processo de produção é uma das formas mais eficazes de preservar as coleções armazenadas em suportes digitais, como discos rígidos ou nuvens, e possam ser acessadas a qualquer momento, sem prejudicar o material original.

Figura 2 – Memórias visuais da cidade e o acervo fotográfico do IHGVV



Fonte: arquivo pessoal, documentos do acervo do IHGVV - Vila Velha/ES, maio de 2024.

Dessa forma, o IHGVV ao superar desafios e implementar estratégias eficazes de conservação, o IHGVV assegura que a história local permaneça acessível e representativa para futuras gerações. Dessa forma, o acervo fotográfico transcende seu papel de registro histórico, tornando-se um recurso dinâmico que fortalece o senso de pertencimento e a coesão social.

5.2 GUARDIÃS DO TEMPO: AVALIAÇÃO, CLASSIFICAÇÃO E CONSERVAÇÃO AO ENCONTRO DO LEGADO IMAGÉTICO

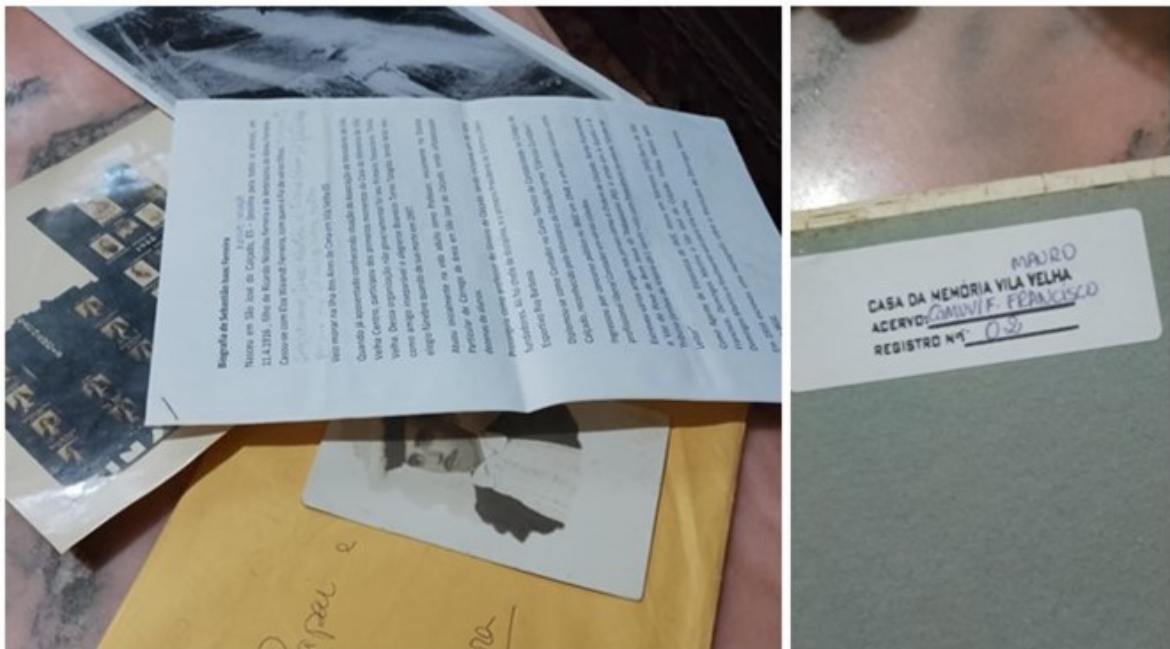
Nesta seção, aborda-se a importância das funções arquivísticas de avaliação, classificação e conservação no contexto da preservação do acervo fotográfico do IHGVV. Assim, apresenta-se uma análise situacional das interfaces dessas funções, baseada nas entrevistas com os membros da instituição e fundamentada nos construtos de análise que englobam a dinâmica dessas funções.

A avaliação envolve uma análise do valor dos documentos para decidir sobre sua preservação ou descarte. Esta função promove a eficiência da gestão documental, pois evita o acúmulo de documentos desnecessários (Rousseau; Couture, 1998). Em relação às fotografias do IHGVV, a função de avaliação, embora não seja explicitamente mencionada, emerge como uma preocupação central entre os entrevistados. Os Entrevistados 1 e 4 relataram que a avaliação

atua como um planejamento de seleção e identificação de fotografias relevantes para a instituição, focando na tomada de decisões sobre quais fotografias merecem ser preservadas e exibidas, e quais reúne procedimentos especiais de guarda e preservação.

A reflexão sobre o valor e o significado das fotografias, bem como a consideração de seu potencial educacional, turístico e artístico, indica a necessidade de um processo contínuo de avaliação para garantir a relevância e a utilidade do acervo fotográfico para a comunidade de Vila Velha. A visão compartilhada pelos Entrevistados 1 e 4 limita a noção da avaliação como uma atividade que consiste em determinar quais documentos precisam ser mantidos, tendo como fotografias a capacidade de documentar (Figura 3) a história em sua essência.

Figura 3 – Entre cartas de doação e fotografias: caminhos para a avaliação documental



Fonte: arquivo pessoal, documentos do acervo do IHGVV, Casa da Toca - Vila Velha/ES, maio de 2024.

Um levantamento museográfico e catalográfico de fotos serve para prevenir questões relacionadas aos direitos de imagem. Os Entrevistados 1 e 2 sublinham a importância de identificar elementos intrínsecos a cada fotografia, incluindo informações sobre o fotógrafo e a origem das imagens, para garantir uma avaliação cuidadosa do acervo do IHGVV. Nesse âmbito, Peixoto (2013) explora o papel significativo da imagem como fonte de estudo dentro do vasto contexto iconográfico e frisa que, embora amplo o seu âmbito, com imagens e técnicas diversas, a fotografia é usada para representar desenhos, pinturas, imagens gravadas ou mesmo fotográficas. E continua dizendo que os documentos são difíceis de obter e raros e que não podem ficar:

[...] simplesmente “arquivados”, assumindo o caráter de um “gabinete de curiosidades”, pouco contribuindo à compreensão do processo histórico, no passado e no presente, determinou a necessidade de se dar um significado ao acervo, de forma que seus elementos constitutivos fossem contextualizados na trama histórica, em seus múltiplos desdobramentos. Para isto se fez necessário um processo de organização dos documentos que, além de considerar seus aspectos físicos, as marcas do tempo, posição no acervo, acrescentasse outras informações capazes de estimular sua utilização. A partir deste trabalho de catalogação e busca de significado [...] (Peixoto, 2013, p. 201-213).

Peixoto (2013) salienta a importância da contextualização adequada desses documentos no processo histórico global, destaca a necessidade de uma catalogação abrangente que vá além dos aspectos físicos das imagens, incorporando informações que estimulem sua interpretação e compreensão. Nessa via, a pesquisadora alerta que a imagem não se esgota em si mesma e que há sempre mais a ser apreendido do que é dado a ver. Ela sugere que as imagens históricas são suscetíveis a interpretações diversas e reconstruções, e ressalta a necessidade de uma abordagem crítica ao utilizar as imagens como fonte de pesquisa e, prossegue dizendo que mesmo silêncios e lacunas devem ser “decifrados”, motivo pelo qual as imagens vão além do que se vê, pois propõem novas questões e revelam outros contextos:

[...] Além disso, a imagem não pode ser considerada o retrato fiel do passado. Os documentos históricos são sempre resultado de escolhas. Esses registros são vistos e compreendidos de maneiras diferentes pelos historiadores e pelas pessoas em geral, muitos anos depois. O que significa que as fontes nunca são completas e que tal como as versões históricas, elas não são definitivas. A cada leitura, ela passa por um processo de reconstrução (Peixoto, 2013, p. 201-213).

Adicionalmente, Peixoto (2013) ajuíza que as imagens históricas são suscetíveis a interpretações diversas e reconstruções, alertando para a necessidade de reconhecer suas limitações e subjetividades. Deve-se avaliar e compreender que o acervo de imagens não representa uma verdade absoluta, mas uma interpretação do passado, sujeita a diferentes pontos de vista e interpretações ao longo do tempo.

Nesse contexto, a avaliação dos documentos, incluindo a decisão sobre sua relevância e valor na composição do acervo, fica evidente na discussão sobre a importância histórica das fotos antigas (Figura 4) para preencher lacunas na memória e no legado local. Os interagentes entrevistados tecem comentários e reflexões sobre a função de avaliação, revelando preocupação com a possível perda de documentos importantes e a subsequente necessidade de recuperá-los ou substituí-los, buscando solucionar questões relacionadas à gestão dos acervos do IHGVV. Nesse contexto, os entrevistados 2 e 3 destacam que a tecnologia digital desmantelou ainda mais os documentos fotográficos, fragmentando-os em uma série de componentes e, assim, complicando o processo de preservação e gerenciamento desses itens.

Figura 4 – Vida em comunidade e a preservação da memória das celebrações



Fonte: arquivo pessoal, documentos do acervo do IHGVV - Vila Velha/ES, maio de 2024.

Os entrevistados 4 e 5 destacam que um dos principais desafios enfrentados pelo IHGVV é a falta de espaço na Casa da Toca, onde o acervo está armazenado. A necessidade de revisar e reduzir o acervo, focando em itens mais relevantes para a memória canela-verde, também é mencionada. O entrevistado 5 relata que parte do acervo retrata a cidade de Vila Velha sendo necessário preservá-lo. Diz ainda que a população, principalmente, os mais velhos, gosta das exposições, querem saber onde as fotos foram encontradas e nem sabem do sacrifício que tivemos para coletá-las.

[...] chega um ponto que a Casa da Toca está lotada, e acho que pode dar uma enxugada geral nesse acervo, visto que ampliou muito a abrangência e nem tudo está ligado à cultura canela-verde Mas a questão do turismo é um problema quando vejo que eles [os visitantes do Museu Casa da Memória] buscam apenas fotos coloridas e coisas atuais, modernas. E quando acabam os mandatos dos governos também avaliam que há um interesse fotográfico muito grande, e a gente não tem um acervo digitalizado consolidado, sendo que nas fotos parecem muitas coisas. que visitam é que a Casa da Memória tem um acervo adequado a essas memórias, é um lugar que cultua a história e... [dá uma pausa] notei que algumas pessoas mais próximas, parte do povo, dizem que lá na Casa da Memória tem tal foto, trazendo alguma relação para preocupação com suas origens e raízes (Entrevistado 5).

Por outro lado, há um descompasso entre o que o acervo oferece e o que os turistas procuram, demonstra a importância de focar a oferta do IHGVV com as expectativas dos visitantes e

usuários dessa documentação. Os turistas tendem a gostar de fotos coloridas e materiais mais modernos, enquanto o acervo mais histórico, pende para o preto e branco, e pode não ser tão atraente.

Quadro 2 – Dimensão atinente à função avaliação

Enfoque	Sobre a função avaliação e desafios identificados	Atributos do discurso
Entrevistado 1	Analisa a avaliação como um processo essencial na preservação do acervo, destacando seu potencial educacional e artístico. Sugere a necessidade de pessoal qualificado para enfrentar desafios futuros relacionados a avaliação e gestão do acervo.	Amplia a compreensão sobre o papel da avaliação como função da gestão arquivística, e mostra sua importância na preservação da história local.
Entrevistado 2	Destaca a documentação detalhada de eventos históricos, turísticos e culturais como parte da avaliação. Identifica a falta de espaço como um desafio significativo para a organização e avaliação do acervo.	Sugere a revisão e redução do acervo como uma medida para enfrentar desafios de organização e gestão das coleções fotográficas.
Entrevistado 3	Reconhece a importância de capturar informações históricas valiosas como parte do processo de avaliação. Sugere a necessidade de pessoal qualificado para enfrentar desafios futuros relacionados a avaliação e conservação.	Considera necessário abordar os desafios de forma mais direta e proativa, especialmente no contexto da avaliação e gestão do acervo.
Entrevistado 4	Relata a necessidade de adquirir e preservar documentos representativos da diversidade da comunidade como parte do processo de avaliação. Sugere a necessidade de pessoal qualificado para enfrentar desafios futuros relacionados a avaliação e gestão do acervo.	Destaca a importância de uma abordagem inclusiva na avaliação do acervo, reconhecendo a diversidade da comunidade como parte desse processo.
Entrevistado 5	Demonstra preocupação com a perda de documentos importantes e a necessidade de critérios claros para a avaliação do acervo. Aponta a falta de um acervo digitalizado consolidado como um desafio para a avaliação e gestão do acervo.	Enfatiza a importância de garantir acesso e gestão adequados do acervo pela digitalização, como parte essencial da avaliação e preservação do acervo.

Fonte: o autor, com base em conteúdo/discurso das entrevistas, maio de 2024.

Os entrevistados demonstraram um entendimento básico da função de avaliação, confirmando sua importância na constituição do acervo, embora suas declarações sejam breves e reflitam uma compreensão superficial sobre essa função. Avaliar envolve deliberar sobre quais fotografias são significativas o suficiente para serem preservadas e exibidas, e quais itens devem ser selecionados em procedimentos especiais de guarda e preservação, como conservação e restauro.

A classificação, por sua vez, é uma atividade intelectual que organiza documentos de acordo com suas funções e atividades da entidade produtora (Rousseau; Couture, 1998). Essa função estabelece a relação entre os documentos, facilitando sua recuperação e uso. Em arquivos

fotográficos, a classificação pode ser feita com base em critérios como dados, evento ou tema, garantindo que as imagens possam ser facilmente localizadas e contextualizadas.

A organização do acervo fotográfico emerge como uma preocupação dos entrevistados, que destacam a necessidade de categorizar as fotografias para facilitar sua identificação, acesso e recuperação de informações. Assim sendo, com o apoio das funções arquivísticas essenciais, a CI promove boas práticas de avaliação, classificação, conservação e acessibilidade aos documentos, assegurando a preservação e a utilização eficiente do acervo fotográfico.

A CI contribui para a implementação de tecnologias avançadas que melhoram a gestão e o acesso ao acervo, como a digitalização em alta resolução e a criação de plataformas *on-line* robustas. Essas práticas tanto garantem a integridade e a longevidade dos documentos, quanto ampliam o alcance e a visibilidade do acervo, tornando-o mais acessível ao público e valorizando a memória cultural e histórica da comunidade.

O Entrevistado 1, por exemplo, equipara esse processo a um trabalho museológico, ressaltando a importância de classificar as fotografias com base em critérios como época, tema e assuntos retratados na imagem. Essa abordagem realça a relevância da contextualização histórica das imagens para uma organização eficaz do acervo, e permite aos usuários localizarem rapidamente fotografias de seu interesse. No Quadro 3, são recapturados os atributos principais identificados em cada entrevista, permitindo uma suscita compreensão das práticas e desafios enfrentados na classificação de documentos fotográficos no IHGVV.

Quadro 3 – Dimensão atinente a função classificação

Atributos	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5
Enfoque na classificação	Categorização por época, tema e sujeitos das fotos.	Criação de acervo por temas relevantes.	Organização do acervo em torno de temas históricos de Vila Velha.	Ausência de metodologia formal, mas categorização por temas históricos.	Digitalização e organização do acervo por meio de ferramentas digitais.
Métodos de organização	Comparação do processo a um trabalho museológico, mostrando a importância da contextualização histórica.	Criação de novo acervo com foco em eventos associados ao Instituto Histórico e Geográfico.	Implícita necessidade de estruturar o acervo para facilitar acesso e pesquisa sobre temas específicos.	Uso de métodos temporários e pouco duráveis de documentação e classificação.	Utilização de bancos de dados em Excel para gestão eficiente do acervo.

Perspectivas sobre a classificação	Necessidade de organização eficaz para identificação rápida de fotos de interesse.	Importância da categorização por assunto ou contexto histórico para melhor compreensão e uso do acervo.	Importância da organização do acervo em torno de temas históricos para facilitar acesso e pesquisa.	Necessidade de estruturar o acervo para facilitar acesso e pesquisa sobre temas específicos.	Ênfase na importância da digitalização e organização para gestão eficiente.
------------------------------------	--	---	---	--	---

Fonte: o autor, com base em conteúdo/discurso das entrevistas, maio de 2024.

Os relatos dos entrevistados convergem para a relevância da classificação do acervo fotográfico como uma ferramenta de organização e identificação de padrões de avaliação e conservação dos documentos do IHGVV. No entanto, cada entrevistado apresenta perspectivas distintas sobre a complexidade dos arranjos das coleções. Nesse sentido, deve-se destacar que a efetivação de uma classificação é um debate complexo e desafiador. Esse processo envolve aspectos práticos, e questões metodológicas, o envolvimento das pessoas e uso de instrumentos (conceituais e operacionais) arquivísticos. Esses elementos são intrínsecos à interação entre ciência, tecnologia e sociedade, tornando a classificação um tema de extrema relevância e impacto. Conforme Kossoy (2007), tanto diálogos quanto silêncios fazem parte das imagens e estão cheios de sentido, pois trazem uma história por fixar uma memória de algo que não está mais presente e precisa ser compreendido na fotografia. Isso

[...] se dá ao longo de um complexo processo de criação do fotógrafo. Assim nasce a representação fotográfica que, em sua materialização documental, registra a realidade exterior do objeto: sua aparência. Nesse processo é óbvio que a história do assunto e da própria representação é ocultada: o objeto, o assunto é, assim, codificado formal e culturalmente segundo uma construção técnica, estética, ideológica como já foi dito antes. Esta é a realidade que tomamos como documento. O documento fotográfico não pode, portanto, ser compreendido independentemente do processo de construção da representação em que foi gerado (Kossoy, 2007, p.156-157).

O Entrevistado 5 menciona a importância da digitalização e organização do acervo por meio de ferramentas digitais, como bancos de dados em Excel, movendo uma gestão mais eficiente. Ele menciona a criação de um cargo de diretor de acervo e a implementação de projetos para fomentar a preservação e organização do acervo. No entanto, ressalta a inadequação dos métodos temporários e pouco contidos na documentação e classificação usadas até o momento. Esse entrevistado relata que o diretor do acervo criou uma carga de trabalho grande para si, pois cuida também do *site*.

[...] É, aqui começou a ter código, né? Mas é isso, entendeu? que está escrito ali. E projetos que vem incentivando, projetos que vem pegar recursos ou incentivos viabilizam fazer ordenação... Aí começou a se falar no programa [de incentivo à] Memória e Patrimônio, começou a falar de muitos projetos e, aí eu notei que tudo era projeto, projeto, mas tudo tem que ter alguém carregando o plano, no projeto ele

não anda sozinho (Entrevistado 5).

Deve-se considerar a importância da classificação sistemática das fotografias, mesmo que nem todas as entrevistas façam menção explícita a esse processo. Além disso, é preciso considerar a padronização e a formalização dos métodos de classificação para garantir a consistência e eficiência na gestão do acervo fotográfico ao longo do tempo. Isso garante políticas de preservação e segurança, beneficiando as gerações futuras e facilitando uma pesquisa histórica sobre Vila Velha.

A conservação visa proteger os documentos contra restrições e danos, garantindo sua longevidade. A preservação preventiva é uma estratégia eficaz e menos custosa, com medidas como controle ambiental e armazenamento adequado. Para fotografias, isso pode incluir a preservação digital e condições adequadas de controle e acesso ao armazenamento. De acordo com Sayão (2005 *apud* Tavares; Freire, 2021, p. 145-146), a preservação digital vai além da preservação dos artefatos físicos e deve levar em conta outras dimensões do problema. Entendem que isso abarca preservação e renovação físicas, preservação lógica (envolvendo formatos, *hardware* e *software*) e intelectual (autenticidade e integridade) e

[...] Nesse sentido, condiciona-se a preservação de objetos digitais à adoção de métodos e tecnologias que integrem essas três dimensões: (i) a preservação física, que engloba as mídias magnéticas e discos óticos; (ii) a preservação lógica, que diz respeito às tecnologias usadas para gerar conteúdos, como formatos atualizados, novos *hardwares* e *softwares*; e a (iii) preservação intelectual, que se refere à integridade e à autenticidade dos conteúdos a serem preservados [...] (Tavares; Freire, 2021, p. 145-146).

Os dirigentes do IHGVV observam uma variedade de abordagens e perspectivas sobre os desafios e estratégias relacionadas à conservação de fotografias. Inicialmente, destaca-se a amplitude do acervo do IHGVV, que inclui fotografias, e documentos históricos, obras de arte e objetos tridimensionais, conforme indicado pelos entrevistados. Nessa via, no que tange à organização dos acervos no IHGVV, o Entrevistado 2 explica que há a separação das fotografias (antigas/históricas e digitalizadas). Em suas palavras, esse é um acervo de fotos antigas e históricas, que não devem ser misturadas, pois ele tem um método de catalogação próprio, e continua:

E eu fiz um outro sobre os eventos dos quais, de uma maneira ou de outra, o Instituto está ligado, ou patrocinou, ou Vila Velha em si está referenciada. Então, sobre a Igreja do Rosário, o Convento, as edificações antigas etc. Isso eu comecei a fazer em 2014. Daí a gente tem hoje uma coleção de quase 5 mil fotografias (Entrevistado 2).

O Entrevistado 1 enfatiza a necessidade e importância do IHGVV buscar a especialização dos

profissionais envolvidos na conservação/preservação de fotografias. A preservação eficaz requer conhecimentos técnicos sobre os métodos mais protegidos para cada tipo de fotografia, seja ela colorida ou em preto e branco. Nessa via, o Quadro 4 apresenta a dimensão relacionada à função de conservação dos acervos fotográficos destacando as falas e ênfases dos entrevistados, bem como as estratégias, desafios e soluções identificadas por eles.

Quadro 4 – Dimensão atinente a função conservação

Fala	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5
Ênfase proposta	Destaca a importância de profissionais especializados na conservação de diferentes tipos de fotografias.	Destaca a preocupação com a preservação como o armazenamento em discos rígidos e na nuvem.	Lembra o compromisso do Instituto em preservar a memória histórica e corrigir narrativas equivocadas.	Mostra a necessidade de um local adequado para armazenar as fotografias e a importância do cuidado físico com o material.	Enfatiza a importância da preservação física e digital dos documentos e a necessidade de inspeções regulares para a integridade do acervo.
Estratégias e Práticas	Preocupação com métodos de preservação adequados para cada tipo de fotografia, cita suportes diversos.	Utilização de backups independentes e armazenamento em nuvem para garantir a preservação das fotos.	Busca ativa por informações e registros históricos para o acervo, além de cuidado com a preservação física e digital.	Utilização de papel e pastas especiais para garantir a integridade das fotografias físicas.	Utilização de materiais adequados e digitalização dos documentos para preservar e proteger o acervo.
Desafios Identificados	Reconhecimento da execução incipiente da função de conservação no IHGVV.	Reconhece a fragilidade das fotos digitais ao longo do tempo, o que diretamente impacta a conservação.	Reconhece a importância do conhecimento para a preservação e divulgação do acervo.	Identifica desafios na preservação física e digital do acervo devido à falta ou carências financeiras.	Identifica a presença de cupins como um desafio para a conservação física dos documentos.
Soluções e Sugestões	Necessidade de uma reserva técnica adequada para armazenar o acervo fotográfico.	Adoção de métodos de preservação digital, como armazenamento em alta resolução e formatos digitais.	Ênfase na educação e sensibilização sobre a preservação e conservação em sintonia com a memória histórica.	Proposta da criação de um local adequado para armazenar as fotos e migração de suporte a longo prazo.	Proposta da implementação de inspeções regulares para garantir a conservação.

Fonte: o autor, com base em conteúdo/discurso das entrevistas, maio de 2024.

A diversidade do acervo, a necessidade de infraestrutura adequada, a preservação digital e o compromisso com a memória histórica emergem como temas centrais para o contexto e conservação dos documentos do IHGVV, conforme apontam os Entrevistados 2, 3 e 4. Essas perspectivas fornecem aspectos em prol das políticas e práticas de conservação eficazes,

visando garantir a proteção e acessibilidade do patrimônio histórico de Vila Velha para as gerações futuras.

Na prática, todos os entrevistados expressaram um consenso sobre a importância de adotar tecnologias modernas, como scanners e armazenamento em nuvem, para complementar a conservação física das fotografias. A digitalização em alta resolução é apresentada como uma estratégia eficaz para minimizar a gestão digital ao longo do tempo, e essa perspectiva é compartilhada pelos entrevistados. A convergência de opiniões destaca a busca por soluções integradas e abrangentes na preservação do acervo fotográfico.

O Entrevistado 4 adverte sobre a importância de um local adequado para armazenar as fotografias, mas também mostra que, mesmo sem as condições ideais, é possível manter a integridade do acervo desde que haja um cuidado especial por parte dos responsáveis. Isso evidencia a preocupação com a parte técnica da conservação, e com o aspecto humano envolvido no tratamento e na preservação do acervo. Esse entrevistado relata que é preciso organizar o acervo, catalogá-lo, e ter mais coisas para conservação e mais local adequado para armazenamento do material com carinho. Para ele, além de ar-condicionado, controle de umidade e temperatura, é preciso um tratamento das fotos, que foram passadas a eles:

[...] da forma que estão e continuam lá. Lindo, preto e branco, lindo, maravilhoso. Se você olhar esse negativo que eu tenho, elas guardaram comigo com todo carinho. Precisa ter carinho com o material. Agora, quando a quantidade de matéria é muito grande, só o carinho não resolve. Porque senão a gente não tem jeito de dar carinho para 9 mil, 10 mil, como é que eu consigo dar 10 mil carinhos para manter aquilo tudo? Então, eu acho que precisa de um local mais adequado para guardar. Com geração, com temperatura, essa coisa toda. Um local especial para fotografias. Eu acho que precisa (Entrevistado 4).

Os pontos afetivos reportados pelos Entrevistados 3 e 4 refletem a diversidade do acervo e essa abordagem humanizada ressalta a importância de considerar tanto os aspectos técnicos, quanto o cuidado e o respeito pelo acervo como parte do processo de conservação. Ademais, a preservação digital surge como uma estratégia complementar²¹ à conservação física dos materiais. O IHGVV utiliza serviços de armazenamento em nuvem para guardar cópias digitais do acervo fotográfico, garantindo sua acessibilidade e proteção contra danos físicos. No entanto, há uma consciência das limitações da preservação digital, e com a rápida obsolescência de tecnologias e formatos de armazenamento, surge a necessidade de uma gestão contínua e proativa para migrar os dados para novos formatos e plataformas,

²¹ Nesses termos, a maioria dos documentos analógicos sobreviverá sem a necessidade de digitalização, enquanto os documentos arquivísticos digitais correm um sério risco de se perder se não forem acompanhados por um programa de preservação digital adequado (Interpares 2 Project, 2010).

assegurando a integridade e a acessibilidade dos documentos ao longo do tempo.

A qualidade da digitalização das fotografias é notada como forma de conservação do acervo fotográfico do IHGVV. Desse modo, a necessidade de digitalizar²² imagens em alta resolução ou formato RAW (dados de imagem não compactados e não processado, armazena a maior quantidade de detalhes), visa preservar os detalhes e a qualidade da imagem a longo prazo, e é crucial para garantir a durabilidade do acervo fotográfico. Cada mídia requer um formato e um tratamento diferenciado em relação ao método de preservação, sendo necessário verificar os modos corretos para o tratamento de cada uma delas, citam Entrevistados 2 e 4.

Nessa via, o Entrevistado 4 complementa afirmando que o IHGVV utiliza serviços de armazenamento em nuvem, como o Google Cloud, para manter cópias digitais do acervo fotográfico, com uma capacidade de 5 *terabytes*. Há uma preocupação em não digitalizar as imagens em resolução mínima, optando por formatos de alta definição (ou RAW) para garantir a qualidade e evitar a manipulação digital ao longo do tempo. Apesar da alteração da preservação digital, ainda se reconhece a importância da fotografia física, pois o formato digital também está sujeito a manipulação ao longo do tempo e à dependência de dispositivos e formatos tecnológicos. No entanto, há preocupações com a dependência excessiva da tecnologia digital e a necessidade de garantir a segurança dos dados, considerando a possibilidade de falhas ou perda de informações.

Em termos convergentes, os entrevistados expressaram uma preocupação geral com a preservação do acervo, evidenciada pelo reconhecimento da importância de cuidados específicos para garantir a integridade das fotografias ao longo do tempo. Em seus discursos, ressalta-se a necessidade de uma abordagem técnica e especializada na conservação, seja por meio da implementação de medidas de controle ambiental, como estantes de aço e armazenamento digital em alta definição, ou pela realização de inspeções regulares para garantir a preservação do acervo.

²² De acordo com as diretrizes do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), os equipamentos utilizados na digitalização de documentos arquivísticos devem permitir a captura digital de forma a produzir um representante digital que reproduza, no mínimo, as mesmas dimensões físicas e cores do original, em escala 1:1, sem a necessidade de processamento posterior por meio de softwares de tratamento de imagem. O processo de captura digital deve buscar garantir a máxima fidelidade entre o representante digital gerado e o documento original, considerando suas características físicas, estado de conservação e finalidade de uso do representante digital.

5.3 EXPLORAÇÃO DO PATRIMÔNIO VISUAL: A DESCRIÇÃO E O ACESSO ÀS MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS DO IHGVV

Nesta seção, investiga-se o processo de formação e consolidação do acervo fotográfico do IHGVV, destacando-se as ações de constituição do acervo, potenciais lacunas e desafios. Explora-se então a relação entre aquisição e produção de acervos fotográficos, enfatizando a importância da descrição arquivística para a organização e preservação do acervo. A diversidade do acervo, a necessidade de infraestrutura adequada, a preservação digital²³ e o compromisso com a memória histórica emergem como temas centrais para o contexto e conservação dos documentos do IHGVV, conforme apontam os entrevistados. Essas perspectivas coletivas fornecem uma base sólida para o desenvolvimento de políticas e práticas de conservação preventivas, visando garantir a proteção e acessibilidade do patrimônio histórico de Vila Velha para as gerações futuras.

A descrição arquivística envolve a criação de registros detalhados sobre os documentos, facilitando sua identificação e recuperação (Rousseau; Couture, 1998). Na era digital, a descrição se estende ao uso de metadados que caracterizam os documentos eletrônicos, como informações sobre o contexto de produção, autoria e conteúdo das imagens (The British Library [...], 2014). Conforme Rousseau (1998), vários fatores influenciam na seleção das fotografias, tais como raridade, fama do fotógrafo, estética de boa qualidade, entre outros. Além disso, são usadas técnicas de amostragem quando se consideram volumes maiores de documentos.

Para além dos critérios gerais de seleção próprios a cada organismo, critérios específicos como a raridade da fotografia, a fama do fotógrafo, a qualidade técnica e a qualidade estética podem consideravelmente influenciar a seleção dos documentos fotográficos. [...] A aplicação de métodos de amostragem para tratar grandes volumes de documentos é cada vez mais encarada pelos arquivistas. Todavia, no que respeita às fotografias, a amostragem permanece uma prática problemática tendo em conta a própria natureza do documento e a dificuldade de ajuizar do valor que pode representar uma imagem, tanto mais que os elementos visuais são muitas vezes numerosos e diferentes em cada peça. De facto, as técnicas de amostragem sistemática e aleatória parecem dificilmente aplicáveis (Rousseau; Couture, 1998, p. 232-233).

Nas entrevistas, a descrição das fotografias é mencionada com pouca visibilidade nas entrevistas (Quadro 5). O Entrevistado 1 destaca a importância da descrição para contextualizar as imagens em um panorama histórico e cultural, e aponta a necessidade de um

²³ Com base no Decreto nº 10.278, de 18 de março de 2020, os padrões técnicos mínimos para digitalização de fotografias e cartazes são os seguintes: a resolução mínima deve ser de 300 dpi (pontos por polegada), o modo de cor deve ser RGB (colorido), o tipo original é imagem e o formato de arquivo deve ser PNG. Esses critérios garantem uma qualidade adequada (mínima) para a digitalização desses tipos de documentos, assegurando sua legibilidade e preservação a longo prazo.

profissional especializado para concretizar essa atividade. Ao mencionar a categorização por temas específicos, como fotos de políticos ou inaugurações, o entrevistado sublinha que a função da descrição viabiliza o acesso e a compreensão do acervo.

Com base nas entrevistas, compreende-se que a descrição envolve uma análise cuidadosa para garantir a catalogação precisa e a recuperação adequada dos documentos iconográficos. O Entrevistado 2 destaca a indexação de metadados técnicos das fotografias, como abertura, ISO e velocidade, para facilitar a identificação e recuperação das imagens. O Entrevistado 3 vê a descrição como um meio de fornecer contexto e narrativas para cada imagem, contribuindo para a compreensão dos eventos e práticas documentadas.

Quadro 5 – Construtos essenciais para descrição fotográfica

Campos	Descrição
Título	Palavra(s) que identifica(m) originalmente o documento, acompanhada(s) ou não de outra(s) que a(s) complementa(m) ou torna(m) mais explícita(s). Se necessário, a bem da clareza e desde que não promova redundância, pode-se convencionar um título para o documento, indicando se foi atribuído no botão correspondente. No caso de haver subtítulo, o registro deve ser precedido por dois pontos.
Suporte	Material sobre o qual as informações são registradas. No caso da documentação iconográfica, a indicação do suporte pode também vir associada à do formato, isto é, à sua respectiva configuração física. Opções ora disponíveis: filme (negativo), filme (cromo), filme (slide), filme (fotolito), papel, papel adesivo, papel fotográfico (ampliação), papel fotográfico (contato), tela, tecido, placa de fórmica, placa de madeira, pergaminho, vidro (negativo).
Técnica de confecção	Denominação dada ao conjunto de procedimentos adotados na produção do documento, eventualmente associados à ferramenta ou ao material utilizados. Opções ora disponíveis: aquarela (pintura), óleo (pintura), carvão (desenho), bico de pena (desenho), fotografia, impressão, litografia (gravura), xilografia (gravura), zincografia (gravura).
Total de itens	Número de peças que integram os documentos múltiplos.
Dimensões	Medida do tamanho do documento (altura por largura), em centímetros.
Cromia	Coloração predominante no documento. Opções disponíveis: cores, P&B (preto e branco), P&B + cores.
Data de produção/ período	Dia, mês e ano ou datas extremas do documento. O dia e o mês podem ficar em branco, mas o preenchimento do campo do ano é obrigatório. Os dados presumidos devem ser devidamente assinalados.
Local de produção	Cidade, estado e país onde foi produzido o documento. Dados sobre lugar seguem convenção estabelecida.
Autor	Responsável individual pela criação do documento. Indicar se o nome é definido, presumido ou se o documento não tem autor declarado.
Produtor	Responsável geral (pessoa ou entidade) pela criação do documento. Indicar se o nome é definido, presumido ou se o documento não tem produtor declarado.

Fonte: o autor, com base na pesquisa de Camargo e Goulart (2007).

A argumentação dos entrevistados, nesse âmbito, não difere, fundamentalmente, do que aponta Nora (1993, p. 9) “[...] a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”. Ele precedentemente alega:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e, do esquecimento inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções [...] A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. (Nora, 1993, p. 9).

Nora (Nora, 1993) destaca a multiplicidade da memória, afirmando que existem tantas memórias quantos são os grupos que as possuem, refletindo diferentes perspectivas sociais. Refletir sobre a descrição fotográfica do IHGVV nos mostra que os lugares de memória preservam nossas lembranças, especialmente quando elas não estão ‘naturalmente presentes’ (Nora, 1993). A perpetuação dessa memória fotográfica no IHGVV é essencial e pode ocorrer de maneira diversa e heterogênea, incorporando várias práticas, informam os Entrevistados 3 e 5. Enquanto a memória é dinâmica e vulnerável, moldada pelas experiências coletivas, a história busca interpretar o passado, mas sempre de forma parcial e sujeita a revisões.

Nesse sentido, a Norma Brasileira de Descrição Arquivística (Nobrade) padroniza a descrição de documentos fotográficos, assegurando sua organização e acessibilidade. Como ressaltado pelo Entrevistado 3, “[...] cada fotografia tem sua própria história, e é nosso dever documentá-la detalhadamente para que essa história não se perca ao longo do tempo”. Esse cuidado minucioso na descrição das imagens garante que as narrativas individuais sejam preservadas e apreciadas por futuras gerações.

O Entrevistado 4 reforça a importância da descrição para garantir a autenticidade e integridade das fotografias, mesmo quando as informações sobre origem e autoria são escassas. A descrição detalhada não só preserva a confiabilidade dos documentos fotográficos, mas também assegura que eles mantenham seu valor histórico e cultural, permitindo que continuem a contar suas histórias por muitos anos. O Entrevistado 4 alega que “cada fotografia documentada é um artefato no vasto mosaico cultural e histórico dos institutos, e é através desse processo [a descrição] que se garante que elas permaneçam

intactas e acessíveis, mantendo vivas as histórias que têm a contar”.

A gestão do vasto e diversificado acervo é um desafio contínuo, como aponta o Entrevistado 5. Ele destaca a importância de estabelecer registros detalhados para facilitar a localização dos materiais, tornando os documentos mais acessíveis e compreensíveis para os usuários. A seguir, o Quadro 6 traz uma síntese das abordagens dos entrevistados em relação à descrição fotográfica:

A análise das falas dos entrevistados evidencia que a descrição tanto preserva quanto disponibiliza o acervo fotográfico do IHGVV. A função de descrição facilita o acesso e a compreensão do acervo para a comunidade de usuários, apesar dos obstáculos enfrentados, como a escassez de recursos e especialistas. É necessário direcionar projetos para fortalecer os esforços de descrição das coleções fotográficas, empregando tecnologia e estabelecendo parcerias externas para garantir a proteção e a promoção desse acervo.

Quadro 6 – Dimensão atinente a função descrição

Fala	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5
Abordagem	Demonstra a necessidade de contextualização histórica e categorização por temas específicos para facilitar o acesso e a compreensão do acervo.	Destaca a importância da indexação de metadados técnicos das fotografias para facilitar a identificação e recuperação das imagens.	Aborda a descrição como um meio de fornecer contexto e narrativas para cada imagem, enriquecendo a compreensão dos eventos documentados.	Demonstra preocupação com a documentação detalhada das fotografias, mesmo diante de limitações de informações sobre sua origem e autoria.	Aponta a descrição como um desafio contínuo, devido à importância de criar registros para tornar as informações acessíveis e compreensíveis.
Contexto e discurso	Destaca o uso de categorização por épocas, temas e sujeitos das fotografias como método de organização.	Foca na indexação de metadados técnicos, como abertura, ISO e velocidade, para facilitar a identificação e recuperação das imagens.	Enfatiza a descrição como um meio de contextualizar as imagens e fornecer informações complementares sobre os eventos documentados.	Destaca a importância da descrição das fotografias, mesmo diante de informações limitadas, como método para garantir a acessibilidade e preservação dos materiais.	Ressalta a importância de criar registros detalhados sobre as condições e localização dos materiais para tornar as informações acessíveis e compreensíveis.

Desafios e problemas	Destaca a importância de investir em capacitação para lidar com os desafios da descrição das fotografias.	Cita a necessidade de lidar com os desafios relacionados à indexação de metadados técnicos para garantir a eficácia da identificação e recuperação das imagens.	Implica que a contextualização das fotos e documentos apresenta desafios inerentes, sugerindo a complexidade de fornecer contexto histórico e significado para cada imagem.	Destaca o desafio de documentar adequadamente as fotografias, especialmente quando as informações sobre origem e autoria são limitadas.	Destaca a falta de pessoas e colaboradores como um desafio para lidar com a descrição detalhada do acervo, ressaltando a necessidade de investimento em recursos humanos.
----------------------	---	---	---	---	---

Fonte: o autor, com base em conteúdo/discurso das entrevistas, maio de 2024.

A difusão refere-se à disponibilização dos documentos ao público, garantindo acesso e uso adequados. É a ponte entre o arquivo e a sociedade, e permite que as informações arquivísticas sejam propagadas e utilizadas (Rousseau; Couture, 1998). Por meio da difusão, os arquivos deixam de ser apenas depósitos de documentos históricos e tornam-se fontes ativas de conhecimento, cultura e memória coletiva. Essa prática facilita a pesquisa e o estudo, e promove a transparência, o exercício da cidadania e a preservação da identidade cultural.

No caso das fotografias, a difusão pode ser feita por meio de exposições, publicações *on-line* e outras formas de compartilhamento digital – essenciais para conectar as pessoas ao seu patrimônio documental. Entretanto, o termo adotado pelo Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística é ‘acesso’, definido como a “[...] função arquivística destinada a tornar acessíveis os documentos e a promover sua utilização” (Arquivo Nacional, 2005, p. 19). Essa definição é mais abrangente, pois abrange os conceitos de divulgação e acessibilidade.

O conceito de difusão digital, enfatizando que as informações são compartilhadas eletronicamente para atender às “[...] necessidades informacionais de usuários geograficamente dispersos” (Prade; Perez, 2017, p. 244). Pelo meio digital, Prade e Perez (2017) esclarecem que a disseminação de informações se torna cada vez mais simples, especialmente devido à existência de diversas ferramentas de baixo custo, como sites, blogs, redes sociais e outros meios, que facilitam a divulgação ampla e acessível. Nesse prisma, se não houver difusão, a instituição falhará em cumprir sua função, o que pode levar à ausência ou à estagnação do acesso.

No panorama do acervo fotográfico do IHGCVV, a difusão parece emergir como um dos

pilares centrais. O Entrevistado 1 observa a crucialidade da difusão da fotografia para enriquecer a compreensão coletiva da história e da identidade de Vila Velha, sublinhando que o acesso às fotografias não se restringe à elaboração de inventários, mas importa como forma de situar a veracidade da informação, da história e da memória.

O Entrevistado 2 reporta que a difusão deve seguir procedimentos adequados para a divulgação das fotografias, garantindo a preservação de sua integridade e o reconhecimento dos direitos autorais. O Entrevistado 3 atribui máxima importância à difusão como motor capaz de maximizar e divulgar o conhecimento histórico, especialmente entre os jovens, como forma de preservar a memória local e fortalecer o vínculo das novas gerações com a história da região.

Quadro 7 – Dimensão atinente a função difusão

Aspectos	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5
Ênfase na difusão	Destaca a importância da difusão do conhecimento histórico e cultural contido nas fotografias.	Menciona a disponibilização de fotos antigas mediante procedimentos específicos para garantir a integridade das imagens.	Enfatiza a importância de divulgar e compartilhar o conhecimento histórico com o público, especialmente os jovens.	Destaca a necessidade de uma plataforma <i>on-line</i> robusta para disponibilizar o acervo de forma educativa e acessível.	Aponta a difusão como uma função essencial, cita iniciativas educacionais, para tornar a história acessível à comunidade.
Ações e expectativas	Utiliza projetos culturais, redes sociais, participação nos meios de comunicação de TV e rádio local, exposições e publicações para disseminar a arte e história local.	Fala sobre a disponibilização de fotos antigas mediante solicitação, além de participação em editais para catalogação do acervo.	Destaca a oferta de palestras, projetos educacionais e o programa “Instituto vai à Escola” para difundir a história local.	Propõe a criação de uma plataforma <i>on-line</i> com recursos de busca para facilitar o acesso ao acervo fotográfico.	Menciona a organização de palestras, <i>workshops</i> e o contato por redes sociais para promover a difusão do acervo.
Percepção	Menciona que as fotos tanto documentam eventos passados, quanto preservam e transmitem a memória coletiva, complementando a documentação oral.	Destaca o valor das fotos antigas como testemunhos visuais da história local, ressaltando a importância de preservar sua integridade e atribuir créditos aos fotógrafos.	Reflete sobre o papel das fotos antigas em despertar o interesse pela história local, promover o turismo patrimonial e fortalecer a identidade cultural da comunidade.	Destaca a capacidade das fotos antigas de despertar o interesse do público na história local, superando a eficácia de documentos escritos mais antigos.	Destaca que as fotos históricas contribuem para o enriquecimento da compreensão coletiva da história e identidade de Vila Velha.

Fonte: o autor, com base em conteúdo/discurso das entrevistas, maio de 2024.

A difusão do acervo fotográfico do IHGVV contribui para a preservação da memória coletiva e o fortalecimento da identidade cultural de Vila Velha. Os Entrevistados 1, 2 e 3 destacam a importância de seguir procedimentos adequados para a divulgação das fotografias, garantindo a preservação de sua integridade e o reconhecimento dos direitos autorais. Para o Entrevistado 1, a fotografia permite a difusão e é sedutora, pois tem uma força, pois dá um suporte a tudo em comparação como relato oral.

[...] Não é uma história: o convento [Convento da Penha, Vila Velha] já foi azul! Toma foto do convento azul. Está entendendo? Então, a fotografia vem complementar essas questões que dá sentido a história e memória [...] A disponibilização *on-line* das fotografias permite que estas alcancem um público global, facilitando o acesso e o compartilhamento das memórias visuais de Vila Velha [...] A difusão de palestras e *workshops* é uma forma de mostrar como o acervo fotográfico é utilizado para educar e engajar a comunidade [...] (Entrevistado 1).

As entrevistas evidenciam a necessidade de estratégias diversas para garantir a ampla disseminação e engajamento do público, e contribuem para a valorização do patrimônio histórico e cultural da região. Apresenta-se no Quadro 8 a síntese das funções arquivísticas no contexto do IHGVV.

Quadro 8 – As funções arquivísticas na ambiência institucional

Função	Conceitos	Resultantes para o IHGVV
Criação/ produção	Envolve procedimentos rigorosos na produção de documentos arquivísticos, incluindo a definição de normas, conteúdos, modelos, formatos e trâmites.	Documentos arquivísticos (fotografias, áudios, objetos, e-mails, livros, brochuras, certidões, mapas, atas, ofícios, diários etc.)
Classificação	Consiste na criação e utilização de planos que refletem as funções, atividades e tarefas da instituição. A classificação organiza o acervo de modo a espelhar a estrutura organizacional e decisória da instituição, o que facilita a recuperação e o acesso aos documentos.	Plano de classificação (em debate nas assembleias para a devida consolidação)
Aquisição	Refere-se à incorporação de documentos no arquivo por comodato, compra, custódia, doação, empréstimo, legado, permuta, recolhimento, reintegração ou transferência.	Fundo arquivístico (constituído como projetos do instituto)
Conservação preservação	Refere-se à manutenção e proteção da integridade física e intelectual dos documentos ao longo do tempo, assegurando armazenamento em condições ambientais adequadas, como controle de temperatura, iluminação e mobiliário apropriado.	Plano de preservação. Conjunto de medidas técnicas para garantir a conservação/preservação dos documentos arquivísticos (políticas, diretrizes, manuais etc.)
Avaliação	Processo de análise dos documentos para determinar prazos de guarda e destinação, conforme os valores atribuídos a eles.	Tabela de temporalidade (em debate nas assembleias para a devida consolidação)

Descrição	Atividade contínua durante o ciclo de vida do documento, ajustando seus elementos a cada fase e estabelecendo pontos de acesso para facilitar a recuperação da informação.	Instrumentos de pesquisa (constituído como projetos e patrocínios, sendo expressos em índices, guias, catálogos etc.)
Difusão/ acesso	Consiste em tornar a informação contida nos documentos conhecida e acessível a usuários potenciais ou específicos, atendendo a suas necessidades por meio de visitas guiadas, <i>marketing</i> , exposições, uso de tecnologias da informação e comunicação (TICs) como redes sociais, além de cursos ou palestras.	Visitas guiadas, <i>marketing</i> , exposições, uso de TICs (Instagram, Facebook, Canal Youtube etc.), cursos ou palestras etc.

Fonte: o autor, com base em Rousseau e Couture (1998) e Santos e Flores (2016).

A observação das funções arquivísticas serve para a mediação da memória e a preservação do patrimônio cultural do IHGVV. Essas práticas garantem a organização, conservação e acesso eficazes aos documentos arquivísticos, e promovem a manutenção da história e da memória coletiva de Vila Velha. Conforme ressaltado pelo Entrevistado 3, a difusão é um catalisador para ampliar e compartilhar o conhecimento histórico, especialmente entre os jovens. Essa estratégia de acesso é vital para preservar a memória local e fortalecer o vínculo das novas gerações com a história da região, podendo ser implementada por meio de palestras, exposições e projetos educacionais. Esse entrevistado relatou que pessoas pedem fotografias para se inspirar na restauração de edifícios, como é o caso do Hotel Prainha.

[...] Então, quando há uma demanda de necessidade, o pessoal da comunidade, o pessoal de fora, que queiram, entende? Conhecer melhor Vila Velha, ou [...] ou resgatar a história, inclusive, de familiares, casos familiares, eles nos pedem e a gente disponibiliza. Essa é que é a nossa verdadeira função, divulgar cada vez mais a nossa história e a nossa cultura. Através de fotos, através de textos, entende? Através do nosso conhecimento próprio, inclusive do legado deixado por nossas famílias (Entrevistado 3).

As iniciativas mostradas pelo Entrevistado 3 estimulam a educação e o envolvimento cultural, e asseguram a contínua valorização e relevância do patrimônio documental do IHGVV. A gestão documental, executada com critérios, garante que as coleções – desde sua criação até a difusão – sejam processadas de forma cuidadosa, tendo o suporte das funções de avaliação, conservação, classificação e descrição eficaz. Esse cuidado é mandatório para as fotografias, pois uma estratégia bem planejada auxilia na preservação da memória visual e em estudos e projetos acadêmicos e culturais (Santos; Flores, 2016). Essa abordagem não só enriquece o conhecimento local, mas também propicia que a rica história do município seja preservada e permaneça acessível às futuras gerações, o que fortalece os laços da história e civilização, assegurando que o legado de descolonização continue a influenciar e inspirar.

De acordo com Siebra e Borba (2021), o avanço tecnológico, embora traga inúmeros benefícios, introduz fragilidades nos suportes e armazenamentos digitais, o que representa

uma ameaça significativa à memória e à cultura. Por exemplo, formatos digitais como disquetes, CDs e fitas magnéticas, que eram comuns há algumas décadas, podem se tornar inacessíveis à medida que os dispositivos para lê-los deixam de ser fabricados. Além disso, os suportes digitais estão sujeitos à degradação física, como a corrosão de discos óticos ou o desgaste de discos rígidos, o que pode levar à perda de dados. Outro risco é a obsolescência de *software*, que ocorre quando programas necessários para acessar certos tipos de arquivos deixam de ser atualizados ou suportados, tornando esses arquivos inacessíveis. Esses fatores contribuem para o desaparecimento de registros digitais importantes, o que pode resultar na perda irreparável de informações históricas e culturais.

Siebra e Borba (2021) lembram que a preservação digital mantém as narrativas culturais e protege a inteligência social das futuras gerações, garantindo os objetivos do patrimônio cultural por meio da segurança tecnológica. Eles argumentam que a adoção de práticas de preservação digital, como a migração de dados para formatos atualizados e a criação de múltiplas cópias em diferentes locais físicos e virtuais, serve para mitigar esses riscos.

Pesquisas de Malverdes (2015), Santos e Flores (2016), Braga e Silva (2020), Silva (2020b), entre outros, destacam que, apesar das diferenças entre coleções e arquivos, o patrimônio documental deve ser gerido com extremo cuidado para assegurar sua preservação contínua. A falta de uma política robusta de *backup* e redundância, por exemplo, pode resultar em perdas significativas em caso de falhas catastróficas, como ataques cibernéticos, incêndios ou desastres naturais. A política de preservação protege os documentos, e transforma a cultura organizacional e o tratamento dos acervos, promovendo práticas que garantem a longevidade e a acessibilidade contínua dos registros culturais.

6 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Com a influência da globalização e os avanços nas áreas científica, tecnológica e social, o cenário informacional se expandiu consideravelmente. Nesse contexto dinâmico, a CI preserva acervos fotográficos, estabelecendo diálogos que buscam aprimorar as estratégias de suporte e armazenamento, otimizar a gestão e conservação, além de fomentar a transparência e a gestão do processo de desenvolvimento de serviços. A preservação e formação de acervos envolvem a seleção de formatos de armazenamento estáveis e duráveis, a organização cuidadosa da documentação para acessibilidade pública e a implementação de técnicas de conservação que visam proteger os acervos fotográficos contra possíveis danos e deterioração.

Com o alto fluxo informacional contemporâneo, a informação passou a ter uma função na sociedade, evidenciando que os dados têm uma fluidez dinâmica e acelerada. Observando as práticas do IHGVV, nota-se como a organização, criada para preservar e valorizar a memória histórica e geográfica de uma região, direciona seus esforços para a formação e preservação do acervo fotográfico. Formas de atuação são operacionalizadas e instituídas para que a memória e o patrimônio canela-verde possam ser difundidos no meio social.

O IHGVV representa uma organização privada que reúne colaboradores dedicados à preservação da memória histórica e cultural de Vila Velha e região. Ao agrupar valiosas fontes de informação, o IHGVV contribui para a formação de uma memória coletiva, integrando-a ao tecido social e compondo o legado cultural e patrimonial do município. A construção da memória é seletiva e sujeita a limitações, muitas vezes requerendo recursos externos para compensar o esquecimento. Assim sendo, Araújo e Santos (2007, p. 98) assinalam que “a memória, seja individual ou coletiva, está sujeita a manipulações e usos”. Diante desse contexto, o desafio de resgatar a memória está relacionado também à questão da formação e preservação do acervo fotográfico e, isso emerge como uma tarefa complexa e ampla, o que envolve testemunhos pessoais, efemérides e registros arquivísticos inerentes.

Esses lugares de memória, como casas de memória, arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação e acervos, são mais do que simples espaços físicos. Eles guardam nossa história coletiva, preservando bens materiais e imateriais que nos conectam profundamente à nossa herança cultural. Ao visitar esses locais, sentimos um forte senso de pertencimento, uma conexão que nos lembra de onde viemos e nos inspira a cuidar do que temos para as

futuras gerações. O patrimônio cultural media as relações entre o passado, o presente e o futuro, garantindo que nossa identidade se mantenha viva e íntegra ao longo do tempo e do espaço (Cerávolo, 2010).

Observam-se que há múltiplas preocupações relativas à preservação e salvaguarda do acervo fotográfico do IHGVV. Além disso, as falas dos entrevistados contribuem para a construção e resgate de novos saberes na CI, ampliando o debate sobre conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias para a preservação do patrimônio documental (Malverdes, 2015). Nesse sentido, averiguar as ações do IHGVV subsidia a elaboração de materiais sobre boas práticas direcionadas à formação e preservação de acervos fotográficos, com foco na proteção e difusão das memórias e na formação da memória coletiva. Destacam-se as ações positivas do IHGVV em prol da preservação dos bens locais, evitando a perda dos traços identitários da comunidade por meio de ações culturais e educativas que promovem sua defesa e valorização.

Diante do exposto, a preservação de acervos fotográficos propaga a sustentação da memória coletiva e viabiliza formas de pensar a preservação e difusão de documentos. Investir na formação e preservação do acervo fotográfico enriquece as instituições de memória como fontes de informação, valorizando a história e a cultura local. Nesse panorama, a CI contribui significativamente para se pensar a preservação das fotografias, investir continuamente em práticas de formação e preservação do acervo, assegurando a perpetuação da história, cultura e identidade de uma comunidade, bem como fortalecer relações e laços de interação social. Considerando que a memória não é “capaz de recuperar um passado original e finito” (Santos, 2003, p. 71), novos processos de rememoração e esquecimento se estabelecem, criando formas alternativas de restabelecimento de aspectos do passado. Portanto, é necessário continuar investindo na formação e preservação do acervo fotográfico para garantir o acesso a uma rica e diversificada fonte de informação e memória.

Com a globalização e os avanços nas tecnologias de informação e comunicação, a CI tem desencadeado estudos e estratégias voltadas à preservação dos acervos fotográficos (Rocco; Duarte, 2021). Esse campo se concentra na elaboração de diretrizes para suporte e armazenamento, visando a gestão transparente e eficaz da informação e do conhecimento. Rocco e Duarte (2021) argumentam que a preservação da memória abrange a seleção de formatos e suportes duráveis, a organização cuidadosa da documentação para garantir acessibilidade pública e a implementação de técnicas de conservação para proteger os acervos documentais de danos e deterioração. O discurso da preservação da memória fotográfica

ênfatiza a importância de assegurar a estabilidade e durabilidade dos suportes de armazenamento (físico ou digital), a acessibilidade documental, a gestão transparente e a proteção dos direitos de imagem, autorais e de acesso à informação, reconhecendo a memória como um patrimônio coletivo.

Com o crescente fluxo de informações na sociedade contemporânea, o IHGVV se dedica à preservação e valorização da memória coletiva, concentrando esforços na formação e conservação do acervo fotográfico, na busca por perpetuar organicamente a história local. A instituição reúne voluntários e promove ações para preservar a memória histórica e cultural de Vila Velha, e contribui para uma compreensão coletiva da história local, incorporando valiosas fontes de informação ao legado cultural e patrimonial da região (Entrevistado 3). As dinâmicas institucionais visam à preservação da memória, sendo feitas de forma seletiva e, coletivamente em reuniões semanais que encontram respaldo na fala de Nora (1993)²⁴, segundo a qual deve-se criar arquivos, comemorar aniversários, fazer celebrações, relatos fúnebres, registrar atas pois os lugares de memórias nascem e vivem desses sentimentos. Essas comemorações mantêm a história viva, devolvem os momentos obtidos dos movimentos da história, como diz Nora (1993, p. 13) “Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva”. O historiador francês ainda explana:

[...] a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória [...] São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não os teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los, eles não se tornariam lugares de memória (Nora, 1993, p. 13).

Segundo Nora (1993), os lugares de memória surgem da necessidade de preservar e cristalizar lembranças em um mundo de rápidas mudanças culturais. Ele observa que nossa memória é falha e, por isso, precisamos de arquivos, atas e celebrações para mantê-la viva. As produções artísticas, além de informar e enriquecer culturalmente, também são moldadas pelo modelo do sistema capitalista. O historiador destaca que a materialização da memória é crucial porque, “existem lugares de memória porque não temos meio de memória” (Nora, 1993, p. 13). Para o pesquisador, a memória não é espontânea, ela exige celebrações e registros formais para evitar

²⁴ Nora (1993) destaca que a memória não é um processo estático, mas uma construção dinâmica que envolve a seleção, a organização e a interpretação de fatos e eventos. Nora introduz o conceito de “lugares de memória” (lieux de mémoire), que são espaços físicos ou simbólicos nos quais a memória coletiva é ancorada e preservada.

o esquecimento. Ademais, “o que chamamos de memória é a acumulação gigantesca do que não conseguimos lembrar, um repertório insondável do que poderíamos precisar lembrar” (Nora, 1993, p. 15). Isso leva a duas implicações críticas: a necessidade de materializar a memória e o aumento dessa produção, que exige organização e resulta na descentralização e democratização do acesso às memórias.

Pode-se interpretar que além das análises teóricas (Nora, 1993; Cerávolo, 2010; Le Goff, 2012; Santos, 2013; Candau, 2021), o desafio de resgatar a memória implica ações práticas para o enfoque da formação, preservação e difusão de acervos documentais. No contexto do IHGVV, a coleta de depoimentos, a gravação de vídeos (com idosos em posição de liderança na região), o registro de efemérides e reuniões para reconhecimento descritivo de fotografias implicam um ativo resgate de memórias.

Não obstante, a fotografia é um dos principais artefatos com elevado poder de evocação de lembranças. A técnica ou reprodutibilidade técnica (analógica e digital) coloca, em frações de segundos, a mesma imagem na caixa digital de centenas de milhares de pessoas conectadas em rede de comunicação eletrônica. O modo de pensar é alterado por essa tecnologia midiática – a penetração das imagens no cotidiano e a transformação do próprio imaginário em imagem tangível – em que o ato de reconhecer gera novas aptidões intelectuais, informacionais e dinâmicas. A era da escrita faz surgir memórias artificiais, auxiliares, já que é impossível ter homens-memória que absorvam individualmente toda a produção do conhecimento registrado (Dodebei, 2015). A fotografia é vista por Dodebei (2015) como tendo um alto poder de provocar recordações.

[...] O modo de pensar é alterado por esta tecnologia midiática – a escrita – em que nomear é conhecer, gerando nas sociedades novas aptidões intelectuais. [...] A era da escrita faz surgir as memórias artificiais, auxiliares, já que é impossível ter homens-memória que absorvam individualmente toda a produção do conhecimento registrado (Dodebei, 2015, p. 23-27).

Essas iniciativas promovem um sentimento de afeto e pertencimento à comunidade, evidenciando o papel simbólico da memória (e da Casa da Memória de Vila Velha) nas relações de guarda, exposição e cuidados com o passado e o presente do grupo, assegurando a continuidade temporal e integridade espacial dessa documentação e acervo. A memória coletiva serve como fonte de inspiração e identidade para as comunidades, que podem se orgulhar de suas tradições e valores. A preservação dessa memória coletiva acontece por meio da conservação de monumentos e dos documentos audiovisuais, além da valorização e transmissão das tradições orais e culturais (Entrevistados 3 e 4).

Quanto à baliza temporal, ao se propor o cruzamento entre presente e passado, a fotografia reforça a dimensão histórica dos fatos recentes e contribui para uma reflexão sobre as políticas da memória na contemporaneidade, e promove o conhecimento da história e da memória canela-verde. A memória, arte e história voltadas para o turismo e a economia criativa discutem questões relacionadas à cultura fotográfica e aos mecanismos que possibilitam o trabalho com essa temática, estabelecendo uma ponte entre usuários reais e potenciais a partir da lembrança e do esquecimento explanado por esse acervo institucional.

Segundo o Entrevistado 1, o ato de perpetuação da memória traz mais significância para o processo de formação do acervo fotográfico. Ele alega que as fotografias capturam um espaço definido e um tempo congelado, armazenando a cena contínua ou não da fluidez da vida e da transformação da cidade. Aliás, Kossoy (2001; 2007) sugere que, embora as fotografias tenham um grande poder evocativo e a capacidade de preservar memórias, elas são vulneráveis ao tempo e às circunstâncias, o que pode levar à sua perda. As fotografias perpetuam a memória com fragmentos do espaço, tempo estático, parcela da vida que flui, mas está cristalizada na imagem (Kossoy, 2007). Para esse autor, são dois os momentos da fotografia, quando criada, registrada em determinado local e época e quando representada e codificada seja na sua forma seja culturalmente, situação em que se prolonga sua trajetória.

O efêmero e o perpétuo, portanto. Perpétuo, porém, em termos. A trajetória pode ser interrompida, basta refletirmos sobre o destino final reservado às fotografias pessoais, do homem comum, ou mesmo às imagens históricas, registradas nos mais diferentes suportes, destruídas ou desaparecidas dos arquivos públicos. Trata-se, pois, de uma memória finita [...] (Kossoy, 2007, p. 133).

Na obra “Seduzidos pela Memória: arquitetura, monumentos, mídia”, Huyssen (2004) advoga que a memória se tornou uma obsessão cultural de proporções monumentais em todos os pontos do planeta. Assim, o crítico literário argumenta que, nos anos 1980, discursos sobre uma cultura da memória aumentaram na Europa e nos Estados Unidos, especialmente com a exposição do Holocausto, acompanhados por um *boom* da moda *retro* (vintage ou *fashion new old*) e do entretenimento memorialístico. Huyssen (2004) sugere a influência da tecnologia no desejo de privilegiar o passado, observando uma transformação na temporalidade de nossas vidas devido à interseção de mudanças tecnológicas, mídia de massa e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global. As culturas de memória são respostas à compressão do espaço-tempo resultante da inovação tecnológica rápida, tentando garantir alguma continuidade no tempo, para propiciar alguma extensão do espaço vivido (Huyssen, 2004).

Consonante Huyssen (2004), os Entrevistados 1 e 2 relataram que o acervo do IHGVV atende à necessidade contemporânea de preservar a continuidade histórica em meio às rápidas transformações tecnológicas e sociais. As coleções fotográficas documentam o passado e criam uma conexão visual e psicoemocional com as raízes culturais e históricas da comunidade, especialmente no Sítio Histórico da Prainha, em Vila Velha, no qual situa a cidadania e promovendo a consciência histórica.

O acervo fotográfico do IHGVV conecta memória e tempo, oferecendo meios para entender a trajetória das famílias, do território e das ideologias em voga, arguem os Entrevistados 1 e 3. Nessa via, as fotografias são um “artefato que integra e amplia a cultura, a vida social e ambiental”, e o entrevistado nos convida a pensar “no monóculo de fotografia, sim uma microluneta cônica, o acervo não é a apenas a extremidade que contém a ‘imagem’ é o ato maior de amplificar a recordação e riqueza, traz multifoco e o faz alongar no tempo”, afirma o Entrevistado 1.

Apesar de o acervo fotográfico contribuir significativamente para a construção da memória, deve-se ressaltar que essas duas entidades não se confundem, conforme observa o Entrevistado 3. Os indivíduos utilizam uma variedade de memórias e expressões para moldar a memória da cidade, indo além dos elementos contidos nas fotografias. Esse entrevistado destaca que a memória é decomposta em diversas formas de mediação e pela coleção documental da instituição que, sendo nata, adquirida ou até mesmo perdida ao longo do tempo, reflete distintos modos de acolhimento, abandono ou a luta pela cultura da paz.

6.1 PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO IHGVV

Outros diálogos revelam que o processo de formação do acervo fotográfico do IHGVV está profundamente ligado a questões de direito à informação, acesso físico, acesso por meio de tecnologias da informação e acesso intelectual. Embora o objetivo seja manter um processo neutro, a realidade é que a dinâmica de criação do acervo fotográfico é influenciada por atuações e posições prévias que não são imparciais. Essas influências podem moldar de maneira decisiva a exposição, a narração, a captação e a seleção da memória (Entrevistado 1).

Em diversas ações, o IHGVV busca resgatar e ampliar seu acervo fotográfico, de forma que seja mais diversificado, e abranja uma memória coletiva mais ampla e inclusiva. Esse processo evolui ao longo do tempo, à medida que novos membros se juntam e surgem novas formas de resgatar fatos passados. De tal modo, conforme Santos (2013), hoje há uma grande

preocupação com preservar fatos passados e, ao domesticar o passado, identidades são formadas e pessoas se tornam mais coerente e estáveis por meio dessas transações com o passado. São movimentos que se mostram presentes no Brasil nos últimos 20 anos, por meio dos quais se buscam lembranças oficiais de mitos e heróis nacionais. Santos (2013) lembra das comunidades de índios e afrodescendentes que têm procurado recuperar memórias antes apagadas; entretanto, tais movimentos podem não ser exatamente legítimos, por serem criados fantasiosamente para revogar uma discriminação sofrida no passado.

É preciso, portanto, compreender a ‘explosão da memória’ a partir não só da maior fragilidade dos indivíduos que vivem em sociedades atravessadas por fluxos culturais constantes, mas também a partir das tensões trazidas por diferentes formas de pertença. [...] Para autores como Bauman, no mundo unificado pela internet, as identidades tradicionais se desestabilizam; os nacionalismos se enfraquecem; e a segmentação da população entre grupos identitários distintos caminha na contramão da democracia (Bauman, 2005). [...] O conceito de memória envolve práticas e fenômenos distintos. Por memória, nós compreendemos reminiscências através das quais nos encontramos com o passado; repetição de atitudes e sentimentos dos quais raramente nos damos conta; construção e reconstrução de nossas identidades ao longo de nossas vidas; e até mesmo o inexplicável saber. Esses são, no entanto, aspectos da memória que só podem coexistir e ser criticamente analisados numa orientação que considere que eles não só se transformam ao longo do tempo, como também transformam o presente à medida que reinterpretam o passado [...] (Santos, 2013, p. 17, 18, 66).

O multiplicador da memória coletiva, inerente ao acervo de fotografias, ressalta os valores sociais da sociedade local, destacando o que dessa memória é preservado e o que é esquecido (Entrevistado 1). Compreendem esse relato o fato de que investir na formação e consolidação do acervo fotográfico enriquece a documentação da memória como fonte de informação, dando significância às identidades e viabilizando o fortalecimento da autonomia e dos laços sociais. Portanto, por ter tido sua autonomia política recusada em dois momentos (na Revolução de 1930 e durante o governo Vargas em 1943), sua memória vem pincelada por uma dependência.

Além disso, com o crescimento populacional e a baixa produção agropecuária local, a dependência de alimentos externos se tornou quase total, levando ao apelido de ‘cidade dormitório’ que, impactam a memória em torno de uma vulnerabilidade socioeconômica e um cotidiano de extrema subordinação política [...] Culturalmente, essa falta de autonomia também é evidente. A biblioteca municipal, iniciada nos anos 1920 e se perdeu mais a frente, sendo foi recriada no final dos anos 1960. Os cinemas [...] foram fechando gradualmente com a ascensão da televisão, que passou a dominar a cultura local, influenciando até mesmo as escolas. A biblioteca do Ibes teve uma existência efêmera e outras bibliotecas ficaram restritas às escolas. Coqueiral, o maior bairro de conjunto habitacional da América Latina por certa época, nunca teve uma biblioteca (Entrevistado 5).

Em concordância com a premissa anterior relativa à infraestrutura cultural, como bibliotecas, museus e arquivos públicos, observa-se um atraso cultural que impacta adversamente a

preservação e valorização da memória dessa região. A carência desses espaços culturais não formais de educação, aliada aos insuficientes investimentos na esfera cultural da cidade, dificulta o resgate e a conscientização da comunidade sobre seu patrimônio, comprometendo a capacidade de preservação de registros históricos. Nesse contexto, Candau (2021) relata que a criação da fotografia proporcionou o registro da memória (fatos históricos, catástrofes, famílias) e permitiu que ela fosse manuseada e transmitida para as próximas gerações. Para esse autor,

[...]os traços que têm por vocação “fixar” o passado (lugares, escritos, comemorações, monumentos etc.) contribuem para a manutenção e transmissão da lembrança de dados factuais: estamos, assim, em presença de “passados formalizados”, que vão limitar as possibilidades de interpretação do passado e que, por essa razão, podem ser constitutivos de uma memória “educada”, ou mesmo “institucional”, e, portanto, compartilhada. [...] Transmitir uma memória e fazer viver, assim, uma identidade não consiste, portanto, em apenas legar algo, e sim uma maneira de estar no mundo (Candau, 2021, p. 117-118).

Além de capturar momentos específicos da paisagem cultural, as fotografias têm a capacidade de transmitir valores, emoções e experiências que são características de determinada gestão cultural, política e econômica (Entrevistados 4 e 5). Adicionalmente, as fotografias funcionam como testemunhas visuais da história, transmitindo conhecimentos e experiências de uma época para outra, atuando na memória coletiva como reforçadoras da coesão social e mantendo viva a herança cultural ao longo do tempo (Pollak, 1989, 1992; Halbwachs, 2013).

Assim, é pertinente observar que essa memória coletiva é uma representação grupal de fatos anteriores que recordam origens, valores e experiências, cuja memória cultural consegue refazer conexões entre os fatos já ocorridos e os atuais (Hedstrom, 2016). Segundo Halbwachs (*apud* Hedstrom, 2016, p. 240), “identidades individuais e comunitárias eram moldadas pela prática do compartilhamento de memórias com base em instituições sociais centrais: a família, a religião e a classe social”.

[...] [nessa via] o estudo da memória social revelou grande variedade de instrumentos de transmissão que desafiam a centralidade do arquivo [...] [ainda há] uma vantagem particular que os arquivos possuem enquanto veículos da memória coletiva (além de sua persistência) é que [...] eles oferecem as únicas fontes de informação sobre acontecimentos e ideias há muito esquecidos, conhecidos por rumores, mas não por provas, ou reprimidos e mantidos em segredo. [...] [os arquivos] são mobilizados para a descoberta ou recuperação de provas que estavam perdidas ou negadas a comunidades em busca da memória (Hedstrom, 2016, p. 240-255).

Nesse contexto, o Entrevistado 1 observa que a formação do acervo fotográfico do IHGVV abrange aspectos como algo que “edifica tratos da memória [...] Sendo a arte de documentar –

importa enquanto informativo do passado, juntada comunitária da visualidade das genealogias, da fraternização e patriotismo, do aglomerar idas e vindas desse trânsito e alcance que é a paisagem cultural”. Não obstante, observa-se que os jovens de hoje crescem numa espécie de ‘presente contínuo’, ou seja, não fazem relação com o passado, mas também não projetam o futuro (Hobsbawm, 1995). Esse cenário traz consternação e lança no ostracismo esse ‘ser patriota’.

Dessa forma, verifica-se que um acervo fotográfico proporciona uma sensação de lembranças, continuidade e pertencimento, e alimenta a teia da memória para transmitir empoderamento (*empowerment*) a essa comunidade. Essa constatação mostra que o legado e as permanências deixadas pelas famílias, resgata a tradição e a transformação urbana, que em certos pontos, parecem ser cíclicas ou até mesmo eternizadas, afirma o Entrevistado 3. Por conseguinte, isso evidencia que tanto a memória quanto a história são representações do passado. A primeira alimenta-se de paixões, emoções e afetos, e molda o passado fundindo-se com o presente; é unificadora, pois confirma os costumes antigos e sugere uma continuidade reunindo presente e passado enquanto se afasta de outras memórias (Crippa, 2011).

Para Pierre Nora, a memória é vida, carregada por grupos vivos, em evolução permanente, múltipla, aberta à dialética da lembrança e o esquecimento, inconsciente de suas sucessivas deformações, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. É afetiva e mágica, enraizada no concreto, no gesto, na imagem, no objeto, alimentando-se de lembranças fluidas, gerais, flutuantes particulares e simbólicas. [...] A História pode se tornar um objeto memorial, assim como a memória pode se tornar objeto histórico [...] (Crippa, 2011, p. 59-62).

É preciso refletir sobre a memória no espaço museológico e democratizar essa memória, extrapolando as paredes do museu (Casa da Memória, Casa da Toca) (Entrevistado 3). É um reencontro afetivo com a ancestralidade e o resgate da memória-território, conforme relata o Entrevistado 3. Para ele, essa reflexão é vital para a formação da memória individual e coletiva e para a valorização das nossas raízes regionais, pois “imaginar patrimônios fotográficos é, sobretudo, reimaginar discursos, relações, conflitos, homens, mulheres e cidades: alteridade”.

Não é de estranhar, afirmam Reguete e Hermida (2020), que após a cobertura fotográfica seja necessário que o fotógrafo faça uma primeira seleção das melhores fotos, descartando as imagens desfocadas, com problemas de iluminação ou outras imperfeições que dificultem ou impeçam sua visualização, e até mesmo aquelas consideradas inadequadas. Depois dessa primeira triagem, segundo Reguete e Hermida (2020, p. 5), “[...] o responsável pela atividade

retratada na missão fotográfica poderá efetuar uma nova seleção das fotos enviadas pelo fotógrafo” que, pelo seu olhar, melhor representará o objetivo dessa instituição. Assim, deve-se observar a conexão dessas fotografias com outros documentos originados de uma mesma atividade, a fim de estabelecer a organicidade entre eles.

Isso posto, e definidas as fotos que farão parte do acervo, essas deverão passar pelo mesmo processo técnico dispensado aos demais documentos arquivísticos, ou seja, a organização (classificação, indexação e descrição) e o arquivamento. Esse processo evita o acúmulo desnecessário de fotografias (Entrevistado 2).

Figura 5 – Exposição do acervo, fotografias do IHGVV na Casa da Memória



Fonte: arquivo pessoal; bairro da Prainha - Vila Velha/ES, maio de 2024.

Descrição: a colagem artística retrata a ‘Casa da Memória’, seu entorno e elementos internos. A primeira imagem mostra a fachada colonial do museu, há uma placa em homenagem a Edward Athayde D'Alcântara, conhecido como Sr. Dedé, ex-presidente do IHGVV, em destaque no canto superior direito da imagem.

O painel de fotografias do IHGVV (Figura 5) na Casa da Memória de Vila Velha exemplifica um espaço no qual a memória se materializa e se preserva, refletindo ações significativas de conservação do acervo fotográfico. Esse lugar de memória ajuda a manter lembranças que, de outra forma, se perderiam. A Casa Museu, por exemplo, é um lugar onde os indivíduos atribuem significados e fortalecem o sentimento de pertencimento com as raízes do processo de urbanização. Nora destaca que os lugares de memória são símbolos que mantêm a conexão entre passado e presente, fornecendo uma base comum de reconhecimento e pertencimento em uma sociedade cada vez mais individualista. Ele ressalta que a “memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto” (Nora, 1993, p. 9). Por meio do acervo

fotográfico, o IHGVV desperta em seus visitantes a “vontade de memória”, com a intenção de democratizar as informações para a sociedade contemporânea.

Por conseguinte, as entrevistas revelam que o IHGVV, além de formar um vasto acervo, deve considerar a preocupação em disponibilizar essas coleções fotográficas, citam os Entrevistados 2, 3, 4 e 5. Utilizando-se das tecnologias digitais, a instituição busca meios mais eficazes de tornar o conhecimento histórico acessível ao público em geral. Em suma, essa análise não apenas contribui para a compreensão da importância dos acervos fotográficos na preservação da memória coletiva, mas também aponta direções para futuras pesquisas e práticas que possam fortalecer ainda mais o processo de constituição de acervos documentais.

6.2 PROCESSO DE CONSOLIDAÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO DO IHGVV

A memória coletiva é fundamental para a construção da identidade nacional e está em constante evolução e sujeita a transformações contínuas e, Nora (1993, p. 9) alega que a “memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, e está em permanente evolução”. O historiador reporta que nunca se produziram tantos documentos como nos dias atuais e, igualmente, nunca se criaram tantos lugares para preservá-los. Essa necessidade surge à medida que a memória tradicional desaparece, ampliando o interesse dos estudiosos pelo tema da memória, promovido por diversas instituições que reconhecem a fragilidade e a importância de sua conservação.

Figura 6 – Acervo IHGVV, itens do Projeto de Conservação e Reprodução em Digital



Fonte: arquivo pessoal; bairro da Prainha - Vila Velha/ES, maio de 2024.

No que diz respeito especificamente à inclusão no acervo iconográfico referente à representatividade dos povos e das comunidades tradicionais espírito-santense (ciganos, indígenas, quilombolas, comunidades de terreiro, pescadores artesanais e pomeranos), ainda há um longo caminho a ser trilhado pelo IHGVV para que haja a inclusão de itens atinentes a memória, identidade e ação dos afrodescendentes que supere o apagamento gerado pelo mito da democracia racial e de uma africanidade idealizada e romantizada, argumenta o Entrevistado 1. A instituição enfrenta o desafio de superar esses obstáculos e garantir que a consolidação da coleção fotográfica seja inclusiva e representativa da diversidade e formação étnica, socioeconômica e cultural do Espírito Santo.

Observe que há significativas possibilidades para o desdobramento das ações do IHGVV em relação ao patrimônio cultural material e imaterial canela-verde. Essas ações são voltadas ao fortalecimento do acervo e à valorização e captura da memória local, especialmente no Sítio Histórico da Prainha, em Vila Velha.

É imprescindível destacar que o IHGVV tanto coleta e preserva essas fotografias, quanto se dedica a torná-las acessíveis ao público, utilizando plataformas digitais e exposições públicas, relatam os Entrevistados 3 e 4. Esse esforço promove a conscientização sobre a importância do patrimônio cultural e engaja a comunidade local na preservação de sua própria história.

Nesse âmbito, diversas ações resgatam traços identitários da comunidade, conforme menciona o Entrevistado 4, e culminam em prol de um contínuo processo de busca e recuperação de fotografias pelo IHGVV. Ademais, há uma convocação para que praticantes e descendentes de religiões de matriz afro-brasileira, como o candomblé e a umbanda, tragam suas contribuições fotodocumentais ao instituto, enriquecendo o acervo e promovendo a diversidade geocultural.

[...] quando eu era pequeno, até 1980, a gente tinha quatro centros de umbanda aqui conhecidos, de africanos, de negros africanos que sabiam da sua origem. [...] a gente não tem nada, não tem história, não tem nada sobre isso. Nós precisamos resgatar isso [...] Ter imagens sobre as igrejas católicas, a presbiteriana e Batista, movimentos LGBT, isso aí nem se falava [faltam itens ao acervo]. Mas nós temos, nós somos vários. Nos carnavais, nas danças populares que tinha aqui, uma delas do meu bisavô, o último filme que foi feito da Lapinha [...] Inclusive, nós temos as roupinhas que essas pessoas vestiam, porque é tipo um teatro. [...] Então, isso é popular, são coisas da cultura popular. Acompanhamos bastante a questão dos contos. Nós somos fundamentais. Veja bem, se a gente não contar essa história, ninguém vai contar. Se a gente não estimular a ser contada essa história, ninguém vai fazer isso (Entrevistado 4).

Ao capturar e registrar visualmente (Figura 7) momentos, pessoas, eventos e lugares, a fotografia oferece um meio duradouro e acessível ao ato de preservar a memória coletiva (Entrevistado 2). Quando arquivada de maneira sistemática, ela mantém um registro visual da história e da cultura de um grupo, garantindo sua sobrevivência – e sustentáculo de valor – e facilitando o acesso ao conhecimento visual para os membros do grupo e as gerações futuras.

Figura 7 – Fotografias produzidas em atividades do IHGVV em Vila Velha



Fonte: acervo do IHGVV; autoria Elder Ferreira, bairro da Prainha - Vila Velha/ES, data [2016].

Contudo, é necessário intensificar as iniciativas de resgate e documentação para consolidar o acervo fotográfico, pois ainda há significativas lacunas nessa memória canela-verde. Esses hiatos envolvem a incompletude de registros sobre

a geografia e as histórias das praias e nascentes, o Morro do Moreno, as ruas, as casas e praças, os cemitérios, os equipamentos públicos, o Forte e o Farol, as igrejas e famílias, a festa da Penha, os passos de Anchieta, as paradas cívicas, o artesanato e a capoeira, o folclore da casaca e a congada, as ações de bioconsciência e escoteirismo [...] (Entrevistado 3).

Essas manifestações destacam a importância do ‘ato de registro’ e lembram a urgência de adotar tecnologias e formatos de armazenamento estáveis para assegurar uma documentação e a correta localização e uso dessas imagens, declara o Entrevistado 3.

Desse modo, a visibilidade dos patrimônios fotográficos canela-verde, é documento de arquivo, e atua para rememorar um passado recente e ressignificar o ser humano a partir de uma visão cosmológica coletiva e ancestral (Entrevistado 4) da vida em comunidade. Esses artefatos fotográficos, frisa o Entrevistado 4, proporcionam maneiras de se romper com o estigma de colonialismo (que internaliza a inferioridade étnica ou cultural sentida pelas pessoas como resultado da colonização).

Por esse ângulo, deve-se conhecer, familiarizar-se, amar e compartilhar a diversidade de fotografias como elemento de identidade local, de saudosismo, de patriotismo (Entrevistado 3). É preciso ressaltar que o apreço pela história está relacionado ao domínio e à compreensão dos documentos, pois só se preserva, se divulga, se ama “aquilo que [se] conhece. E a fotografia é o primeiro instrumento do conhecer. A partir do conhecer, você pode desenvolver todo um espírito de consolidar coleções, tendo a sucumbência do cuidado, do amor e do carinho por tua terra”, alega o Entrevistado 3. Esse diálogo ressoa com a ideia de que o ato de conhecer é, igualmente, uma forma de preservar, valorizar, consolidar e transmitir a memória coletiva. Para Rousseau (1998), a fotografia evoluiu muito e é preciso estudar as melhores formas para reconhecer, avaliar e selecionar fotos.

[...] As fotografias feitas antes do aparecimento da máquina de 35 mm de 1932 têm um grande valor histórico porque são menos numerosas e porque são testemunho de processos hoje desaparecidos. Além disso, reconhecer o processo utilizado permite datar aproximadamente a fotografia. Desde então, a popularidade que a fotografia amadora teve e ainda tem aumentou consideravelmente a produção de documentos fotográficos. [...] Entre os documentos figurados, as fotografias constituem com certeza o maior volume e o mais abundantemente utilizado. [...] Como qualquer outro suporte informático, as fotografias devem efectivamente ser objecto de uma avaliação e de uma selecção. Trata-se, sem dúvida, da tarefa mais difícil e mais delicada, e ainda mais quando se trata de documentos fotográficos [...] (Rousseau; Couture, 1998, p. 232-233).

Embora as entrevistas destaquem, por vezes, os esforços do IHGVV para inserir temas sensíveis²⁵ ao acervo fotográfico, apreende-se que esses acabam ‘sucumbindo as políticas do meio’ (Entrevistado 1). Conforme cita Nora (1993, p. 9) entende-se que a por ser sempre atual, a memória é um, “elo vivido no eterno presente; porque é afetiva e mágica, a memória

²⁵ Temas sensíveis são tópicos que podem provocar reações emocionais diversas devido a sua natureza pessoal, cultural, social ou política, envolvendo aspectos significativos da vida das pessoas e das comunidades tradicionais, questões dolorosas, polêmicas ou tabus, como discriminação, política, religião, saúde, família, morte, economia e meio ambiente. A importância de adicionar esses temas em um acervo fotográfico reside na capacidade de aumentar a conscientização e a empatia, combater preconceitos e estigmas, além de fornecer informações e suporte. Isso incentiva debates que promovem mudanças políticas e sociais positivas, ao permitir a expressão saudável de emoções e experiências e contribuir para a saúde mental e o bem-estar. Deve-se abordar esses temas com cuidado e responsabilidade para fomentar uma sociedade mais empática, informada e inclusiva. Acervos fotográficos que acolhem as questões sensíveis promovem a justiça social e a construção de um legado que transcende a simples noção de cidadania.

não se acomoda a detalhes que a confortam, ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, censura ou projeções”.

No sentido coletivo, pode-se afirmar que “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada” (Nora, 1993, p. 9). A partir dessa constatação, o trabalho com memórias deve ser conduzido com uma “consciência crítica das confluências sociais [e pessoais] que moldam a consolidação do acervo, promovendo a inclusão de múltiplas vozes e reconhecendo a fragmentação das coleções fotográficas inerente as representações da histórica e sociedade”, disserta o entrevistado 2. Ele, ainda destaca que é preciso cuidar da documentação para pensar no futuro, fotografando não o que é estético, mas usando a melhor estética para retratar algo. O entrevistado 2 se entusiasma ao reconhecer que com o tamanho do acervo da Casa da Toca muitos estudantes e outras pessoas procurarão o local para conhecer a história da metrópole do Espírito Santo.

[...] a gente fez no instituto, fotos do antigo cruzeiro, fez fotos antigo cruzeiro que tinha no morro atrás da Casa da Memória. As fotografias ficaram bonitas, porque o lugar é bonito. Correto? Então fica muito bonito! Por exemplo, quando tem algum evento com missas importantes etc., na Igreja do Rosário, é muito bonito. A gente fez fotografias do convento, inclusive, a primeira documentação fotográfica completa até hoje da parte interna do convento mesmo, não apenas da igreja, mas onde dormem os freis, onde se reúnem, onde comem, etc., lavanderias, tudo. [...] Olha, é como eu falei para você, a sociedade nunca se tirou tanto a fotografia como agora. Isso é uma discussão enorme também entre os fotógrafos. Mas... 90% dessas fotografias não vão durar 20, 30 anos. Então, vai ser necessário e interessante você documentar. Fatos, eventos, construções etc. E isso trás ganhos para a questão de defesa do patrimônio e da memória. Ainda, contribuir para que o instituto histórico seja o ‘grande local’... [pausa] ainda não tenha essa consciência nas pessoas de saber que é ali que você vai achar (Entrevistado 2).

Ainda, conforme as práticas do IHGVV, as entrevistas em geral revelaram preocupações adicionais, como a gestão dos direitos autorais e das imagens no acervo (Entrevistados 2 e 5). Esse aspecto revela o compromisso com a jurisdição e jurisprudência inerentes à questão da integridade intelectual e legal do acervo, demonstrando a importância de um processo arquivístico adequado para garantir crédito/descrição dessas fotografias.

Sobre as estratégias de consolidação do acervo fotográfico do IHGVV, pode-se depreender que a preservação da memória coletiva promove justiça social, ao reconhecer o passado e ao garantir que as vozes e experiências de todos os grupos da sociedade sejam representadas e respeitadas (Entrevistados 3). No contexto da formação e consolidação do acervo fotográfico, deve-se considerar os princípios da democracia e da cidadania, argumenta o Entrevistados 3.

Para ele, a preservação da memória coletiva proporciona uma compreensão mais profunda das lutas e conquistas dos precursores dessa terra.

Figura 8 – Contexto da conservação, guarda de fotografias no acervo do IHGVV



Fonte: arquivo pessoal, local Vila Velha/ES, maio de 2024.

Outro eixo analítico se constituiu das questões sobre o ato de se preservar a memória, especialmente na era digital. Destaca-se que há a necessidade de definir “critérios rigorosos desde a geração da informação para garantir sua conservação” (Entrevistado 2). Isso implica que o acervo fotográfico deve ir “além de documentar paisagens e pessoas. Ele serve como uma ponte vital entre gerações, transmitindo valores, histórias e experiências que ajudam a moldar a compreensão e superar lacunas historiográficas no seio social” (Entrevistado 2). Ele reporta que a consolidação desse acervo é um processo abrangente, que envolve produção, organização, armazenamento, divulgação e recuperação das fotografias. Esse esforço visa preservar a memória institucional, coletiva e local, guardando lembranças, e fortalecendo a identidade e a coesão da comunidade. Portanto, o acervo fotográfico se torna um legado vivo, essencial para conectar o passado ao presente e inspirar um futuro mais compreensivo e de união.

Ao considerar as estratégias de preservação arquivística, é preciso compreender que a patrimonialização de acervos, especialmente os fotográficos, mantém a memória coletiva e

constrói a identidade cultural de uma comunidade. Conforme destacado por Cougo Junior (2023) em *A patrimonialização cultural de arquivos no Brasil*, a transformação de documentos utilitários em patrimônio cultural requer uma abordagem cuidadosa e sistemática, em que a avaliação, conservação e difusão são etapas fundamentais. No caso do IHGVV, a adoção de estratégias eficazes de preservação não só protege a integridade física dos acervos, mas também assegura que o valor histórico e simbólico desses documentos seja transmitido às futuras gerações, reforçando a identidade cultural e o legado histórico da cidade.

6.3 O PRISMA DA PRESERVAÇÃO NA CONSTITUIÇÃO DO ACERVO NO IHGVV

A recomendação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2015) sobre a proteção e promoção dos museus e coleções serve como um guia para o fortalecimento do setor museológico, especialmente diante dos desafios exacerbados pela pandemia de Covid-19 (infecção respiratória pandêmica em que a principal recomendação foi o isolamento social). O IHGVV exemplifica a aplicação prática dessas diretrizes, destacando a importância de condições adequadas de manejo e armazenamento das fotografias, conforme os protocolos de biossegurança, preservação e conservação. Além disso, somam-se esforços para a transformação digital na democratização da informação, os programas educativos inclusivos e as iniciativas comunitárias que promovem a coesão social.

Cabe sublinhar que, se a cultura não é devidamente preservada, há o risco de que sua memória seja apagada da história, a menos que haja mecanismos eficazes para salvaguardar suas tradições, conhecimentos e práticas (Entrevistado 2). Nesse sentido, as fotografias, e não só a apreensão de seu sentido, história ou memória enquanto documento de arquivo, cooperam para ter êxitos em processos de difusão e da mediação informativa e passível de serem reproduzidos no meios sociocomunicacional (Entrevistado 2).

Todavia, ao examinar fotografias antigas (séc. XIX e as sete primeiras décadas do século XX), as pessoas têm a oportunidade de mergulhar no passado de sua comunidade, revivendo tradições, histórias e conquistas que trazem o ‘passado para o presente’ (Entrevistado 5). Essas fotografias são portadoras de informações inestimáveis, argumenta o Entrevistado 5, e devem ser preservadas posto que “se diferenciam ao pendurar valor e fascínio inestimável, sendo a ‘cocada preta’ [algo cobiçado, valedouro] – que moldura precípua e avocadamente a vitrine de nossa memória”. Dessa forma, há que se questionar “como salvar a memória” (Ribeiro, 2017, p. 129) e refletir se isso se refere a:

definir critérios rigorosos para seleção do que irá ser conservado a título definitivo e assegurar as condições de perdurabilidade dos suportes, como meio de garantir a conservação da memória informacional. [...] na era digital, as preocupações com a memória têm de se deslocar do fim do ciclo de vida da informação para o momento da sua gênese, pois quando a informação deixa de ser usada na fase ativa do sistema em que é produzida/usada, pode já ter passado o tempo (que tende a ser cada vez mais curto) para empreender ações de preservação viáveis do ponto de vista financeiro, ou seja, economicamente sustentáveis. (Ribeiro, 2017, p. 129).

Segundo Ribeiro (2017), para preservar a memória são necessários procedimentos técnicos quando da produção da informação. Da mesma forma, para definir requisitos de preservação são necessários critérios que promovam a conservação efetiva, a fim de separar as informações a serem descartadas daquelas que se tornarão memórias de uma família, associação recreativa, empresa, órgão de governo, etc.

Em acepção ampla, o IHGVV atua para a preservação, a divulgação e acessibilidade do acervo fotográfico como forma de se fortalecer o vínculo da comunidade com sua história e identidade cultural. Ainda, pondera-se que a memória não é “[...] capaz de recuperar um passado original e finito” (Santos, 2003, p. 71). Não espanta que, no lugar de um presente em que velhas estruturas sociais simplesmente se reproduzam, novos processos de rememoração e esquecimento se estabeleçam e, diante deles, formas alternativas de refazimento de contexturas do passado. É preciso investir em formação e preservação do acervo fotográfico para que possamos ter acesso a uma rica e diversificada fonte de informação e memória (Entrevistado 4).

Ao encontro deste posicionamento, entende-se que informações e imagens sustentam a memória, as fotografias são o que dá suporte a essas construções técnicas e culturais de representações e, portanto, são a base para a documentação dos fatos (Kossoy, 2007). Nada substitui as imagens para representar cenários, personagens e mesmo fatos do passado, entretanto, eles podem ser utilizados por interesses escusos, levados por ideologias individuais que constroem realidades de forma a acomodar memórias. Isso ocorre:

[...] medida que: a) as imagens do mundo são produzidas e distribuídas cada vez mais por alguns poucos e poderosos impérios da informação; b) fotografias destinadas a ilustrar notícias são selecionadas em bancos de imagens; c) inúmeras imagens que não foram utilizadas na ilustração das notícias (seja porque não agradavam esteticamente ou não se prestavam ideologicamente ou por alguma outra razão) são 'deletadas' nas próprias camarás dos fotógrafos ou fora delas, interferindo não apenas na notícia ou matéria jornalística de hoje, mas também na construção da memória coletiva, que, por sua vez, estará sendo igualmente manipulada, moldada (Kossoy, 2007, p. 103-107).

É necessário um exame crítico para confirmar a autenticidade e fidedignidade das

informações, textos, imagens e publicações, que devem ser analisados e interpretados conforme o momento histórico e as condições em que ocorreram. (Kossoy, 2007). Portanto, deve-se prestar atenção a quem produz e controla a informação (*ibid.*).

O processo de preservação da memória coletiva traz diversos benefícios para a sociedade. Ela permite aprender com os erros do passado, valorizar as conquistas e manter as tradições e costumes que compõem nossa cultura. A preservação dessa memória é essencial para o turismo cultural, e atrai visitantes interessados em conhecer a história e a cultura de um local (Entrevistado 3). Também deve-se atentar para a construção da democracia e da cidadania, pois possibilita a compreensão de nossos antepassados.

Além desse cenário, o Entrevistado 2 reforça que há um poder evocativo no ato da fotografia, que potencializa a rápida disseminação por meio das tecnologias digitais. Ele cita que a tecnologia aproxima o pilar basilar da memória enquanto forma de preservação, servindo como “impulsionadora insubstituível dessa era de digitalização que gesta novas plataformas para a guarda documental [arquivos, bibliotecas e museus], e reflete na expansão da memória e na preocupação de backuptização [segurança de dados, criar cópias de arquivos]”.

Nesse sentido, Cloonan (2016, p. 130-131) complementa que a preservação de documentos digitais “depende da produção de arquivos e de diretórios confiáveis, da criação de metadados descritivos, administrativos e estruturais e do controle de qualidade”. Esse autor entende que o conteúdo dos arquivos deve permanecer guardado por toda sua vida e sugere que sejam usadas armazenagem apropriada, redundância de arquivos, monitoramento, programas de atualização, migração e emulação. Para isso, boas práticas devem ser adotadas também para os usuários e a maneira como lidam com os documentos, pois novas formas e novas mídias (relógios, telefones celulares etc.) são criadas a todo momento, e devem ser preservadas (*ibid.*).

Na internet, surgiram novos valores sociais que incluem afiliação social, autoexpressão digital, personalização, assim como criação e uso compartilhado da informação. [...] A metáfora da ecologia da informação empregada por Hugh Taylor [...] é apropriada: a preservação é a relação entre os documentos e seu ambiente. Essencialmente, a preservação é o gerenciamento do patrimônio por meio dos hábitos locais, dos parâmetros e das práticas profissionais, da formação técnica, bem como da aplicação da lei e das cartas e convenções internacionais. Documentos existem em diversas formas, e nós estamos apenas começando a compreender como essas formas novas e aparentemente camaleônicas irão moldar nossos métodos de preservação (Cloonan, 2016, p.130-131).

À proporção que o acesso à informação foi, hipoteticamente, ‘democratizado’, os testemunhos tanto atendem à problemática em pauta, quanto evocam a percepção de transformação do

tempo e das questões sociais e ambientais, mostrando que é necessário parcerias, capacitações, estudos práticos na área de preservação da memória e acolhida da juventude. Ao se estimular as políticas institucionais voltadas para a preservação das fotografias, aliando a promoção de uma maior consciência sobre as questões éticas relacionadas ao seu uso e preservação, permite-se que a instituição seja mais incluyente e acolhedora na forma de consolidar a memória coletiva para além do seu acervo fotográfico. Com esse painel, Tavares e Freire (2021) entendem que o tempo extremamente rápido em que vivemos tem provocado medo de um esquecimento geral, motivo pelo qual as sociedades têm buscado manter vivos os ‘vestígios’ do passado:

[...] Para Bauman (2001), a sociedade contemporânea tem como característica a ‘vida líquida’ [...] [e] é justamente essa condição que eleva a importância da memória na construção e transmissão dos conhecimentos, e é essa perspectiva social da memória que está associada à preservação, uma vez que esta possibilita a construção ou reconstrução da memória coletiva, através da recuperação dos registros da informação. [...] [Já] Le Goff (2004), quando fala do valor da memória [...], destaca que a memória faz parte das questões que permeiam as sociedades em via de desenvolvimento e que são essas sociedades que, ao compreender e lutar pela dominação da recordação e da tradição, melhor conseguem constituir uma memória coletiva. (Tavares; Freire, 2021, p. 141-143).

Para Le Goff (2004 *apud* Tavares, Freire, 2021), a ciência da informação deve entender e procurar maneiras de preservar e difundir essa informação, e “eterniza a memória humana, simbolizando o seu processo evolutivo.”

O ponto crítico é que se deve discutir em “algum momento as questões éticas relacionadas à direitos e acessos às memórias digitais, provocados nas interfaces da segurança e privacidade de dados, vigilância tecnológica, preservação digital, plano de salvaguarda e no controle/direitos sobre o legado digital”, assinala o entrevistado 2. Nesse ínterim, ao se explorar os desafios enfrentados para a preservação do acervo fotográfico, o discurso perpassa pela preocupações acerca do vasto volume de informações digitais produzidas diariamente. Por conseguinte, o que vem sendo produzido e passível de ser “vivenciado e mantido na tradição em circulação no grupo e na memória e, de outro lado, é discursivamente sistematizando, representando por meio de linguagens audiovisuais, fotográficos, digitais, aspectos desta tradição que devem ser permanentes” (Entrevistado 2).

Ademais, deve-se considerar que o acondicionamento e o armazenamento são fases distintas no processo de preservação de documentos. Enquanto o acondicionamento se refere à embalagem ou invólucro que protege os documentos sem interferir em sua estrutura física, o armazenamento diz respeito ao mobiliário utilizado para guardar os documentos. O

acondição visa proteger a documentação contra danos físicos e condições ambientais adversas, proporcionando-lhes um microambiente mais adequado. Esse enfoque na conservação preventiva garante a preservação desse acervo sem alterar a constituição física dos itens documentais.

As atividades de curadoria do IHGVV, sediado na Casa da Memória, envolvem políticas e práticas que asseguram a integridade e o valor histórico dos documentos iconográficos. Nessa seara, a fotografia, considerada a mais significativa das "máquinas intelectuais" criadas pelo homem, não apenas reproduz, mas também cria documentos, representando a realidade de maneira direta, sem a intervenção do pensamento humano (Otlet, 2018, p. 310). Geralmente vista como um testemunho irrefutável e objetivo, livre de influências subjetivas, é imprescindível organizar arquivos fotográficos nos quais artistas, cientistas, jornalistas e outros profissionais possam encontrar o necessário para seus trabalhos (Otlet, 2018).

Posto que a memória é, de fato, a vida (Nora, 1993), a curadoria dessas memórias (as coleções fotográficas) registra, resguarda e transmite essas vidas. Conforme atesta o Entrevistado 3, “o compromisso do IHGVV com a gestão organizada e sustentável de seu acervo fotográfico destaca aspectos em prol de uma identificação e classificação dos documentos, sempre contextualizados dentro de uma narrativa de vida”. Esse compromisso abrange dez tópicos para as práticas de excelência na curadoria documental, que enfatizam os elementos a serem valorizados na visão do IHGVV, conforme remete o quadro a seguir:

Quadro 9 – Práticas de excelência na curadoria das fotografias nas atividades do IHGVV

Práticas	Atributo e parâmetros da curadoria documental
Definição e gestão de políticas	A curadoria eficaz envolve a definição e gestão de políticas de conservação e restauro, orçamento e captação de recursos, descarte, permissão de acesso à pesquisa, proteção da intimidade e inserção de outros fundos documentais.
Políticas de conservação e restauro	Essenciais para garantir a integridade física das fotografias, utilizando técnicas e tecnologias modernas para preservar tanto a forma quanto o conteúdo das imagens.
Orçamento e captação de recursos	Sustentabilidade financeira fundamental, com políticas de orçamento bem definidas e estratégias eficazes de captação de recursos, parcerias com instituições culturais e financiamento público e privado.
Descarte de materiais	Definição de critérios claros para o descarte de materiais irrelevantes ou redundantes, garantindo que apenas materiais sem valor histórico sejam removidos para evitar sobrecarga do acervo.
Permissão de acesso à pesquisa e proteção da intimidade	Regular o acesso ao acervo para equilibrar a necessidade de preservação com a utilidade pública, permitindo que pesquisadores e o público utilizem o acervo sem comprometer a integridade dos documentos, e estabelecer políticas para proteger a privacidade das pessoas retratadas nas fotografias, tratando informações sensíveis com o devido cuidado.

Inserção de outros fundos documentais	Planejamento da integração de novos materiais ao acervo para ampliar a abrangência e relevância do IHGVV, incluindo documentos que complementem e expandam as narrativas existentes.
Importância do contexto temporal e circunstancial	Considerar ‘tempo e circunstância’ como marcos fundamentais do processo de preservação de acervos, documentando as fotografias, e as histórias e circunstâncias associadas (Camargo; Goulart, 2007).
Interpretação holística dos documentos	Tratar cada fotografia como parte de uma narrativa maior, conectada às atividades e funções da instituição, fortalecendo a autenticidade e a integridade do acervo. Esse enfoque considera cada imagem não apenas como um registro autônomo, mas como parte de uma narrativa contínua que reflete o contexto histórico, cultural e funcional da instituição. Ao tratar as fotografias dessa maneira, elas são integradas em uma rede de significados que enriquece a compreensão do acervo como um todo, assegurando que a autenticidade e a integridade sejam perpetuadas.
Identificação e classificação de fotografias	Dar nome aos documentos, identificando-os a partir da espécie ou do tipo, contextualizando-os nas atividades da entidade geradora. Catalogar cada fotografia com precisão, considerando sua gênese documental e contexto histórico (Bellotto, 2002 <i>apud</i> Camargo; Goulart, 2007).
Reconhecimento da individualidade dos documentos	Analisar detalhadamente a origem e a função de cada fotografia para garantir que cada documento seja entendido e preservado em seu contexto específico, reconhecendo sua individualidade.

Fonte: o autor, com base em Camargo e Goulart (2007).

Ao integrar as perspectivas e evidências práticas obtidas por meio das entrevistas, fica claro que as ações adimplidas no IHGVV vão além da perspicaz luta da preservação e da disseminação de quaisquer documentos fotográficos (Entrevistados 3 e 4). Dessa maneira, as questões éticas, legais e educacionais que permeiam a gestão e a divulgação/mediação do acervo corroboram para a questão da preservação documental. Assim sendo, a compreensão desses aspectos possibilita uma abordagem ampla e eficaz na preservação do patrimônio fotográfico e na promoção de possíveis vínculos afetivos.

Outro aspecto urgente para a preservação do acervo fotográfico é o armazenamento adequado. As imagens precisam ser mantidas em condições climáticas estáveis, longe de fontes de luz, umidade e temperatura elevadas, que podem causar danos irreparáveis a elas (Entrevistados 2, 3 e 5). Além disso, é insubstituível ter cuidado com o manuseio das fotografias; e, a digitalização do acervo fotográfico é vista como uma das formas mais eficazes de preservá-lo. Existem diversas formas como o acervo fotográfico do IHGVV atua para ir além do senso comum, e viabilizar instrumentos para preservar e difundir a memória coletiva, tendo em vista as necessidades do conjunto da sociedade e de:

- Realizar entrevistas com pessoas mais velhas, complementadas por fotografias históricas para ilustrar suas lembranças e experiências, proporcionando uma narrativa visual e oral mais completa.

- Desenvolver exposições fotográficas temáticas, destacando eventos ou personalidades importantes para a comunidade, o que proporciona uma experiência imersiva na história local.
- Produzir livros e documentários que usem o acervo fotográfico para narrar de maneira visual a memória local, alcançando um público mais amplo e diversificado.
- Implementar projetos escolares que utilizem o acervo fotográfico como recurso didático, para estimular o interesse dos alunos pela história e cultura locais.
- Colaborar com artistas e escritores locais para criar obras inspiradas no acervo fotográfico; promover exposições do acervo fotográfico e aumentar a visibilidade e o reconhecimento do patrimônio local.
- Criar projetos de memória comunitária que envolvam a população na coleta e compartilhamento de fotografias, para fortalecer o vínculo social e a sua história local.

Ademais, a conscientização pública sobre a importância da preservação da memória coletiva é fundamental, arguem os entrevistados 1 e 4. É necessário reconhecer que a preservação da memória coletiva é um esforço contínuo e colaborativo, que requer o engajamento de múltiplos atores, incluindo as Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP), a extensão universitária, os legisladores e o público em geral (cidadãos e instituições como arquivos públicos, museus, bibliotecas, cinemas, teatros, academia de letras). Desse modo, depreende-se que algumas estratégias de preservação digital podem ser assim expressas:

Quadro 10 – Estratégias de preservação digital

Estratégias possíveis	Conceitos	Ambiência do IHGVV
Preservação de tecnologia	Consiste na conservação e manutenção de <i>hardware</i> e <i>software</i> necessários para a correta apresentação dos objetos digitais, e a criação de museus digitais.	Realiza parcialmente
Refrescamento	Transferência de informações de um suporte físico de armazenamento para outro mais atual antes que o primeiro se deteriore ou se torne obsoleto.	Realiza com parcimônia
Emulação	Uso de um <i>software</i> , chamado emulador, que reproduz o comportamento de uma plataforma de <i>hardware/software</i> em outra plataforma originalmente incompatível.	Realiza em projetos específicos
Migração para suportes analógicos	Transferência periódica de material digital de uma configuração de <i>hardware/software</i> para outra, ou de uma geração tecnológica para a subsequente.	Realiza parcialmente
Atualização de versões	Utilização de aplicações de <i>software</i> que conseguem abrir ou importar objetos digitais produzidos por versões anteriores da mesma aplicação.	Realiza ocasionalmente
Conversão para formatos concorrentes	Garantia de sobrevivência dos objetos digitais convertendo-os para formatos de uma linha de produtos concorrente.	Realiza ocasionalmente

Normalização	Simplificação do processo de preservação pela redução do número de formatos distintos presentes no repositório de objetos digitais.	Não aplica, procedimento em estudo
Migração a pedido	Aplicação de conversões ao objeto original em vez de aplicar as conversões ao objeto mais atual.	Realiza ocasionalmente
Migração distribuída	Disponibilidade de serviços de conversão acessíveis via Internet, invocados remotamente por uma aplicação-cliente.	Realiza ocasionalmente
Encapsulamento	Preservação do objeto digital junto com toda a informação necessária para o futuro desenvolvimento de conversores, visualizadores ou emuladores.	Não aplica, procedimento em estudo
Identificadores permanentes	Mecanismos para localizar um objeto digital mesmo quando sua localização física muda.	Realiza parcialmente
Pedra da Roseta Digital	Reunião de amostras de objetos representativas do formato que se deseja preservar, em vez de preservar as regras para decodificação do objeto digital.	Não aplica
Metadados de preservação	Metainformação responsável por detalhar a proveniência, autenticidade, atividades de preservação, ambiente tecnológico e condicionantes legais do material custodiado.	Realiza com parcimônia

Fonte: o autor, adaptado de Silva (2020b).

Dessa forma, no âmbito da atuação do IHGVV, a formação, preservação e difusão documental exigem a implementação de documentos e políticas específicas, atualmente em discussão na instituição²⁶. Reitera-se que a constituição do acervo fotográfico assegura direitos e preserva de forma contínua e acessível a memória coletiva. O IHGVV avalia cuidadosamente sua complementação. Nesse contexto, a adoção de tecnologias avançadas e a busca por apoio financeiro e pessoal técnico especialista são fundamentais para garantir a sustentabilidade desse acervo a longo prazo. Seguindo as recomendações da Unesco (2015), o IHGVV não só preserva a parte da memória de Vila Velha, mas também enriquece a aprendizagem ao longo da vida, promovendo o desenvolvimento pessoal e o seu autoenriquecimento como instituição de utilidade pública. Isso permite que os sujeitos explorem novos tópicos, interesses e paixões relacionados à história e à cultura da terra.

²⁶ Esses documentos incluem a Tabela de Temporalidade e Destinação de Documentos, que define prazos de guarda e destinação final dos documentos digitais; o Plano ou Código de Classificação de Documentos, que organiza e categoriza os arquivos; o Guia Emergencial para Prevenção de Desastres e o Plano de Gerenciamento de Riscos: Salvaguarda & Emergência, que fornecem diretrizes para proteger os acervos contra catástrofes e detalham medidas de recuperação; a Política de Desenvolvimento de Coleções e Aquisição de Acervos e a Política de Avaliação de Coleções, que orientam a expansão e manutenção do acervo; o Recibo de Entrega de Documentos e o Termo de Recebimento e Responsabilidade por Guarda, que formalizam a transferência e a responsabilidade pelos documentos digitais; o Termo de Cessão/Autorização de Uso de Imagem e de Voz, que regulamenta os direitos de uso das imagens e gravações digitais; o Termo de Doação do Acervo, que documenta a transferência legal de propriedade dos arquivos digitais; o Termo de Eliminação de Documentos e a Listagem de Eliminação de Documentos, que registram a exclusão segura de arquivos desnecessários; os Instrumentos de Pesquisa (guias, inventários, catálogos, repertório), que facilitam o acesso e a consulta ao acervo digital; e o Termo de Responsabilidade para Utilização de Imagens do Acervo, que assegura o uso adequado e autorizado das imagens preservadas.

A conjunção do depoimentos dos membros do IHGVV resgata algumas estratégias para a preservação digital, abordando desde a conservação de tecnologias até a utilização de metadados específicos para garantir a durabilidade e a acessibilidade dos objetos digitais ao longo do tempo. Por meio de iniciativas educacionais, como programas de história oral e projetos de preservação do patrimônio cultural, as comunidades podem promover uma maior inclusão e diversidade, fortalecendo assim os valores democráticos e a coesão social. Contudo, deve-se frisar que a decisão por preservar envolve questões sociais, políticas e culturais e têm nuances diferentes dependendo do tempo e das culturas envolvidas (Cloonan, 2016). Menos resistentes do que o papel, as mídias atuais são menos estáveis, sofrem maior deterioração, sua expectativa de vida é menor, dependem de máquinas para funcionar, podem apresentar defeitos, acompanham as mudanças do mercado e não as atualizações dos arquivistas (*ibid.*). Levando isso em consideração, deve-se “conhecer a história, a criação, a tecnologia e o uso de cada mídia antes de determinar as medidas apropriadas de preservação”, pois sua implementação é custosa tanto em recursos financeiros quanto de tempo (*ibid.*)

[...] Vários profissionais observaram que os aspectos tecnológicos das novas mídias são simples se comparados com questões legais e financeiras [...] assim, para os documentos digitais, tomar decisões sobre preservação no momento da avaliação pode ser muito tarde. Cada vez mais, não apenas os arquivistas têm a responsabilidade pela longevidade dos documentos, mas também seus criadores e demais partes interessadas. Existe outra complicação em relação à preservação digital que a distingue da preservação de materiais analógicos (Cloonan, 2016, p. 111-129).

Alan Lewis (*apud* Cloonan, 2016) identificou inúmeros aspectos a serem considerados: material ser compatível com a política de recolhimento da instituição; material ter valor permanente, valor probatório e valor informativo; material ser único ou ser encontrado em outros lugares; o valor financeiro, a qualidade técnica do material num nível que justifique o gasto dos recursos, sua descrição e preservação; o doador potencial ter controle legal sobre os documentos a serem incorporados; ser seu proprietário do ponto de vista físico; ser proprietário do conteúdo intelectual; o material poder ser gerenciado, processado, descrito, conservado, armazenado com segurança, disponibilizado sem custos adicionais no curto prazo.

Em suma, a formação e preservação do acervo fotográfico é uma tarefa necessária para garantir a integridade e acessibilidade das imagens. Desse modo, para valorizar e preservar o acervo institucional envolvem também a constituição de equipes capacitadas, e que ocorram investimentos em infraestrutura de armazenamento e digitalização (Entrevistados 1, 2 e 4). Esses são passos que garantem a integridade e acessibilidade da preservação digital das fotografias ao longo do tempo. Dessa forma, a preservação digital envolve, segundo Cabero

(2017): garantir acesso e uso futuro; entender que a preservação deve ocorrer junto com as áreas de segurança da informação, gestão e riscos; considerar a preservação como um macroprocesso com diversas atividades; aceitar que a preservação busca a manutenção das coleções e documentos sem uso imediato; entender que “objeto de preservação, tal como define F. Upward, é um magma complexo que necessita de uma atuação sobre dados, formatos, suportes, ambientes eletrônicos e metadados”; considerar que método de preservação deve ser um conjunto de “princípios, políticas, regras e estratégias coordenadas”:

[...] É importante destacar que a preservação digital inclui a finalidade de reutilizar a informação e de dispor dos dados para um futuro indeterminado, e isso implica conciliar os interesses de gestão dos recursos no presente e também aqueles de conservação para o futuro. Não se trata somente de facilitar a continuidade digital, mas de contribuir para manter e ampliar a herança digital [...] (Cabero, 2017, p.180-182).

Um prisma que oportuniza o encontro contínuo do acervo com sua formação e constituição mostra que a preservação da memória coletiva é uma responsabilidade compartilhada, que requer o envolvimento ativo de governos, instituições culturais e membros da comunidade. Ao reconhecer e valorizar a riqueza da história e da cultura de uma sociedade, promove-se uma maior compreensão mútua, respeito pelas diferenças e compromisso com um futuro mais justo e igualitário para todos, argumentam os entrevistados 3 e 5.

Ao buscar um contínuo processo de formação do acervo fotográfico, o IHGVV procura equilibrar o uso, o acesso e a preservação dos documentos, integrando técnicas e métodos de difusão e preservação documental, afirmam os entrevistados 3 e 4. Nessa perspectiva, a conscientização patrimonial e cultural contribui para a formação do acervo fotográfico, envolvendo a comunidade e incentivando o uso responsável, o respeito pela memória coletiva e pelo patrimônio histórico, além de promover a educação, o engajamento cívico e a valorização das identidades locais. Ainda, frisa-se que a memória da sociedade globalizada está sendo cada vez mais construída por meio de recursos tecnológicos, o que torna imprescindível que as ações de preservação acompanhem essa tendência (Conceição, 2021).

Assim, entende-se que a preservação deve começar na produção do documento para garantir sua durabilidade. Preservação e acesso são interdependentes; a preservação sem acesso não cumpre a função social da memória, pois ambas são necessárias para sua racionalização, argumentam Siebra e Borba (2021). Todavia, as estratégias de preservação digital promovem a proteção e a acessibilidade contínuas desse acervo fotográfico do IHGVV. A seguir, a ilustração apresenta as estratégias de preservação mencionadas pelos entrevistados:

Quadro 11 – Resumo das estratégias de preservação digital apresentadas nas entrevistas

Estratégias de Preservação	Entrevistado 1	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5
Condições de armazenamento	✓			✓	
Técnicas de conservação	✓				
Manutenção contínua e backups	✓	✓	✓		
Preservação digital	✓	✓	✓	✓	✓
Avanços tecnológicos	✓	✓	✓	✓	✓
Educação e colaboração	✓		✓		✓

Fonte: o autor, com base nas entrevistas com diretores do IHGVV, jun. 2024.

Sob esse escrutínio, indaga-se: como salvar a memória coletiva na era digital? Ela é primordial e transborda ao se:

- Situar a questão da preservação no momento da criação da informação: integrar estratégias de preservação desde a criação; escolher formatos adequados e utilizar padrões de qualidade; documentar completamente os processos de criação.
- Estabelecer critérios claros para a seleção do que será preservado: isto é definir critérios para selecionar documentos de valor histórico, cultural ou informacional; focar na preservação da missão, visão e valores e evitar o acúmulo desnecessário de dados.
- Criar metainformações e outros mecanismos técnicos para garantir a durabilidade dos suportes digitais: metainformações detalhadas; mecanismos como replicação de dados e verificação de integridade; utilização e estudos de formatos digitais duráveis.
- Assegurar que os procedimentos de preservação sejam economicamente sustentáveis: ter procedimentos de preservação otimizando recursos; ter práticas sustentáveis a longo prazo; buscar financiamento, cooperar com outras instituições e usar tecnologias de baixo custo.
- Diferenciar a informação de valor permanente da informação transitória: identificar informações de valor permanente; reconhecer informações transitórias com relevância temporária; gerir recursos de preservação de forma eficaz, focando nos documentos essenciais.

Esses passos são fundamentais para garantir que a memória digital seja preservada de forma eficaz e acessível para as gerações futuras. Ademais, o uso de tecnologias digitais facilita o armazenamento e acesso a essas memórias, e amplia as possibilidades de pesquisa e educação (Entrevistados 4 e 5). Tais apontamentos, se implementados de forma coordenada pelo IHGVV, garantirão que as riquezas do acervo documental sejam preservadas e transmitidas às gerações futuras, promovendo um legado duradouro de conhecimento e identidade cultural.

6.4 AÇÕES ADIMPLIDAS QUE CONTRIBUEM PARA A PRESERVAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DA MEMÓRIA COLETIVA DE VILA VELHA - ES

As fotografias inseridas em contexto de produção, coprodução e reprodução tanto refletem o passado, como ainda moldam nossa compreensão do presente e influenciam nossa visão do futuro, diz o Entrevistado 2. Por ser visto de diversas formas, o acervo fotográfico ora expressa algo estático e imutável, ora o enxergam como um processo dinâmico e sujeito a mudanças tendo o valor singular da diversidade de significados e reinterpretações que pode evocar (Entrevistado 2).

Ao apontar esses achados, entende-se que algo a ser despertado é a articulação de uma maior consciência da importância da memória coletiva e das questões éticas relacionadas ao uso e preservação das fotografias (Entrevistados 2 e 3). As fotografias têm o poder de capturar momentos históricos e culturais, e estão sujeitas a interpretações e manipulações.

Quadro 12 – Análise acerca das estratégias de preservação digital para o IHGVV

Reflexão	Descrição	Citação
Desafios na preservação e conservação	A preservação das fotografias enfrenta desafios como a necessidade de condições adequadas de armazenamento, incluindo controle de umidade e temperatura. A digitalização das fotos garante sua longevidade e acessibilidade, mas requer recursos técnicos e financeiros significativos.	A preservação digital do acervo fotográfico envolve desafios como a degradação dos arquivos digitais ao longo do tempo (Entrevistado 4)
Inclusão e documentação de temas sensíveis e diversos	A inclusão de temas sensíveis e diversos no acervo é uma preocupação comum. Há um esforço contínuo para refletir a diversidade da comunidade, documentando eventos religiosos, manifestações culturais e aspectos menos conhecidos da história local.	No que diz respeito à inclusão de temas sensíveis e controversos no acervo, acredito que o instituto deve refletir a diversidade da comunidade e contar a história em suas diversas épocas (Entrevistado 3)
Impacto social e cultural da fotografia	As fotografias desempenham um papel significativo na educação patrimonial e na sensibilização da comunidade sobre a importância da preservação histórica. Elas são vistas como instrumentos valiosos para o turismo cultural, oferecendo um suporte visual que complementa e enriquece as narrativas históricas.	As fotografias são vistas como itens representativos da memória coletiva, sendo muitas vezes mais atrativas e comunicativas do que textos antigos (Entrevistado 5)

Relação com a tecnologia e a evolução da fotografia	A evolução tecnológica tem permitido avanços significativos na restauração e documentação fotográfica. É importante manter-se atualizado com as novas tecnologias e colaborar com outras instituições para promover a preservação e o acesso ao acervo.	A fotografia deve ser vista como documento representativo para a memória coletiva. Digo que o maior incentivo da gente contar a história são as fotos (Entrevistado 2)
Fotografia como arte e inspiração	A fotografia é considerada uma forma de arte que vai além do simples registro histórico. Ela é valorizada por sua capacidade de transmitir emoções, contar histórias e inspirar tanto os fotógrafos quanto o público.	A fotografia é considerada um documento histórico e cultural capaz de capturar momentos importantes da história e transmitir emoções profundas (Entrevistado 1)

Fonte: o autor, com base nas entrevistas com diretores do IHGVV, jun. 2024.

Ao despertar essa consciência crítica e promover discussões abertas sobre o papel e o impacto das fotografias na construção da memória coletiva, podemos contribuir para uma preservação mais significativa e inclusiva do patrimônio fotográfico. Os esforços do IHGVV em preservar e promover seu acervo fotográfico estão alinhados com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU)²⁷, especialmente com os Objetivos 4 (educação de qualidade) e 11 (cidades e comunidades em bem-estar social). Nesse âmbito, a preservação e divulgação do acervo fotográfico promovem a educação inclusiva e de qualidade, fornecendo recursos educativos valiosos que ajudam a contar a história local de maneira acessível e atraente. Na pauta explícita, programas educativos inclusivos e iniciativas comunitárias são fundamentais para a coesão social e a aprendizagem contínua, alegam os Entrevistados 3 e 4.

É preciso promover uma educação sobre a história por trás das imagens, incentivando uma compreensão mais profunda do contexto em que foram produzidas. Com base na obra de Hedstom (2016), entende-se que é necessário debater questões como autenticidade, representatividade e responsabilidade ao compartilhar e utilizar fotografias históricas, evitando distorções ou apropriações indevidas. Ademais, a documentação e preservação de eventos históricos, culturais e sociais por meio da fotografia contribuem para a resiliência e sustentabilidade cultural das cidades. Nesse contexto, os acervos fotográficos contribuem para a formação e manutenção da memória coletiva, influenciando e sendo influenciados pelas práticas sociais e culturais.

²⁷ A resolução da ONU intitulada *Transformar o Nosso Mundo: Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável* define 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), que receberam aprovação unânime dos 193 Estados-membros da ONU. Essa iniciativa visa garantir um mundo onde todos tenham acesso igualitário e universal a educação de qualidade em todos os níveis, cuidados de saúde e proteção social, de forma a assegurar o bem-estar físico, mental e social de todos (Unesco, 2015).

Ao refletir sobre a diversidade da comunidade e inserir temas sensíveis no acervo, o IHGVV fortalece a identidade cultural e promove a noção de cidadania mais inclusiva e coesa. Em análise, observa-se no Quadro 12 que a fotografia é valorizada não apenas como um registro histórico do IHGVV, mas como uma forma de arte que inspira e conecta as gerações, reforçando a identidade e a coesão da comunidade (Entrevistado 1). Assim, ao alinhar suas práticas com as recomendações da Unesco (2015) e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da (ONU), o IHGVV se posiciona como um modelo de resiliência e inovação no campo museológico, ao contribuir significativamente para a educação contínua e o fortalecimento das comunidades locais.

A rápida evolução da tecnologia digital resultou em uma proliferação de dados pessoais, incluindo fotos, vídeos, documentos importantes e correspondências eletrônicas (Muller; Santos; Maria; Pereira, 2024). Esse aumento de dados levanta questões críticas sobre a segurança, acessibilidade e preservação dessas informações a longo prazo, que são fundamentais para a memória coletiva e a identidade individual.

Entende-se que a rápida evolução da tecnologia digital trouxe consigo uma explosão de dados pessoais, desde fotos e vídeos até documentos importantes e correspondências eletrônicas. Esta profusão de dados [em acervos, arquivos] levanta questões fundamentais sobre como garantir a segurança, acessibilidade e preservação a longo prazo dessas informações vitais para a memória coletiva e a identidade individual (Muller; Santos; Maria; Pereira, 2024, p. 221).

A preservação digital de dados pessoais, conforme abordado por Muller, Santos, Maria e Pereira (2024), acrescenta uma camada de complexidade e responsabilidade para a tarefas e atribuições do IHGVV. A Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD) exige uma abordagem estratégica para garantir a conformidade legal e a proteção eficaz desses dados ao longo do tempo (Muller; Santos; Maria; Pereira, 2024). Essa legislação, aliada aos avanços na preservação digital, é fundamental para a gestão de acervos fotográficos e outros tipos de documentos históricos. Nessa via, o seguinte painel se estabelece:

Essa ilustração (Quadro 13) apresenta diversas estratégias para a preservação digital, abordando desde a conservação de tecnologias até a utilização de metadados específicos para garantir a durabilidade e acessibilidade dos objetos digitais ao longo do tempo. Com isso, é comum ouvir relatos de pessoas que perderam fotos digitais armazenadas em câmeras e *smartphones* (Entrevistado 2), o que destaca a importância de estratégias eficazes de preservação digital para garantir a longevidade e a acessibilidade dessas memórias serem adotadas e planejadas.

Quadro 13 – Quadro de gestão e preservação do acervo fotográfico do IHGVV

Acervo fotográfico	Vantagens e limitações, inerentes às características principais	
Formação, consolidação e contextos das coleções do IHGVV	Aquisição	Coleta de fotografias por doações e compras, integrando imagens que retratam a história local.
	Criação/Produção	Produção de registros fotográficos seguindo normas para assegurar a qualidade documental.
	Classificação	Organização do acervo conforme um plano que reflete a estrutura e as atividades culturais da comunidade.
Estratégias de preservação no IHGVV	Conservação/Preservação	Aplicação de técnicas como controle ambiental e uso de materiais adequados para garantir a durabilidade dos documentos.
	Avaliação	Determinação periódica dos prazos de guarda e destinação dos documentos, conforme seu valor histórico.
	Descrição	Criação de descrições detalhadas e instrumentos de pesquisa para facilitar a recuperação e utilização dos documentos.
Atuação do IHGVV na preservação da memória coletiva de Vila Velha	Difusão/Acesso	Promoção do acervo por meio de exposições, publicações, e uso de redes sociais.
	Criação/Produção	Incentivo à criação de novos registros que documentam eventos contemporâneos.
	Conservação/Preservação	Implementação de políticas para preservar a integridade dos documentos para as futuras gerações.
	Descrição	Desenvolvimento de catálogos e guias para facilitar a exploração do acervo pelo público.

Fonte: o autor, com base em conteúdo/discurso das entrevistas, maio de 2024.

Por esse motivo, compreende-se que a fotografia apoia e cumpre a capacidade de ser ampla e contextualizada na memória coletiva, considerando a quantidade de fotografias, e os contextos históricos, sociais, políticos e econômicos nos quais a memória surge, é reinterpretada e pode ser buscada. Nesse sentido, ao ampliar a análise das ações relacionadas ao acervo fotográfico que contribuem para a preservação e disseminação da memória coletiva, deve-se incorporar as contribuições da sociologia, das teorias documentárias e políticas, da psicologia, da análise literária e da história. Juntamente com os avanços na preservação digital, essa abordagem interdisciplinar permitirá que os arquivos privados ofereçam novas perspectivas e metodologias promissoras para a gestão de suas coleções, conforme argumentam Muller, Santos, Maria e Pereira (2024).

No contexto do IHGVV, ao se beneficiar da implementação de estratégias de preservação digital, a instituição assegurará a proteção e a durabilidade dos registros, não só garantindo a conformidade com a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), mas aprimorando a

conservação e a disseminação do patrimônio documental. Além disso, ao se posicionar como um modelo de referência na preservação digital entre os IHGs e na gestão interdisciplinar de acervos iconográficos, a instituição traça caminhos para um acesso mais amplo e democrático ao seu patrimônio cultural e documental.

Ao analisar esses discursos, é possível compreender como as identidades e as estruturas sociais são construídas e negociadas ao longo da vida (Pato, 2015). Nessa senda, a análise dos testemunhos dos membros da IHGVV assegura que esse percurso e legado sejam contados, ouvidos e respeitados por gerações futuras, proporcionando uma compreensão mais profunda e inclusiva da própria instituição na cultura e identidade local. Sendo assim, as entrevistas revelam uma abordagem multifacetada que abrange desde a conservação física e digital das fotografias até a inclusão de temas diversos e o enfrentamento de desafios operacionais e financeiros, frisando que:

— Entrevistado 1 destaca a importância de condições adequadas de armazenamento e conservação das técnicas fotográficas, sublinhando a fotografia como uma ferramenta essencial para documentar e preservar a história e cultura da cidade. Isso está diretamente relacionado às funções arquivísticas de conservação e preservação, que visam garantir a integridade física dos documentos.

— Entrevistado 2 ressalta a preservação digital e a realização de *backups* frequentes para garantir a segurança dos arquivos, abordando a função arquivística de gestão de documentos digitais. A digitalização e os *backups* são medidas cruciais para a manutenção da acessibilidade e proteção dos documentos a longo prazo, prevenindo a obsolescência tecnológica²⁸.

— Entrevistado 3 ressalta a inclusão de temas sensíveis e a diversificação do acervo, refletindo a função arquivística de avaliação e seleção, que garante que o acervo represente todas as vertentes da história de Vila Velha. A inclusão de eventos culturais e manifestações sociais menos conhecidas enriquece o valor histórico e cultural do acervo.

— Entrevistado 4 discute a importância da digitalização em alta resolução e o

²⁸ Tal premissa é reforçada por Nora (1993), que aponta que os lugares de memória emergem como reflexo do avanço tecnológico. O acervo digital de fotografias do IHGVV configura-se como um suporte para a memória coletiva, disponibilizando informações de forma acessível e democrática para a sociedade contemporânea. Ademais, a descrição fotográfica, padronizada pela Nobrade, vai além de um simples ato de catalogação; ela é e ressoa um compromisso com a preservação da memória coletiva de Vila Velha.

desenvolvimento de uma plataforma *on-line* para facilitar o acesso público, alinhando-se com a função arquivística de descrição e difusão. A criação de catálogos e plataformas digitais facilita a recuperação e o uso das fotografias, e torna o acervo mais acessível e interativo.

—o Entrevistado 5 aborda os desafios financeiros e a necessidade de maior apoio e recursos para a sustentabilidade das atividades do Instituto, indicando a importância da função arquivística de gestão e administração. A obtenção de recursos e o gerenciamento eficaz são fundamentais para a manutenção e expansão do acervo. Ademais, os aspectos discutidos por esse e outros entrevistados se alinha com funções arquivísticas essenciais (produção, avaliação, aquisição, conservação, classificação, descrição e difusão), e garantem a preservação, acessibilidade e valorização contínua da memória documental de Vila Velha.

Os achados do estudo e a análise dos discursos permitem a construção social da realidade (Pato, 2015). Esses discursos, entendidos como práticas linguísticas que produzem e reproduzem significados, refletem e moldam as percepções, destacando facetas essenciais das funções arquivísticas no IHGVV, como aquisição, conservação e difusão/acesso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Compreendendo a conjectura proposta, esta pesquisa investigou o papel do processo de formação e preservação do acervo fotográfico do IHGVV na salvaguarda da memória coletiva de Vila Velha (ES). A partir do problema de pesquisa e dos objetivos delineados, foi possível estabelecer propósitos de intervenção. Inicialmente, ao analisar as interações entre memória coletiva e preservação de acervos fotográficos, com enfoque na CI, foi constatada a relevância do papel do IHGVV nesse contexto. Posteriormente, ao detalhar o processo de formação e consolidação do acervo fotográfico, identificou-se suas potencialidades, lacunas e desafios. Adicionalmente, ao situar e analisar as estratégias de preservação utilizadas junto ao acervo, foi possível destacar as abordagens eficazes e as que necessitam de aprimoramento. Ao se examinar a atuação do IHGVV na preservação da memória coletiva de Vila Velha, observou-se a emergência e sua atuação primordial, evidenciada pelos esforços da instituição para proteger e difundir o patrimônio histórico e cultural do município.

Esses resultados demonstram o impacto positivo das ações do IHGVV na valorização e preservação da memória coletiva local, e contribuem para fortalecer a identidade cultural da comunidade e para garantir que suas histórias e tradições sejam preservadas. Assim, o IHGVV colabora para a construção de uma narrativa histórica inclusiva e acessível, que celebra a diversidade e a riqueza cultural do município, promovendo a conscientização e o orgulho da herança histórica da região para as gerações presentes e futuras. Quanto aos itens a seguir, observou-se que:

— Preservação e valorização da memória coletiva: a instituição tem ações que são essenciais para a construção de identidades culturais e históricas (Entrevistados 1, 3, 5). No contexto do IHGVV, a formação e conservação de acervos fotográficos são capitais nesse processo. Neste estudo são citadas as estratégias de preservação utilizadas pelo IHGVV e se discute a importância da fotografia na manutenção dessa memória coletiva.

— Formação do acervo fotográfico: envolve operações em prol da aquisição, classificação, conservação e difusão de imagens que documentam a história local. As fotografias são coletadas por meio de doações, campanhas e compras, sendo organizadas de acordo com planos que refletem as atividades culturais da instituição. A produção de registros fotográficos segue preceitos para assegurar a qualidade documental, enquanto a conservação envolve

técnicas como controle ambiental e o uso de materiais adequados para garantir a durabilidade dos documentos.

— Estratégias de preservação: as ações adotadas pelo IHGVV incluem a aplicação de medidas preventivas e reparadoras para manter a integridade dos documentos. Essas medidas englobam a adequação da temperatura e umidade, controle da luminosidade e prevenção de infestação biológica. A instituição implementa políticas de segurança e proteção contra incêndios, inundação e alagamento.

— Difusão e acesso: funções que são promovidas por meio de exposições, publicações e uso de redes sociais, incentivam a criação de novos registros que documentam eventos contemporâneos. A descrição detalhada dos documentos, por meio de catálogos e guias, facilita a exploração do acervo pelo público e promove uma maior conscientização sobre a importância da preservação da memória coletiva.

— Relevância do acervo para o enfoque da memória: as fotografias capturam momentos específicos da paisagem cultural e transmitem valores, emoções e experiências características de determinada gestão cultural, política e econômica. Além de documentar eventos históricos, as fotografias atuam como testemunhas visuais da história, reforçando a coesão social e mantendo viva a herança cultural.

— Desafios e perspectivas: os entrevistados citam que, apesar dos esforços do IHGVV, ainda existem lacunas na gestão centralizada e padronização do acervo, o que compromete a preservação e o acesso aos registros. A ausência de um sistema unificado dificulta a difusão dessas imagens, necessitando de estratégias mais eficazes para garantir a conservação digital e física dos documentos fotográficos.

— Análise crítica: a formação e preservação do acervo fotográfico do IHGVV são essenciais para a valorização da memória coletiva de Vila Velha, alegam os entrevistados. As estratégias de preservação adotadas pelo IHGVV, embora necessitem de aprimoramentos, contribuem significativamente para a construção de uma identidade cultural sensível. A continuidade dessas ações garante que as histórias e tradições da comunidade sejam preservadas para as futuras gerações.

— O enfoque da gestão documental: colabora com a preservação e uma ampla valorização da memória cultural e histórica. No contexto do IHGVV, a aplicação das funções arquivísticas ao

acervo fotográfico assegura a integridade e acessibilidade desses registros ao longo do tempo. Assim, a sondagem enfoca o processo de formação e consolidação do acervo fotográfico do IHGVV, diagnostica as estratégias de preservação utilizadas e discute a atuação do IHGVV na preservação da memória coletiva de Vila Velha. Apesar de sua atuação muitas vezes incipiente (Entrevistados 3 e 4), o IHGVV realiza ações para o resgate e valorização dos traços identitários da comunidade canela-verde.

Retomando o problema investigativo proposto, “Como o processo de formação e preservação do acervo fotográfico do IHGVV contribui para a preservação da memória coletiva de Vila Velha?” e o objetivo principal da investigação, que visa examinar o referido processo no IHGVV em prol da manutenção da memória coletiva do município, e após uma revisão narrativa de literatura, fica patente que a preservação e formação do acervo fotográfico do IHGVV colaboram com a salvaguarda da memória coletiva de Vila Velha. Ancorando-se no referencial teórico, é possível afirmar com convicção que o processo de formação e preservação desse acervo constitui um componente imperativo na preservação da memória e identidade histórica e cultural da comunidade.

A pesquisa sobre a formação do acervo fotográfico do IHGVV destaca a importância das fotografias como documentos essenciais para a valorização e difusão da memória coletiva. Ao analisar os conceitos de memória, especialmente a coletiva, percebe-se que as fotografias ajudam a preservar, revisitar e reconstruir lembranças que superam a inclinação humana de memorização e oralidade. O estudo abordou o acervo fotográfico na conjuntura arquivística, observando que documentos de arquivo são produzidos em função de atividades institucionais, e advertiu sobre os princípios de proveniência e organicidade. As fotografias do IHGVV documentam diversas atividades e mediações no Museu Casa da Memória, incluindo cursos e participação em feiras culturais, ações solidárias, mostras e exposições de arte, cultura e literatura, palestras, curadorias, mesas-redondas, projetos de extensão universitária, oficinas e trabalhos científicos.

O IHGVV atua na formação de seu acervo documental, buscando novas aquisições e resgatando, junto às famílias, coleções de fotografias que servem como “pontes entre gerações, conectando o passado ao presente e viabilizando formas para se ter uma ampla compreensão da nossa identidade e consciência histórica” (Entrevistado 3). Apesar do reconhecimento da importância do acervo de fotografias, as entrevistas apontam lacunas na gestão centralizada e padronização, o que compromete a preservação e o acesso aos registros.

A preservação e difusão do acervo fotográfico fortalecem a identidade cultural das comunidades e promovem uma consciência histórica mais sólida e abrangente entre seus membros.

As entrevistas livres proporcionaram e trouxeram uma riqueza qualitativa ao processo de análise, ao recolher detalhes e nuances valiosos para a compreensão das práticas institucionais do IHGVV. Além disso, sublinham a importância de políticas de preservação que estão a garantir a integridade e acessibilidade dos documentos a longo prazo. A combinação dessas práticas contribui para a manutenção e valorização do patrimônio cultural, e permite que as gerações futuras acessem uma rica e diversificada memória coletiva.

A articulação incipiente da função de classificação e descrição no IHGVV dificulta a difusão e o conhecimento dessas imagens para usuários internos e externos, assinalam os Entrevistados 1 e 5. Desse modo, preservar, tradicionalmente, significa manter imutável e intacto; entretanto, no ambiente digital, frequentemente, preservar envolve mudança, recriação e renovação: mudar formatos, renovar mídias, *hardware* e *software*. Essas ações devem alcançar os diferentes níveis de abstração do documento digital: físico (mídia/registo físico), lógico (*software* e formato digital) e conceitual (estrutura/conteúdo exibido).

A preservação dos documentos digitais foca na manutenção da possibilidade de acesso, o que pode implicar mudança de suporte e formato, bem como atualização do ambiente tecnológico. A degradação do suporte é causada por fatores como falta de controle de temperatura, umidade, luminosidade, agentes químicos e biológicos agressores, bem como pela manipulação inadequada ou baixa qualidade do suporte utilizado. Além de respeitar as condições ambientais especificadas pelo fabricante, é preciso substituir os suportes antes do fim de sua vida útil, técnica conhecida como atualização de suporte (*refreshing*).

As estratégias de preservação visam impedir a obsolescência de *software* e *hardware*, como migração, atualização, conversão, emulação e encapsulamento. A preservação relaciona-se ao conjunto de medidas e estratégias administrativas, políticas e operacionais que contribuem direta ou indiretamente para a conservação da integridade dos acervos e dos prédios que os abrigam. São ações para adequar o meio ambiente, os modos de acondicionamento e de acesso, visando prevenir e retardar a degradação.

A preservação requer planejamento de emergência ou plano de desastre, que estabelece medidas preventivas e de emergência em caso de sinistros, como incêndios, enchentes,

vandalismo e furto. Uma política de preservação envolve medidas de prevenção de danos; a conservação pode ser preventiva ou reparadora. Algumas medidas de preservação são:

- Adequação, por meio de equipamentos, da temperatura e da umidade relativa do ar a parâmetros favoráveis à preservação dos documentos (climatização).
- Controle da qualidade do ar, controle da luminosidade, prevenção de infestação biológica, e os procedimentos de manutenção, segurança e proteção ao fogo (incêndio) e danos por água (enchente, inundação e alagamento).
- Criação e manutenção de ambiente de armazenamento propício à preservação digital.
- Acolhida das recomendações específicas para o armazenamento de acervos de fotografias e registros magnéticos, conforme diretrizes da Câmara Técnica de Conservação de Documentos do Conarq (órgão que integra o Ministério da Gestão e da Inovação em Serviços Públicos). Para fotografias em preto e branco, sugere-se uma temperatura de 12°C e uma umidade relativa de 35%, enquanto para fotografias coloridas, a temperatura deve ser de 5°C e a umidade relativa também de 35%. Além disso, orienta-se proteger as janelas com cortinas ou persianas para bloquear a incidência direta do sol, o que contribui para o controle térmico do ambiente.

A análise das funções arquivísticas aplicadas ao acervo fotográfico do IHGVV revelam a importância das práticas de gestão documental para a preservação da memória documental de Vila Velha. Embora a atuação do IHGVV seja muitas vezes considerada incipiente e amadora, suas ações contribuem significativamente para a manutenção do patrimônio histórico da comunidade. A continuidade e o aperfeiçoamento dessas práticas são essenciais para garantir que a memória coletiva de Vila Velha seja preservada e permaneça acessível para as futuras gerações. A profissionalização das atividades do IHGVV pode potencializar ainda mais seu impacto na preservação cultural e histórica da cidade.

Para identificar os problemas gerais do acervo, propõem-se diretrizes que possam incluir a pauta imagética no registro dos metadados, abrangendo a adoção do Plano de Classificação de Documentos do Conarq e o uso da Nobrade para a completa descrição das fotografias. Essas medidas visam aperfeiçoar a organização, recuperação e preservação das coleções fotográficas. Sugere-se a adoção do *software* AtoM (plataforma de descrição, acesso à memória) para centralizar o armazenamento das imagens, facilitando a entrada, a descrição (novo padrão *Records in Contexts - RiC*) e a difusão das informações, alinhada à legislação vigente. Esse sistema permitirá que as fotografias cumpram seu papel social e institucional de

maneira eficaz.

Os resultados da pesquisa indicam que os dirigentes do IHGVV reconhecem a primazia da organização das fotografias para a preservação da memória coletiva e institucional. As diretrizes propostas buscam apoiar a gestão eficiente do acervo fotográfico da entidade, garantindo a organicidade, integridade, autenticidade e acessibilidade das informações, e promovendo formas para a preservação e a mediação do acervo fotográfico.

A inclusão de metadados arquivísticos detalhados revela-se evidente para uma representação precisa dos documentos fotográficos, e enfatiza a insuficiência da descrição textual diante da natureza visual da linguagem fotográfica que pode ser prejudicial à missão da instituição. Entende-se que normas arquivísticas, como a Nobrade, desempenham um papel significativo na padronização da descrição de documentos fotográficos, alinhando-se às diretrizes internacionais e promovendo uma descrição multinível flexível.

As entrevistas conduzidas como parte deste estudo acrescentaram camadas de compreensão, e revelam preocupações adicionais que transcendem o âmbito técnico da catalogação de fotografias. A gestão dos direitos autorais das imagens no acervo emerge como uma questão de integridade intelectual e legal, destacando o compromisso do IHGVV com a proteção dos direitos dos fotógrafos e a salvaguarda do patrimônio cultural. As entrevistas evidenciaram a importância da divulgação e da educação histórica na promoção do interesse e do engajamento com a história local, bem como a necessidade de aprimorar a comunicação sobre a disponibilidade do acervo fotográfico, explorando o potencial das tecnologias digitais.

Portanto, este estudo responde ao problema de pesquisa proposto, e sinaliza para a necessidade de uma abordagem integrada e holística na preservação da memória coletiva por meio de acervos fotográficos. O estímulo a políticas públicas e institucionais, aliado à conscientização sobre questões éticas e educacionais relacionadas ao uso e preservação das fotografias, representa uma via promissora para garantir a continuidade e a relevância do patrimônio cultural para as futuras gerações.

Para garantir a autenticidade e fidedignidade das informações visuais, Kossoy (2001; 2007) enfatiza a necessidade de um exame crítico rigoroso dos textos, imagens e publicações. É essencial desmontar as camadas dos documentos e analisá-los em torno de seus elementos constituintes, considerando o contexto histórico e as condições de produção. Só com a crítica atenta aos órgãos produtores e controladores da informação pode-se evitar a manipulação e

assegurar uma memória coletiva mais justa e representativa.

A preservação da memória na era digital exige ações concretas e coordenadas, que incluem:

- Considerar a preservação no momento da criação da informação: pensar na preservação desde a criação dos documentos, garantindo que sejam produzidos com critérios que facilitem sua futura conservação.
- Estabelecer critérios claros de seleção: definir quais informações têm valor permanente e quais são transitórias colabora com uma gestão eficiente.
- Criar metainformações e mecanismos técnicos: garantir a durabilidade dos suportes digitais por meio de metadados e outras ferramentas técnicas.
- Assegurar a sustentabilidade econômica: procedimentos de preservação devem ser viáveis economicamente para serem mantidos a longo prazo.
- Diferenciar informações: separar as informações de valor permanente das transitórias para otimizar recursos e esforços (visto que não há memória espontânea).

Ao implementar essas estratégias, será possível assegurar que o acervo fotográfico e outros documentos históricos sejam preservados e acessíveis, contribuindo para uma memória coletiva rica e bem documentada. Essa abordagem tanto preserva o passado, como constrói um legado sólido para o futuro, promovendo a continuidade do conhecimento e da identidade cultural. Por conseguinte, dentre as atividades que devem fazer parte desse programa gradual de preservação estão a análise do ambiente físico da instituição, a organização de projetos para prevenção de desastres, a revisão das práticas de manuseio e processamento dos materiais, bem como a identificação de fontes de financiamento para as ações de preservação.

Nessa via, este estudo abre várias frentes para pesquisas futuras. A avaliação de tecnologias emergentes, como *blockchain* para autenticação de documentos e inteligência artificial para categorização e recuperação de imagens, pode revolucionar a preservação digital. Estudos comparativos entre diferentes instituições e suas abordagens à gestão de acervos fotográficos podem revelar melhores práticas e áreas de melhoria. Além disso, investigar como programas educacionais e campanhas de divulgação influenciam o engajamento da comunidade com o acervo e a memória coletiva pode oferecer novas perspectivas valiosas.

Analisar como diferentes grupos de usuários acessam e utilizam o acervo fotográfico ajudará a adaptar políticas de acesso e preservação às necessidades reais. O desenvolvimento e a avaliação de políticas públicas voltadas para a preservação de acervos digitais em diferentes

contextos institucionais e culturais poderão promover a eficácia e a sustentabilidade das práticas de preservação. Essas direções contribuirão para aprofundar a compreensão sobre a preservação da memória coletiva, assegurando que os acervos fotográficos continuem a servir como fontes ricas e valiosas para as futuras gerações.

Infere-se que a transformação digital assume relevância significativa, pois redefine constantemente o papel do acervo fotográfico, tornando-o um elemento fundamental para a valorização e preservação da memória coletiva da cidade. Ademais, essa evolução demanda a adoção de novas abordagens, incluindo estratégias de *marketing* digital, como a criação de *websites* e perfis em redes sociais, o desenvolvimento de planejamento de conteúdo, a construção de *networking* e a exploração de oportunidades de monetização em plataformas como o *Instagram*. Tais processos de criação e curadoria são essenciais para garantir a relevância e acessibilidade do acervo fotográfico nos contextos atual e futuro.

A frase da epígrafe “É necessário se espantar, se indignar e se contagiar. Só assim é possível mudar a realidade” (Silveira, 2007) destaca a importância de ter olhares investigativos intensos diante das injustiças e problemas sociais para promover mudanças significativas. Ao depararmos com essas imagens, somos frequentemente surpreendidos e espantados pela realidade nelas retratada, revelando detalhes que desconhecíamos ou havíamos esquecido. Esse espanto inicial abre nossos olhos para a gravidade das situações representadas e as lacunas em nosso patrimônio documental. A indignação surge ao reconhecermos as dificuldades, injustiças e invisibilidades enfrentadas por aqueles que vieram antes de nós, despertando a urgência em prol da cidadania, inclusão e integração. Finalmente, ao nos contagiarmos com essas coleções fotográficas, essa urgência se espalha e cria outras conexões empáticas que transcendem o tempo e mobilizam diversas ações coletivas. Dessa maneira, o acervo do IHGVV não só preserva memórias, mas também inspira e multiplica transformações sociais, provocando as emoções necessárias para construir um futuro mais justo, biossociável e consciente.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- AMARAL, Luciana. **A importância do tratamento intelectual das fotografias visando à recuperação da imagem**. 2009. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/document?vid=a7124513-4d24-4b3c-8719-ec885ae39c43>. Acesso em: 23 jan. 2024.
- ANAFISCO. **Conheça Vila Velha**: as maiores curiosidades sobre essa cidade histórica. São Paulo: Anafisco, dez. 2022. Disponível em: <https://anafisco.org.br/conheca-vila-velha-as-maiores-curiosidades-sobre-essa-cidade-historica/>. Acesso em: 10 mar. 2024.
- APPOLINÁRIO, Fábio. **Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Cengage Learning, 2015.
- ARARIPE, Fátima Maria Alencar. Do patrimônio cultural e seus significados. **Transinformação**, Campinas, v. 16, n. 12, p. 111-122, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/115651>. Acesso em: 10 fev. 2024.
- ARAÚJO, Maria Paula; SANTOS, Myrian Sepúlveda. História, memória e esquecimento: implicações políticas. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Lisboa, 79, 2007, p. 99. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/pdf/728>. Acesso em: 27 jul. 2024.
- ARBOLEDA, Santiago. Paisanajes, colonias y movilización social afro-colombiana, en el suroccidente colombiano. *In*: MOSQUERA, Claudia; PARDO, Mauricio; HOFFMAN, Odile (org.). **Afrodescendientes de las Américas**: trayectorias sociales e identidades. 150 años de la abolición de la esclavitud en Colombia. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, ICAH/IRD/ ILSA, 2002. p. 399-420. Disponível em: http://cm-cls-content.s3.amazonaws.com/201801/interativas_2_0/patrimonio_museus_e_arquivos/u1/livro_unico.pdf. Acesso em: 19 mar. 2024.
- ARRUDA, Rogério Pereira de; GANDUM, Ana. A fotografia em instituições de memória: experiências no Brasil e em Portugal. **Revista de História da UEG**, Morrinhos, v. 9, n. 2, p. 1-8, 2020. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/10678>. Acesso em: 18 fev. 2024.
- BAER, Alejandro. La memoria social: breve guía para perplejos. *In*: SUCASAS, Alberto; ZAMORA, José Antonio (org.). **Memoria-Política-Justicia**: en diálogo con Reyes Mate. Trotta: Madrid, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Speech Genres and Other Late Essays**. Austin, University of Texas Press: UT Slavic Series, 1986. Disponível em: <https://utpress.utexas.edu/9780292782877/>. Acesso em: 19 fev. 2024.
- BARROS, Aline. **Museus de ciências e docência**: educação museal e relações no contexto da cibercultura. 2022. 359f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e

Saúde) — Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: 2022. Disponível em: <https://ppgdc.coc.fiocruz.br/images/dissertacoes/Aline-Pessoa-dissert-final.pdf>. Acesso em: 18 maio 2024.

BIONDO, Fernanda Gabriela. **Desafios da Educação no Campo do Patrimônio Cultural: Casas do Patrimônio e Redes de Ações Educativas**, 2016. 267 fls. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) — IPHAN, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1893>. Acesso em: 16 abr. 2024.

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, set./dez. 2006. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/centrais-de-conteudo-old/recomendacao-05-2020-a-pdf>. Acesso em: 12 jan. 2024.

BRAGA, Adriana Reguete Martins; SILVA, Natasha Hermida Pereira Castro da: ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Recomendações para o tratamento de fotografias digitais no contexto da gestão de documentos**: recomendações nº 5 para gestão de documentos nos órgãos e entidades do Poder Executivo federal. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/centrais-de-conteudo-old/recomendacao-05-2020-a-pdf>. Acesso em: 02 maio 2024.

BRASIL. Arquivo Nacional. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística – DBTA**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. 232 p. Disponível em: https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/dicionrio_de_terminologia_arquivistica.pdf. Acesso em: 19 fev. 2024.

BRASIL. Arquivo Nacional: Conselho Nacional de Arquivos – CONARQ. **Resolução nº 41, de 9 de dezembro de 2014**: Dispõe sobre a inserção dos documentos audiovisuais, iconográficos, sonoros e musicais em programas de gestão de documentos arquivísticos [...]. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 11 dez. 2014. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=30&data=11/12/2014>. Acesso em: 11 fev. 2024.

BRASIL. Casa Civil da Presidência da República. **Constituição de 1988**: Edição Oficial da Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/textos/verTexto.asp?servico=legislacaoConstituicao>. Acesso em: 03 jul. 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qual Res Psychol**, Cardiff, v. 3, n. 2, 2006, p. 77-101. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 27 jul. 2024.

BRUM, Crhis Netto de. *et al.* Revisão Narrativa de Literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem. *In*: LACERDA, M. R.; COSTENARO, R. G. S. (org.). **Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde**: da teoria à prática. Porto Alegre: Moriá, 2015.

CABERO, Maria Manuela Moro. A preservação da memória coletiva: a esquizofrenia de arquivar recursos digitais polimorfos e heterogêneos. *In*: OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg (org.). **Memória: interfaces no campo da informação**.

Brasília: Ed. UnB. 2017. cap. 6, p. 175-214.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. **Tempo e circunstância: a abordagem contextual dos arquivos pessoais**. São Paulo, SP: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007. 312 p.

CANABARRO, Ivo. Fotografia, história e cultura fotográfica: aproximações. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 31, n. 2, 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/view/1336>. Acesso em: 19 fev. 2024.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2003.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2021.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de; SOUZA, Brenda Rúbia Gonçalves; CUNHA, Ana Paula Araújo. Passaporte para a floresta: a regulação do extrativismo de balata na Floresta Estadual do Paru, estado do Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, v. 13, n. 2, p. 261-291, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981.81222018000200002>. Acesso em: 22 jan. 2024.

CASSARES, Norma Cianflone; MOI, Cláudia. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas**. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial do Estado, 2000. (Projeto como fazer, 5). Disponível em: <https://arqsp.org.br/cpba/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

CERÁVOLO, Ana Lúcia. **Interpretações do patrimônio: arquitetura e urbanismo moderno na constituição de uma cultura de intervenção no Brasil, anos 1930-60**. 2010. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) — Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2010. doi:10.11606/T.18.2010.tde-04052011-151700. Acesso em: 08 jan. 2024.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CHAVES, César Roberto Castro. **Políticas de revitalização do Centro Histórico de São Luís – Ma e lutas pelo direito à cidade: A não efetividade dos programas de habitação e a permanência das formas precárias de moradia**. 2023. 312 f. Tese (Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas/CCSO) — Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/4800>. Acesso em: 23 jul. 2024.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Trad. Luciano Vieira Machado. 3 ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.

CLOONAN, Michèle Valerie. Preservando documentos de valor permanente. *In*: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (org.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. cap. 4, p. 107-134.

CONARQ: CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. Disponível em: https://www.gov.br/conarq/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/dicionario_de_terminologia_arquivistica.pdf. Acesso em: 06 abr. 2024.

CONCEIÇÃO, Tamires Neves. **Informação audiodescritiva e a preservação digital: uma análise do diálogo entre a Ciência da Informação e a audiodescrição**. 2021. 328 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://cridi.ici.ufba.br/institucional/arquivos/Tese-Tamires-Neves-Conceicao-PPGCI-UFBA-2021.pdf>. Acesso em: 07 abr. 2024.

COSTA, Eduardo Augusto. Da fotografia à cultura visual: Arquivo Fotográfico e práticas de preservação do Iphan. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 19-43, 2016. DOI: 10.1590/1982-02672016v24n0301. Disponível em: <https://www.scienceopen.com/document?vid=a7124513-4d24-4b3c-8719-ec885ae39c43>. Acesso em: 18 fev. 2024.

COUGO JUNIOR, Francisco Alcides. **A patrimonialização cultural de arquivos no Brasil**. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2023. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1_pMCDTBsgEOWDgrqHYsfK6FugoG6EL60/view. Acesso em: 13 maio 2024.

CRIPPA, Giulia. O patrimônio cultural: a cidade como documento. *In*: CRIPPA, Giulia; MOSTAFA, Solange Puntel (org.). **Ciência da informação e documentação**. Campinas, SP: Alínea, 2011. cap. 4, p. 53-70.

CUNHA, Murilo Bastos da. Preservar é preciso, viver não é preciso. **Revista Iberoamericana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 9, n. 2, p. 340–344, 2016. DOI: 10.26512/rici.v9.n2.2016.2412. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2412>. Acesso em: 13 maio 2024.

DODEBEI, Vera. Memoração e patrimonialização em três tempos: mito, razão e interação digital. *In*: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (org.). **Memória e novos patrimônios**. Marseille: OpenEdition Press, 2015. cap.1, p. 21 -45. Disponível em: <https://books.openedition.org/oep/417>. Acesso em: 30 maio de 2024.

DODEBEI, Vera. Patrimônio digital virtual: herança, documento e informação. *In*: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26, 2008, Porto Seguro. **Anais [...]**. São Paulo: Associação Brasileira de Antropologia, 2008. v. 1. p. 1-12. Disponível em: <https://docplayer.com.br/68243770-Patrimonio-digital-virtual-heranca-documento-e-informacao-1.html>. Acesso em: 20 fev. 2024.

DODEBEI, Vera; GOUVEIA, Inês. Memória do futuro no ciberespaço: entre lembrar e esquecer. **Revista de Ciência da Informação**, v. 9, n. 5, p. 1-13, 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6345>. Acesso em: 20 fev. 2024.

DURSO, Fábio Cabral. Abordagens sobre Memória Social à luz do Patrimônio Cultural. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 1, n. 23, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/RCH/article/view/16336>. Acesso em: 6 abr. 2024.

EFFGEN, Marcio Valéri; MOZINE, Augusto Cesar Salomão. Expansão urbana e ambiente nas gestões municipais de Vila Velha-ES entre 2009-2016. **Cadernos Metrôpole**, v. 24, n. 55, p. 1123–1142, set. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/metropole/article/view/55517>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática da pesquisa**. 2 ed. Passo Fundo:

UFP, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2022-5512>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como tratar coleções de fotografias**: Projeto Como Fazer 4. São Paulo: Arquivo do Estado: Imprensa Oficial, 2002. Disponível em: <https://arqsp.org.br/biblioteca-digital-da-arq-sp/>. Acesso em: 23 jan. 2024.

FLORES, Daniel. **Transformação Digital da Gestão de Documentos**: conceitos, desafios e identificação de elementos. Aula Inaugural. Online. 47 slides, color, Padrão Slides Google Drive/Docs 16:9. Material elaborado para aula inaugural da Pós-graduação Transformação Digital da Gestão Documental, SEAD/UFES. Vitória, ES. 16 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1SXExaW0NX4&t=3259s>. Acesso em: 16 de jun de 2024.

FLORES, Daniel; SANTOS, Henrique Machado dos. Preservação do patrimônio documental arquivístico em ambiente digital. **Palabra Clave**, La Plata, Argentina, v. 7, n. 1, out. 2017. Disponível em: <https://www.palabraclave.fahce.unlp.edu.ar/article/view/PCe029/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

FORECHI, Marcilene. Fotodocumentarismo. *In*: FORECHI, Marcilene *et al.* **Fotojornalismo: técnicas e linguagens**. Porto Alegre: SAGAH, Grupo A e-book, 2019, p. 129-140. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9786581492298/>. Acesso em: 19 fev. 2024.

FRANÇA, Cytia Simioni. Memórias Como Meio de Produção de Conhecimentos Históricos. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 12, n. 23, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/14858>. Acesso em: 21 mar. 2024.

FRANCO, Juliana Oshima. Na fronteira entre realidade e representação: a problemática dos lugares. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DO CENTRO DE MEMÓRIA, 7, 2016, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Centro de Memória - Unicamp, 2019. v. 1. p. 1-11. Disponível em: <https://www.cmu.unicamp.br/viiiiseminario/anais-eletronicos/n-p-3/index.html>. Acesso em: 27 fev. 2024.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, Porto, 41, 2001, p. 23-32. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/9750>. Acesso em: 29 jun. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O Patrimônio como Categoria do Pensamento. *In*: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio**: Ensaios Contemporâneos. DP&A. Rio de Janeiro: [s. n.], 2003. Disponível em: https://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/coletaneas/06-memoria-e-patrimonio_ensaios-contemporaneos.pdf. Acesso em: 10 fev. 2024.

GORDON, Robert; KURZWELLY, Jonathan. Photographs as Sources in African History. **Oxford Research Encyclopedia of African History**. Oxford University, Oxford, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.250>. Acesso em: 15 fev.

2024.

GRIECO, Bettina. Fotografia. *In*: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (org.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/>. Acesso em: 13 fev. 2024.

GUERRA, Claudia Bucceroni; MARQUES JUNIOR, Jairo André. [Fotografias], prova e contexto: uma reflexão a partir das imagens dos campos de concentração nazistas. **P2P & Inovação**, Rio de Janeiro, RJ, v. 7, n. 1, p. 132-145, 2020. DOI: 10.21721/p2p.2020v7n1.p132-145. Disponível em: <https://revista.ibict.br/p2p/article/view/5454..> Acesso em: 11 maio 2024.

GURAN, Milton. **Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica**: Notas e reflexões. Fundação Nacional de Artes – Funarte: Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia. Brasília, 2012. Disponível em: <https://livrosdefotografia.org/publicacao/31838/documentacao-fotografica-e-pesquisa-cientifica-notas-e-reflexoes>. Acesso em: 23 jan. 2024.

GURAN, Milton. O olhar engajado : inclusão visual e cidadania. **Studium**, Campinas, n. 27, p. 99-114, 2008. DOI: 10.20396/studium.v0i27.12349. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12349>. Acesso em: 12 fev. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2013.

HEDSTOM, Margaret. Arquivos e memória coletiva: mais que uma metáfora, menos que uma analogia. *In*: EASTWOOD, Terry; MACNEIL, Heather (org.). **Correntes atuais do pensamento arquivístico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016. cap. 8, p. 237-259.

HOBSBAWM, Eric John Ernest. **Era dos extremos**: o breve século XX : 1914-1991. 2. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1995. 598 p.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004. 116 p. (Coleção agenda do milênio).

INTERPARES 2 Project. **Diretrizes do preservador**: a preservação de documentos arquivísticos digitais: diretrizes para organizações. Tradução e revisão Arquivo Nacional e Câmara dos Deputados. Vancouver: University of British Columbia, 2010. Disponível em: http://www.interpares.org/display_file.cfm?doc=ip2_preserver_guidelines_booklet--portuguese.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

JAYO, Martin; VARGAS, Diego Vasconcellos. A memória das cidades na sociedade digital: reflexões para São Paulo e o exemplo de ‘Quando a cidade era mais gentil’. **Confins**, Paris, v. 39, 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/18551?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2024.

KARPINSKI, Cezar; KRESSIN, Fernanda Barbizan; VIEIRA, Keitty Rodrigues. Patrimônio digital em discussão na área de Ciência da Informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 27-56, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/39043>. Acesso em: 23 jan. 2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Atelié, 2001.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 2. ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2007. 174 p.

LACERDA, Aline Lopes de. Quatro variações em torno do tema acervos fotográficos. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**: AGCRJ, Rio de Janeiro, n.7, p. 239-248, 2013. Disponível em: <http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/category/numero-7/>. Acesso em: 28 abr. 2024.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2021.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 6. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2012. 524 p.

LIMA, Francisca Helena Barbosa; MELHEM, Mônica Muniz; CUNHA, Oscar Henrique Liberal de Brito (coord.). **A fotografia na preservação do patrimônio cultural: uma abordagem preliminar**. Cadernos de pesquisa e documentação do IPHAN. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN: Coordenação-Geral de Pesquisa, Documentação e Referência - Copedoc, 2008. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/CadPesDoc_4_FotografiaPreservacao_m.pdf. Acesso em: 05 maio 2024.

LIMA, Manoel Roberto Nascimento de. **A fotografia como instrumento da documentação e preservação da memória: arte e sobrevivência no alto Vale do Ribeira**. 2007. 120 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4938>. Acesso em: 05 ago. 2024.

LODOLINI, Elio. **Archivistica: principi e problemi**. Milano: Franco Angeli Libri, 1990.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MALVERDES, Andre. **O mundo dos cinemas de rua em imagens: organização da informação e descrição de acervos fotográficos reunidos em coleções**. 2015. 204 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/jspui/handle/10482/20290>. Acesso em: 01 abr. 2024.

MARTINS, Sara Daniela Teixeira. **A Memória de um Lugar: discursos e práticas identitárias na Freguesia do Castelo em Lisboa**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) — ISCSP, Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/3674/1/Tese%20Mestrdo%20Sara.pdf>. Acesso em: 05 jan. 2024.

MEDEIROS, Gilka Flores de. **Por que preservar, conservar e restaurar?** Belo Horizonte: Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais, 2005.

MEIRA, Chéli Nunes. **O Instituto Histórico e Geográfico de Pelotas - IHGPEL : um estudo sobre a origem, constituição e administração de um lugar de memória**. 2015. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) — Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPel. Universidade Federal de Pelotas: UFPel, Pelotas, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/2915>. Acesso em: 08 fev. 2024.

MIGUEL, Marcelo Calderari; COSTA, Rosa da Penha Ferreirada; ALDABALDE, Taiguara Villela. Mediação e Difusão Como Campos de Ação Complementares: Observando Atividades do Instituto Histórico e Geográfico De Vila Velha (ES), Brasil. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 23/24, n. 33/34, p. 119- 129, 2023. Disponível em: <http://revista.fumec.br/index.php/mediacao/article/view/9478>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MIGUEL, Marcelo Calderari; FURTADO, Marcello França; SILVA, Luiz Carlos. Experiências no instituto histórico e geográfico de vila velha: relato de estágio reflexivo, múltiplas vivências arquivísticas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 27, n. 1, p. 1-15, 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/197897>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MIGUEL, Marcelo Calderari; SILVA, Luiz Carlos da; ALDABALDE, Taiguara Villela. Difusão e mediação cultural na Casa de Memória de Vila Velha: um relato a considerar a partir da perspectiva interdisciplinar. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, v. 15, n. 1, p. 453- 468, 2022. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/941>. Acesso em: 19 fev. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza.; GOMES, Suely Ferreira Deslandes Romeu. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2009, p.9-29.

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. **Memória individual e coletiva**. Jornal da UNICAMP: Universidade Estadual De Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-ecoletiva>. Acesso em: 06 mar. 2024.

MOREIRA, Fábio Mosso; VALENTIM, Marta Lígia Pomim; SANT'ANA, Ricardo César Gonçalves. A interdisciplinaridade da Ciência da Informação e suas contribuições no estudo do compartilhamento de dados governamentais na Internet. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 300–329, 2018. DOI: 10.19132/1808-5245242.300-329. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/75308>. Acesso em: 19 abr. 2024.

MOURA, Eduardo Ferreira. Conservar e punir, normas legais e infralegais de preservação do patrimônio no Brasil. **PatryTer: Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, Brasília, v. 6, n. 11, p. 01–18, 2023. DOI: 10.26512/patryter.v6i11.40863. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/patryter/article/view/40863>. Acesso em: 16 abr. 2024.

MULLER, Douglas André; SANTOS, Andréia dos; MARIA, Cicilia Conceição de; PEREIRA, Maria de Nazaré Freitas. Preservação digital de dados pessoais. *In*: ARELLANO, Miguel Ángel Márdero; ESTELA, Flor de María Silvestre; SANTOS, Alice da Silva dos (org.). **Temas de pesquisa em preservação digital**. Brasília: Ibict, 2024. cap.9, p. 220-245. Disponível em: <https://omp-editora.prp.ibict.br/index.php/edibict/catalog/book/339>. Acesso em: 30 maio de 2024.

MURGUIA, Eduardo Ismael. Apresentação. *In*: MURGUIA, Eduardo Ismael (org.) **Memória: um lugar de diálogo para arquivos, bibliotecas e museus**. São Carlos: Compacta Gráfica e Editora, 2010.

MUSEU NACIONAL (Brasil); UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ. **Exposições:** nossas exposições no Palácio de São Cristóvão [...]. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2024. 1 p. Disponível em: <https://www.museunacional.ufrj.br/dir/exposicoes/index.html>. Acesso em: 26 fev. 2024.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do. **Memória dos verdes anos:** saudade da infância na música popular brasileira - uma investigação e uma proposta de análise de dados. 2004. 178 f. Tese (Doutorado em Psicologia) — Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/3150/1/tese_434_.pdf. Acesso em: 9 fev. 2024.

NATIVA, Neide; REIS, Alcenir Soares dos. Informação, patrimônio e memória institucional: a experiência do curso de especialização em cultura e arte barroca em ouro preto. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 142-155, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/31192>. Acesso em: 9 fev. 2024.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares.** Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/>. Acesso em: 09 fev. 2024.

OLIVEIRA, Antônia Eugênia de. Um Estudo Acerca do Patrimônio Cultural no Município do Crato Ceará e sua Gestão. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v.2, n. 2, p. 16-24, jul./dez., 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/39406>. Acesso em: 19 fev. 2024.

OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg. O conceito de memória na Ciência da Informação: análise das teses e dissertações dos programas de pós-graduação no Brasil. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, março, 2011. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3302>. Acesso em: 09 fev. 2024.

OTLET, Paul. **Tratado de Documentação:** o livro sobre o livro. Brasília: Briquet de Lemos, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003043331.pdf>. Acesso em: 18 maio 2024.

PALACIN, Vitche. **Fotografia - Teoria e Prática.** São Paulo: Editora Saraiva, 2012. E-book. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502175327>. Acesso em: 17 fev. 2024.

PATO, Paulo Roberto Gomes. **Imagens:** polissemia versus indexação e recuperação da informação. 2015. 340 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. https://www.cebraspe.org.br/concursos/mp_to_24_servidor

PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. A imagem como fonte na pesquisa em História da Educação. *In:* FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Museus:** dos gabinetes de curiosidades à museologia moderna. Belo Horizonte: Fino traço, 2013. cap.8, p. 199-215.

PEREIRA, Railane Antunes. Arquivos, Educação Patrimonial e Ensino de História: os benefícios e obstáculos dessas aproximações. *In:* SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH, 29, 2017, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: Associação Nacional de História, 2017. v. 1. p. 1-17. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/site/anais#R>. Acesso em: 27 fev. 2024.

PISTORELLO, Daniela. **Patrimônio, museus e arquivos**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A, 2018. Disponível em: http://cm-cls-content.s3.amazonaws.com/201801/interativas_2_0/patrimonio_museus_e_arquivos/u1/livro_unico.pdf. Acesso em: 15 fev. 2024.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/Documentos/memoria_e_identidade_social_pollak.pdf. Acesso em 12 ago. 2014.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 19 maio 2024.

PORTELLA, Viviane Portella de. **Difusão virtual do patrimônio documental do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul**. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em História) — Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/11007>. Acesso em: 14 fev. 2024.

PRADE, Aline Marcia; PEREZ, Carlos Blaya. A importância da gestão documental no contexto do acesso aos documentos e difusão dos arquivos. **Ágora: Arquivologia em debate**, Florianópolis, v. 27, n. 54, p. 226-253, 2017. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/626>. Acesso em: 21 jun. 2024.

PRADO, Luiz Régis; CARVALHO, Érika Mendes de; ARMELIN, Priscila Kutne. Crimes contra o Patrimônio Cultural. **Revista dos Tribunais Online: Ciências Penais**, São Paulo, v. 4, p.165-182, 01 jan. 2006. Mensal. Disponível em: <http://www.regisprado.com.br/Artigos/Luiz%20Regis%20Prado/Crimes%20contra%20o%20patrim%F4nio%20cultural.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2024.

RANGEL, Luiz Paulo; FURTADO, Marcello França (org.). **De Vasco a Vila: Trajetória de uma Cidade através de seus Acervos**. Vila Velha: Maré, 2021. E-book. Disponível em: <https://issuu.com/ihgvyv/docs/convite>. Acesso em: 22 mar. 2024.

RIBEIRO, Fernanda. Memória, informação e Ciência da Informação: relações e interdependências. In: OLIVEIRA, Eliane Braga de; RODRIGUES, Georgete Medleg (org.). **Memória: interfaces no campo da informação**. Brasília: Ed. UnB. 2017. cap. 4, p. 111-142.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Trad. Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROCCO, Brenda Couto de Brito; DUARTE, Renato Crivelli. Patrimônio documental digital e memória: a urgência da preservação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **A Ciência da Informação em movimento: memória, esquecimento e preservação digital**. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 111-134.

ROTHER, Edna Terezinha. Systematic literature review X narrative review. **Acta Paul Enferm.**, v. 20, n. 2, p. v-vi, 2007. Disponível em: https://acta-ape.org/wp-content/uploads/articles_xml/1982-0194-ape-S0103-21002007000200001/1982-0194-ape-S0103-21002007000200001-en.x42714.pdf. Acesso em: 20 jan. 2024.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998. 356 p.

RUEDA, Valéria Matias da Silva; FREITAS, Aline; VALLS, Valéria Martin. Memória Institucional: uma revisão de literatura. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 78-89, abr. 2011. p. 85. Disponível em <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/9723>. Acesso em: 24 abr. 2024.

SANTIAGO, Vanessa Dias. **Diagnóstico das políticas de gestão e preservação de obras raras e históricas nas bibliotecas universitária federais do Rio Grande do Sul**. 2021. 122 f. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/prefix/8837>. Acesso em: 29 jan. 2024.

SANTOS, Henrique Machado dos; FLORES, Daniel. O Documento Digital No Contexto Das Funções Arquivísticas. **Páginas a&b: arquivos e bibliotecas**, Porto, p. 165-177, 2016. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/1477>. Acesso em: 18 jun. 2024.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e identidade nacional**. São Paulo: Annablume, 2013. 262 p.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SARMENTO-PANTOJA, Tânia Maria; SILVA, Deurilene. Empatia E Compaixão: a fotografia como lugar de memória. **EntreLetras**, Araguaína, v. 13, n. 3, p. 139–155, 2022. DOI: 10.20873/uft2179-3948.2022v13n3p139-155. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/entreletras/article/view/15627/20954>. Acesso em: 19 fev. 2024.

SIEBRA, Sandra de Albuquerque; BORBA, Vildeane da Rocha. Da preservação digital à curadoria digital. In: SIEBRA, Sandra de Albuquerque; BORBA, Vildeane da Rocha (org.). **Preservação Digital e suas facetas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. p. 265-302. Disponível em: https://www.ufpe.br/documents/39626/3547884/Ebook_Preservac%C2%B8a~o_Digital_e_suas_Facetas_2021.pdf/128192be-71fe-4b9b-b685-28fbee9d928d. Acesso em: 12 jun. 2024.

SILVA, Igor Oliveira da. **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte: locus da identidade potiguar e preservação da memória nacional**. 2020. 164f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020a. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18488?locale=pt_BR. Acesso em: 23 jan. 2024.

SILVA, Jeferson Mendonça dos Santos. **O Patrimônio Fotográfico na Era Digital: gestão de documentos fotográficos nato digitais no Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz**. 126f. Dissertação (Mestrado em Preservação e Gestão do Patrimônio Cultural das Ciências e da Saúde) — Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, 2021. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/53533>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SILVA, Luiz Carlos da. **Desafios da implementação da política pública de arquivos: as**

funções arquivísticas e o acesso à informação na Prefeitura Municipal de Vitória, ES. 2020. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) — Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020b. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33628>. Acesso em: 11 ago. 2023.

SILVA, Luiz Carlos da; MIGUEL, Marcelo Calderari; COSTA, Rosa da Penha Ferreira da. Patrimônio documental no enfoque da literatura científica: um estudo bibliométrico na Base de Periódicos em Ciência da Informação. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, v. 15, p. e02104, 2021. DOI: 10.36311/1981-1640.2021.v15.e02104. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/10170>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SILVA, Márcio de Assumpção Pereira da. Memória e Fotografia: um estudo sobreinformação visual em São Carlos (SP). **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 1, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/345>. Acesso em: 18 fev. 2024.

SILVEIRA, Nise da. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

SILVEIRA, Rogerio Zanon da. **Configurações subjetivas na gestão metropolitana em Vitória - ES**. 2015. 274 f. Tese (Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração) — Universidade Federal do Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFMG_4f084cc9b49dfc18af85f1dd58f1cf77. Acesso em: 24 jul. 2024.

SOARES, Inês Virgínia Prado; QUINALHA, Renan Honório. A memória e seus abrigos: considerações sobre os lugares de memória e seus valores de referência. **Revista Anistia Política e Justiça de Transição**, Brasília, n. 4, p. 250 - 279, jul./ dez. 2010. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/a_pdf/2011_revista_anistia_04.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

SONEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. **Historiæ**, Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 113-120, 2011. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2366>. Acesso em: 11 fev. 2024.

SOUSA, Raquel Juliana Prado Leite de; ZAFALON, Zaira Regina. Acervos fotográficos em bibliotecas: um desafio metodológico. In: SOUSA, Lucília Maria Abrahão e; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes; GRACIOSO, Luciana de Souza. **A imagem em Ciência da Informação: reflexões teóricas e experiências práticas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, Cap. 5, p. 93-116, 2014. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/44056/>. Acesso em: 12 fev. 2024.

SOUZA, Carla Gabrieli Galvão de. Patrimônio Cultural: o processo de ampliação de sua concepção e suas repercussões. **Revista dos Estudantes de Direito da Universidade de Brasília**, Brasília, n. 7, p. 37-66, 2008. Disponível em: <https://vlex.com.br/vid/patrimonio-cultural-processo-sua-suas-223330633>. Acesso em: 12 abr. 2024.

SOUZA, Nayara Cavalini de. **Documentos fotográficos no arquivo: preservação, conservação, dissociação e acesso no Arquivo do Patrimônio (Iphan/RJ)**. 2014. 202 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) — Iphan, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/467>. Acesso em: 23 jan. 2024.

TAVARES, Aureliana Lopes de Lacerda; FREIRE, Isa Maria. A frente de pesquisa sobre

preservação digital no Brasil. *In*: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **A Ciência da Informação em movimento**: memória, esquecimento e preservação digital. Salvador: EDUFBA, 2021. p. 135-172.

THE BRITISH LIBRARY, NATIONAL PRESERVATION OFFICE. Preservação de documentos: métodos e práticas de salvaguarda. *In*: DUARTE, Zeny (org.). **A conservação e a restauração de documentos na era pós custodial**. Salvador: Edufba, 2014. p. 25-100. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/36369>. Acesso em: 06 jan. 2024.

TRIVINÕS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UNESCO: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/heritage-legacy-from-past-to-the-future/>. Acesso em: 06 maio 2024.

UNESCO: ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Recomendação referente à Proteção e Promoção dos Museus e Coleções, sua Diversidade e seu Papel na Sociedade**: aprovada em 17 de novembro de 2015 pela Conferência Geral da UNESCO em sua 38ª sessão. Paris: Unesco, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000247152>. Acesso em: 16 jun. 2024.

VELHO, Ana Paula Machado. A semiótica da cultura: apontamentos para uma metodologia de análise da comunicação. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 10, n. 23, p. 249-257, 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2515381>. Acesso em: 06 abr. 2024.

WARD, Rodolfo. Da fotografia documental à artística. **ARS**: USP - Depto. de Artes Plásticas, São Paulo, v. 19, n. 41, p. 102-165, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.169675. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/169675>. Acesso em: 18 maio 2024.

WERTSCH, James V. Texto e dialogismo no estudo da memória coletiva. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. spe, p. 123-132, 2010. DOI: 10.1590/S1517-97022010000400010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28222>. Acesso em: 16 fev. 2024.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015. xxix, 290 p.

ZAGOTO, Vinicius. **Capixapédia**: veja 10 curiosidades sobre a cidade de Vila Velha. S/A A Gazeta do Espírito Santo Rádio e TV Ltda, Vitória, p. 1, 23 maio 2022. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/capixapedia/capixapedia-veja-10-curiosidades-sobre-a-cidade-de-vila-velha-0522>. Acesso em: 12 abr. 2024.

ANEXO – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

O/A sr./sr^a está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a) da pesquisa intitulada: ‘A formação e preservação do acervo fotográfico do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV): memórias, testemunhos e o patrimônio canela-verde’ desenvolvido por Marcelo Calderari Miguel, mestrando do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal do Espírito Santo, CNPJ: 32.479.123/0001-43, sob orientação da Prof^a Dra. Rosa da Penha Ferreira da Costa. O objetivo principal desta pesquisa é investigar e evidenciar o processo de formação e preservação do acervo fotográfico do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV) no que tange a preservação da memória coletiva do município de Vila Velha (ES).

O tempo estimado para a realização desta entrevista é de 50 minutos com 21 questões (e três blocos temáticos) que visam identificar o processo e formação e desenvolvimento de acervos fotográficos com potencial para documentar a memória coletiva da cidade de Vila Velha; diagnosticar os procedimentos atualmente adotados de produção, recebimento, constituição, manutenção, depósito ou armazenagem dos acervos fotográficos pelos membro da diretoria do IHGVV; diagnosticar as condições de salvaguarda e preservação dos acervos fotográficos existentes no IHGVV - Casa da Memória; e verificar as formas de acesso e uso dos acervos fotográficos, bem como a práticas de difusão das mediações sob esse acervo fotográfico. Para facilitar a compreensão de termos técnicos, a entrevista será realizada presencialmente, mediante agendamento prévio. Caso o entrevistado, que seja da diretoria ou um confrade, necessite de mais tempo para fornecer as respostas, será sugerido que a conclusão da entrevista seja agendada para o dia subsequente, a fim de garantir a continuidade do relato

A sua participação na pesquisa não prevê qualquer custo, não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por sua participação. Se houver você será ressarcido. Sinta-se absolutamente à vontade em deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa. Ao decidir deixar de participar da pesquisa você não terá qualquer prejuízo. O participante tem direito a buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa.

O pesquisador e sua orientadora serão os únicos a ter acesso aos dados respondidos na

entrevista, e serão tomadas todas as providências necessárias para garantir o sigilo. Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas, apontando apenas os resultados obtidos de modo geral, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Além disso, é garantido o livre acesso à informações da pesquisa por você.

Os riscos caracterizados como iminentes, visto que durante a execução da pesquisa poderão ocorrer riscos de desconforto e ansiedade quanto a identificação e a resposta do questionário que serão anonimizados (dados pessoais sensíveis) pela garantia do anonimato quando for solicitado pelo participante ou pela Instituição, em conformidade com a Lei nº 10.406/2002 e Lei nº 13.709/2018. ou pela Instituição, em conformidade com a Lei nº 10.406/2002 e Lei nº 13.709/2018.

O benefício em participar deste estudo é que você contribuirá para discussões sobre a importância do procedimento de produção e recebimento das imagens fotográficas para a preservação da memória institucional.

Você foi esclarecido (a) de que os usos das informações por mim oferecidas estão submetidos às normas éticas destinadas à pesquisa envolvendo seres humanos, da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde. E essa colaboração se fará de forma presente no estudo, por meio de uma entrevista estruturada, respondida membros/associados do IHGVV. As questões e análise dos dados coletados apresentados na pesquisa serão divulgadas quando da defesa da dissertação do pesquisador, e após a defesa, submetidos a revistas científicas da área da Ciência da Informação e demais periódicos com escopo interdisciplinar.

Caso surjam dúvidas quanto a qualquer etapa desta pesquisa, sinta-se livre para fazer contato com o pesquisador por meio do e-mail: marcelo.miguel@edu.ufes.br ou pelo telefone (27) 988422429. Para denúncias e/ou intercorrências na pesquisa, poderá contactar o Comitê de Ética (CEP) pelo telefone (27) 3145-9820, pelo e-mail cep.goiabeiras@gmail.com, pessoalmente ou pelo correio, no seguinte endereço: Av. Fernando Ferrari, 514, Campus Universitário, sala 07 do Prédio Administrativo do CCHN, Goiabeiras, Vitória - ES, CEP 29.075-910.

Este termo será redigido em duas vias e o participante receberá uma delas assinada e rubricada em todas as suas páginas por ele e pelo pesquisador.

Atesto recebimento de uma via assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido,

conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

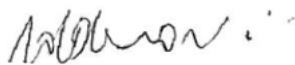
Eu, _____,

concordo voluntariamente em participar da pesquisa “A preservação da memória institucional: ‘A formação e preservação do acervo fotográfico do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha (IHGVV): memórias, testemunhos e o patrimônio canela-verde’ e declaro ainda que fui devidamente informado(a) e esclarecido pelo pesquisador responsável sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

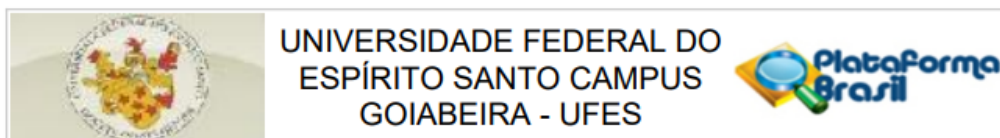
Vila Velha, ES _____ de _____ de _____

Assinatura do participante

Marcelo Calderari Miguel
Pesquisador responsável



Miguel, Marcelo C. ****²⁹ Pesquisador responsável



Situação do Parecer:



Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

VITORIA, 16 de Abril de 2024

Assinado por:
KALLINE PEREIRA AROEIRA
(Coordenador(a))

Tipo ↕	CAAE ↕	Versão ↕	Pesquisador Responsável ↕	Comitê de Ética ↕	Instituição ↕	Origem ↕	Última Apreciação ↕	Situação ↕	Ação
P	77566523.4.0000.5542	2	Marcelo Calderari Miguel	5542 - Universidade Federal do Espírito Santo Campus Goiabeira - UFES		PO	PO	Aprovado	 

²⁹***Se tiver dúvidas durante a pesquisa ou precisar de ajuda por qualquer motivo, pode entrar em contato com o responsável pela pesquisa, MIGUEL. Use o número de telefone (27) 988422429 ou nos endereços Av. Princesa Isabel, 86 - Centro, Vitória - ES, CEP 29010-360, ou Rua Coronel Otto Netto, 270 - Jockey de Itaparica, Edifício Alba Boulevard, Vila Velha-ES, CEP: 29103-810. Fique à vontade para contatar quando precisar.

APÊNDICE – ROTEIRO DE ABORDAGENS E TÓPICOS PARA A PESQUISA (RATPP)

BLOCO 1 - O IHGVV

1. Na história do IHGVV como surgiu a ideia de criar um acervo fotográfico?
2. Como é disponibilizado o acervo fotográfico do IHGVV?
3. Quais são os tipos e a quantidade total de fotografias no acervo do IHGVV? Como o Instituto as adquiriu (a recepção de materiais) e selecionou?
4. Como o IHGVV avalia a relevância do acervo fotográfico para a compreensão da história de Vila Velha? Existem lacunas ou áreas de interesse que ainda precisam ser preenchidas?
5. Como o IHGVV lida com o desafio de preservar e disponibilizar fotografias que retratam eventos ou temas sensíveis ou controversos?
6. Qual é o posicionamento do IHGVV em relação aos debates em torno da propriedade intelectual e dos direitos de imagem associados às fotografias do acervo?
7. Como o IHGVV tem desempenhado o papel de preservar a memória coletiva do município de Vila Velha (ES)? Quais são as principais atividades do IHGVV para alcançar esse objetivo? Quais são os desafios enfrentados pelo IHGVV na manutenção e preservação do acervo fotográfico?

BLOCO 2 - DIRETRIZES, PLANOS, AÇÕES, PROJETOS

8. O processo de formação do acervo envolveu não apenas a coleta e aquisição de fotografias, mas também a seleção e a organização das imagens de forma a permitir a consulta e a pesquisa pelos usuários. Quais são as diretrizes adotadas pelo IHGVV para catalogação e indexação das fotografias, permitindo busca por temas, datas, pessoas, lugares e eventos retratados?
9. Quais são os métodos utilizados pelo IHGVV para preservar as fotografias do acervo em bom estado?
10. Qual é o papel da propriedade intelectual e dos direitos de imagem na gestão e utilização do acervo fotográfico do IHGVV, e como equilibrar os interesses dos proprietários das fotografias com a necessidade de acessibilidade e integridade do acervo?
11. Como as tecnologias digitais podem ser utilizadas para a preservação e difusão do acervo fotográfico do IHGVV, e quais são os desafios técnicos e financeiros associados a essa abordagem, e há alguma iniciativa para o uso de tecnologias digitais na gestão do acervo fotográfico?
12. Como o IHGVV se prepara para as mudanças tecnológicas e culturais que podem afetar a preservação e acessibilidade do acervo fotográfico no futuro, e quais são as

principais tendências e desafios nesse assunto?

13. Como o IHGVV se relaciona com outras instituições, públicas ou privadas, envolvidas na preservação e divulgação da história de Vila Velha, e existem parcerias em curso envolvendo o acervo fotográfico?
14. Quais são os principais desafios técnicos e financeiros enfrentados pelo IHGVV na preservação e gestão do acervo fotográfico (caminhos e estratégias para lidar com os desafios identificados), e de que forma esses desafios podem afetar a longevidade e acessibilidade do acervo no futuro?
15. Qual foi o papel dos membros (confrades) do IHGVV no processo de formação e constituição do Acervo Fotográfico, quais foram as principais estratégias utilizadas para coletar, selecionar e organizar as fotografias, e como o IHGVV tem trabalhado na preservação e disponibilização.
16. Há normativos, atas ou protocolos específicos que regulamentam a preservação do acervo? Como essas estratégias têm contribuído para a manutenção da integridade e da acessibilidade das fotografias ao longo do tempo?

BLOCO 3 - OUTRAS INTERFACES E CONEXÕES

17. Como a história de Vila Velha é representada e construída através das fotografias do acervo do IHGVV? Qual é o impacto da preservação desse acervo para a construção de uma memória coletiva para a cidade?
18. De que forma a preservação do acervo fotográfico do IHGVV pode contribuir para a promoção do turismo cultural, da educação patrimonial e para a conscientização sobre a importância da preservação da memória em Vila Velha? Quais são as oportunidades e os desafios associados a essa abordagem?
19. Como o IHGVV tem ampliado seu acervo fotográfico ao documentar eventos históricos, atividades econômicas e a vida cotidiana em Vila Velha? Quais são as estratégias utilizadas para coletar e preservar essas imagens e como elas contribuem para a compreensão da história, da cultura e para o desenvolvimento de políticas públicas de preservação do patrimônio histórico e cultural de Vila Velha?
20. Qual é a relação entre as fotografias do acervo do IHGVV e as narrativas orais e escritas sobre a história de Vila Velha? Como essas fontes podem ser utilizadas em conjunto para uma compreensão mais completa da história da cidade?
21. Qual é a influência das fotografias do acervo do IHGVV na percepção dos moradores sobre a história e cultura da cidade, e de que forma essa preservação tem impactado na construção e difusão de uma identidade coletiva para a comunidade local?